



# Brigada de Intervenção

*Revista da Brigada de Intervenção, junho 2013, Ano VII, Nº 10*



## FORÇA BLINDADA DE RODAS



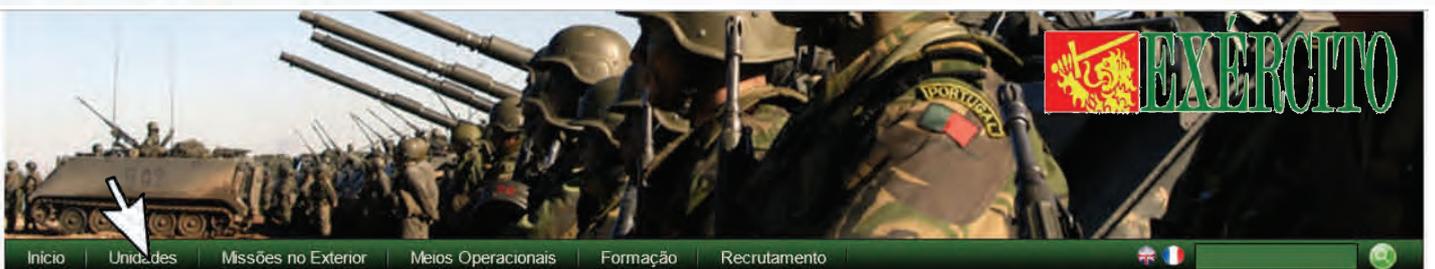
**DESDE 1961**

A vida quer o que é bom. E já se sabe o que isso é. O café Delta foi votado o café com melhor sabor e aroma num blind test, no âmbito do estudo Escolha do Consumidor realizado em Portugal. É sempre bom ver provado aquilo que já se sabe há mais de 50 anos.

[www.delta-cafes.com](http://www.delta-cafes.com)



**O CAFÉ DA SUA VIDA** 



[www.exercito.pt](http://www.exercito.pt) | [info@mail.exercito.pt](mailto:info@mail.exercito.pt) | [brigintg9@mail.exercito.pt](mailto:brigintg9@mail.exercito.pt) | Tel.: 239 821 455

Para aceder ao sítio da Brigada de Intervenção (BrigInt) via Internet, visite o portal do Exército Português ([www.exercito.pt](http://www.exercito.pt)) e clique na ligação "Unidades" e de seguida clique na opção "Brigada de Intervenção".  
Morada: Brigada de Intervenção - Aquartelamento de Santana, Rua Infantaria 23, 3000-219 Coimbra.



# Índice

## Ficha Técnica

### Diretor:

MGen Carlos Henrique de Aguiar Santos

### Redação, projeto, estrutura & capa:

Cor Cav Jocelino Rodrigues

1Sarg Cav Luís Barbosa

**Propriedade:** Brigada de Intervenção

**Publicação:** Semestral

**Distribuição:** Gratuita

**Impressão:** 1000 exemplares

**Reprodução:** Oficina de S. José  
geral@oficinasaojose.pt

## Colaboradores

- TGen Jorge Silvério
- MGen José Calçada
- TCor Inf António Oliveira
- TCor Cav Paulo Marques
- TCor Inf Rodrigues Leal
- TCor Art Mariano Alves
- TCor Art Sousa Lopes
- TCor Inf Fernando Gonçalves
- TCor Cav Jorge Ferreira
- Maj Cav Celestino Santana
- Maj Art Rui Rodrigues
- Maj Cav Helder Coelho
- Maj Inf Paulo Roxo
- Maj Inf João Paulo Alves
- Cap Eng Carlos Pinto
- Cap Cav Bacelar e Melo
- Ten Inf Daniel Gomes
- Ten Art Pedro Melo
- Ten Eng João Soares
- Ten RC LD Rita Perdigão
- Alf RC Pedro Rodrigues
- Alf RC Pára Ferreira da Costa
- Alf RC Fernando Loureiro
- Alf RC Hélder Pires
- Alf RC Filipe Abrantes
- Alf RC Ruben Castro
- Alf RC Valente Rodrigues
- SAj Inf David Ferreira
- 1Sarg Eng António Silva
- G7/BrigInt
- 1BI/BrigInt
- 2BI/BrigInt/KFOR
- CTm/BrigInt
- Cmd/ERec/NRF2014

## Editorial

Agradecimentos ao Comando

Cerimónias e Efemérides

Entrevista ao Exmo TGen Jorge Silvério

O Comando da Brigada de Intervenção

## FND's

EUTM Somália – Uma Missão de Treino

ACOY/GAM/KTM/KFOR

O 2BI Apronta, de novo, para o Kosovo

## EXERCÍCIOS

### EXERCITO

RELÂMPAGO 13

NEPTUNO 2012

EFICÁCIA 13

### BRIGADA

"DRAGÃO 13" - MAPEX – Antevisão do CPX e FTX

VULCANO 131

### EOP

PLUTUNIX12

MARTE 13

RAIO 13

MEDULA 131

MERCURIO 13

### APRONTAMENTO

KABUL 131

PRISTINA START

O Aprontamento da UnCRC

O GAM – Agrupamento da Força Tarefa 1200

Regeneração de forças – O caso do 1BI/BrigInt

O GAC/BrigInt – Do Nascimento à Idade Maior

A CTM/BRIGINT e o PC da BrigInt – Novas tendências

As consequências da não existência de MGS na BrigInt

As funções de combate, um estudo de caso – a BrigInt

O futuro das Unidades de Reconhecimento

Recensão – "Transforming Command"

A BrigInt na NATO RESPONSE FORCE 2014

O Sistema VBR PANDUR II e a modernização do Exército

Seminário CRC

A dimensão de género e os processos de construção de paz

## APOIO ENGENHARIA

### PAOM

Viana do Castelo

Vila Real

Bussaco

Açores

### PAOC

Espinho

Vila Nova de Gaia

Logística Militar versus Empresarial - Parte I

## CDM's

Fases II (BRIGADA) E III (EXÉRCITO)

Orientação Fase II

Duatlo BTT Fase II

CDM Tiro

VII Torneio de Golfe do RE3

II Torneio de Golfe do RI19

Exercendo Cidadania

## Equipa de revisão:

- TCor Cav Manuel Lapa
- TCor Cav Manuel Pimenta
- Cap SAR Gonçalves
- Cap Cav Pedro Cabral
- Cap Cav Rui Moura
- Cap Cav Gonçalo de Medeiros
- SCh Manuel Cunha
- SCh Cav Saqueiro da Silva
- SAj Cav Dantas Pereira

Pág. 05
Pág. 06
Pág. 07 a 23
Pág. 24 a 29
Pág. 30
Pág. 31
Pág. 32 a 37
Pág. 28 e 39
Pág. 40
Pág. 41
Pág. 42
Pág. 42
Pág. 43
Pág. 44
Pág. 44 e 45
Pág. 46 a 48
Pág. 49
Pág. 49
Pág. 50
Pág. 51 e 52
Pág. 53
Pág. 54
Pág. 55
Pág. 55 e 56
Pág. 57
Pág. 58 a 60
Pág. 62 e 62
Pág. 63 a 67
Pág. 68 a 70
Pág. 71 a 73
Pág. 74 a 76
Pág. 77 a 80
Pág. 81 a 86
Pág. 87 a 90
Pág. 91 e 92
Pág. 93 a 96
Pág. 97 a 99
Pág. 100 a 103
Pág. 104
Pág. 104
Pág. 104
Pág. 104
Pág. 105
Pág. 106
Pág. 107
Pág. 107
Pág. 107
Pág. 108 a 110
Pág. 111
Pág. 111
Pág. 112
Pág. 113
Pág. 114
Pág. 115
Pág. 116 a 122





A Cavalinho apoia a  
Brigada de Intervenção

**BOLSAS \* CALÇADO \* ACESSÓRIOS DE MODA**



## Editorial

Nesta edição da revista da Brigada de Intervenção quero dar destaque ao elevado profissionalismo de todos os que servem nesta Grande Unidade. Só com grande sentido do dever, espírito de sacrifício e dedicação tem sido possível cumprir eficazmente as missões que nos são atribuídas.

Elencamos igualmente, como tema relevante para a discussão, os desafios da função comando, abordamos as questões com que nos defrontamos na atualidade, partilhamos alguns dos nossos contributos para a transformação em curso no Exército e damos conta dos nossos empenhamentos na edificação de capacidades e no

***“...Creio poder afirmar, com enorme orgulho, que só com grande profissionalismo é possível manter os elevados níveis de operacionalidade e prontidão exigidos e que possibilitam uma cabal e pronta resposta aos diversos empenhamentos e aos desafios que constantemente se nos colocam.”***

aprontamento de forças. Para isso contamos com a colaboração do General Silvério, importante referência do nosso Exército e de muitas gerações de quadros, e do meu ilustre antecessor. Mas contamos também com a inestimável colaboração de todos quantos refletem, discutem, e cumprem as tarefas e missões da Brigada.

Este ano de 2013 iniciou-se de forma auspiciosa, com a Brigada de Intervenção já empenhada na preparação do 6CN/ISAF e com o aprontamento da Recce Coy/NRF 2014. Aprontámos ainda uma Unidade de Escalão Companhia com capacidade

Crowd and Riot Control (CRC) e estamos a aprontar o 2BI/KFOR para empenhamento no KOSOVO, a partir de setembro de 2013. Preparamos ainda a projeção para o KOSOVO das VBR PANDUR necessárias à operação, em permanência, de um pelotão, o que constituirá um salto qualitativo e uma mudança significativa do nosso empenhamento neste Teatro de Operações. Por outro lado, o Plano Integrado de Treino

Operacional afeta à nossa brigada os recursos adequados ao nosso treino operacional, o que nos permitirá, no exercício DRAGÃO 13, e após a necessária avaliação feita pelo escalão superior, ver a nossa Força Tarefa 1200 pronta a ser empenhada, como uma força de escalão brigada, coerente e sustentável.

Creio poder afirmar, com enorme orgulho, que só com grande profissionalismo é possível manter os elevados níveis de operacionalidade e prontidão exigidos e que possibilitam uma cabal e pronta resposta aos diversos empenhamentos e aos desafios que constantemente se nos colocam.

Bem hajam!

**Carlos Henrique de Aguiar Santos**  
Major-General  
Comandante da Brigada de Intervenção



## AGRADECIMENTOS AO COMANDO

*“(...) O Centro de Psicologia Aplicada do Exército, por meio do seu Diretor, vem manifestar profundo agradecimento pelo envio da Revista da Brigada de Intervenção, da edição de Dezembro de 2012 (...).*

**Cor Inf Fernando Manuel Oliveira da Cruz**  
Dir CPAE



*“Na sequência da realização do 95º Aniversário da Batalha de La Lys e 77ª Romagem ao Túmulo do Soldado Desconhecido no Mosteiro da Batalha, e tendo sido o Exército constituído como a Entidade Primariamente Responsável pela organização da participação militar com o apoio dos outros Ramos, encarrega-me Sua Excelência o General Chefe do Estado-Maior do Exército de manifestar o seu apreço e reconhecimento pelo apoio prestado nas atividades desenvolvidas no âmbito do evento supra, nomeadamente na Guarda de Honra à Alta Entidade que presidiu às comemorações, bem como à cerimónia militar, que lhe seguiu, na deposição de coroas no Túmulo do Soldado Desconhecido e no transporte às entidades convidadas pela Liga dos Combatentes.*

*Pelo referido, solicito que seja transmitido a todos os militares que contribuíram para o evento supra o mais elevado apreço do Comando do Exército.”*

**Cor Tir Inf Rui Davide Guerra Pereira**  
Ch Gab CEME



*“Encarrega-me o Tenente-General Diretor de agradecer a generosa oferta da “Revista da Brigada de Intervenção, dezembro de 2012, Ano VI, N.º 9”, que, certamente, irá contribuir para o enriquecimento do acervo da Biblioteca do IESM, partilhando assim o conhecimento produzido (...).*

**CMG EMQ Fernando Luís dos Santos Teixeira de Melo**  
Ch Gab / Diretor do IESM



*“(...)Venho por este meio agradecer o envio da Revista da Brigada de Intervenção (...).*

**MGen José Alberto Martins Ferreira**  
Diretor de Doutrina/CID



## CERIMÓNIAS E EFEMÉRIDES

### BRIGADA DE INTERVENÇÃO VISITA TGEN CFT

A Brigada de Intervenção teve a honra de receber, no dia 3 de dezembro, a visita do Exmo Comandante das Forças Terrestres, TGEN Hernandez Jerónimo. O TGen Cmdt FT foi recebido pelo Exmo Comandante da Brigada, MGen Aguiar Santos, tendo-lhe sido prestadas as respetivas honras militares. Presentes no Salão Nobre da Brigada de Intervenção encontravam-se os Comandantes das Unidades da BrigInt e seus Adjuntos, bem como os Comandantes das unidades operacionais, Estado-Maior da Brigada e uma representação de militares e civis para os tradicionais cumprimentos de boas-vindas. O evento permitiu, através de um brifingue conduzido pelo Exmo Comandante da Brigada e de uma visita a diversas áreas do Aquartelamento de Sant'Anna, contribuir para um melhor conhecimento das capacidades, possibilidades e limitações e ainda dos projetos da Brigada.



No final da visita o Exmo TGen Cmdt CFT procedeu à assinatura do Livro de Honra e referiu estar disponível para, através de um diálogo constante e de um trabalho em articulação com a BrigInt, tentar satisfazer, paulatinamente e por prioridades, as necessidades da Brigada de Intervenção.

### CONCERTO DE ANO NOVO



À semelhança de anos anteriores, a BrigInt, para celebrar a chegada do Ano Novo, presenteou a cidade de Coimbra com um Concerto conduzido pela Banda Sinfónica do Exército, em reconhecimento pela amizade sucessivamente manifestada para com os militares que servem na Brigada de Intervenção.

O evento, organizado com o apoio da Câmara Municipal de Coimbra e do Teatro Académico de Gil Vicente, decorreu no passado dia 10 de janeiro e excedeu as expectativas ao esgotar a lotação da sala com 766 lugares pois, para além dos militares e civis das diversas Unidades da Brigada de Intervenção e de diversos ilustres representantes das Instituições da Cidade de Coimbra, que fizeram questão de marcar presença, também a população de Coimbra aderiu de forma muito significativa ao espetáculo.

O concerto, considerado um sucesso pelas entidades participantes e pelo público em geral, como foi possível constatar pelos intensos aplausos e manifestações de alegria com que a Banda foi presenteadada, proporcionou um momento de salutar convívio que contribuiu para estreitar os laços de amizade e sã convivência com a sociedade conimbricense.

### SEMINÁRIO CRC

A 16Jan13, a BrigInt realizou um seminário subordinado à temática das Operações de Controlo de Tumultos. Neste evento estiveram presentes representantes de diferentes Unidades, Estabelecimentos e Órgãos do Exército, merecendo particular referência a presença do Excelentíssimo Comandante das Forças Terrestres, Tenente-General Carlos Jerónimo, durante a fase final de apresentação das conclusões e na cerimónia de encerramento.



### QUEIMA DAS FITAS 2013



Em 02 de maio de 2013, foi assinado no Salão Nobre da BrigInt o Protocolo de Colaboração entre o Exército Português, representado pelo Comandante desta Brigada, e a Comissão Organizadora da Queima das Fitas 2013. O documento em apreço tem por objetivo a disponibilização dos espaços do Convento de Santa Clara para realização do Baile de Gala, Chá das Cinco e Chá Dançante das Faculdades da Universidade de Coimbra.

Consciente do papel das tradições académicas na vida social da cidade e como elemento integrante da sociedade conimbricense, a Brigada de Intervenção pretende associar-se a este evento de forma a contribuir para que a Queima das Fitas 2013 se realize numa comunhão perfeita entre os estudantes, a cidade e as instituições.



## PASSAGEM À RESERVA

Realizou-se no dia 21 de fevereiro de 2012, pelas 11H30, no Salão Nobre da Brigada de Intervenção, a cerimónia de despedida dos Oficiais e Sargentos que recentemente transitaram para a situação de Reserva.

A cerimónia foi presidida pelo Exmo Comandante da BrigInt, MGen Carlos Henrique de Aguiar Santos, que enalteceu o serviço prestado pelos militares, ao longo dos anos, em prol do Exército e, em particular, do Comando e UnAp/BrigInt. O evento compreendeu a leitura dos resumos biográficos, imposição de condecorações, entrega de diplomas de louvor e lembranças institucionais e contou com a presença de uma representação de Oficiais e Sargentos que servem na Brigada de Intervenção, atestando o reconhecimento e homenagem aos militares que transitaram de situação. Após o término da cerimónia foi realizado um almoço na Messe de Sargentos, proporcionando um salutar momento de convívio da família castrense.



## CELEBRAÇÃO PASCAL

No dia 21 de março teve lugar na BrigInt, na Capela de Sant'Anna, a Cerimónia Eucarística da Páscoa, celebrada pelo Capitão Capelão Marcelino Pereira.

A Cerimónia contou com a presença de Oficiais, Sargentos, Praças, Funcionários Cíveis do Comando e Unidade de Apoio da Brigada e representantes do Centro de Recrutamento de Coimbra.

Os cânticos, devidamente enquadrados na Quadra Pascal, ficaram a cargo do Coro e da Fanfarras da Brigada de Intervenção, que assim contribuíram para elevar o significado e sentimento que o evento exige e merece.



## REUNIÃO DOS OFICIAIS DE JUSTIÇA



O Comando da BrigInt, através do seu Gabinete de Justiça, levou a efeito, em 11 de abril de 2013, a Reunião Anual de Oficiais de Justiça 2013. No evento participaram 8 Oficiais e 3 Sargentos em representação das várias Unidades da BrigInt.

Este ano, pela primeira vez, acompanharam também os trabalhos dois oficiais do CFT, o Chefe do Gabinete de Justiça/CFT, Major Balbino e o Assessor Jurídico, Asp Silva.

À semelhança dos anos anteriores, partilharam-se experiências, atualizaram-se e uniformizaram-se procedimentos no âmbito da Justiça e Disciplina, fomentando-se uma interação facilitadora das relações de trabalho entre o Gabinete de Justiça da BrigInt e as Secções de Justiça das suas Unidades.

## REGIMENTO DE INFANTARIA 13

### criação do CEISDTAD

Decorreu no dia 04Mar13, no auditório municipal de Sabrosa e na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), a apresentação do recém-criado Centro de Estudos e Investigação de Segurança e Defesa de Trás-os-Montes (CEISDTAD). Durante a manhã em Sabrosa, foi assinado um protocolo estabelecido entre o Exército Português, a Câmara Municipal de Sabrosa (CMS) e a UTAD, representados respetivamente pelo CEME, pelo Presidente da CMS e pelo Reitor da UTAD.

Da parte de tarde realizou-se uma palestra e debate subordinados ao tema "A guerra irregular", cujos oradores foram: Gen Loureiro dos Santos, TCor Proença Garcia e o Secretário de Estado Adjunto e da Defesa Nacional Dr. Paulo Braga Lino.





### **VISITA DE SEXA O GENERAL CEME**



No passado dia 05 de março de 2013, SExa o General Chefe do Estado-maior do Exército, General Artur Pina Monteiro, realizou uma visita de trabalho ao RI13, em Vila Real. A visita contou com a presença o Exmo Tenente-general Comandante das Forças Terrestres, TGen Carlos Hernandez Jerónimo, e do Exmo Major-general Comandante da Brigada de Intervenção, MGEN Aguiar

Santos. Após as cerimónias protocolares de receção e apresentação de cumprimentos pelos Oficiais, Sargentos, Praças e Funcionários Cíveis da Unidade, sua Excelência GEN CEME recebeu, um brifingue sobre as atividades desenvolvidas pelo RI13.

Posto isto, decorreu na parada “La Lys” a cerimónia de apresentação do 1º Batalhão de Infantaria, em que S. Ex.ª o GEN CEME teve contacto pessoal com os militares e principais meios do encargo operacional. Seguiu-se uma visita da comitiva às instalações do Regimento. No final da visita, S. Ex.ª o General CEME assinou o “Livro de Honra”, deixando assim o testemunho da sua presença na casa dos Infantes do Marão.

### **VISITA DE SEXA O SEADN**

Decorreu no dia 26Mar13, a visita de S. Exª o Secretário de Estado Adjunto e da Defesa Nacional (SEADN), Dr Paulo Braga Lino.

A visita contou com a presença de SExa o Chefe de Estado-maior do Exército, General Artur Neves Pina Monteiro e dos Exmos TGen Cmdt do CFT e MGen Cmdt da BrigInt.



Do programa da visita que muito honra os Infantes do Marão, salienta-se a apresentação de cumprimentos pelos Oficiais, Sargentos, uma representação de Praças e Funcionários Cíveis na Sala de Honra do Regimento.

Após as cerimónias protocolares de receção e apresentação de cumprimentos, foi efetuado um brifingue sobre as atividades desenvolvidas pelo RI13. Posto isto decorreu na Parada “La Lys” a apresentação do 1ºBatalhão Infantaria, onde SExa o SEADN pode contactar com os militares desta Força e ver o principal material que o equipa. Seguiu-se uma visita às instalações do Regimento que terminou com uma passagem pelo Centro de Instrução e Treino Operacional da Fraga da Almotolia onde S. EXª o SEADN e restante comitiva tiveram a oportunidade de experimentar as viaturas VBR Pandur II 8x8.

### **CELEBRAÇÃO PASCAL**



No passado dia 18Abr13 realizou-se a Celebração Pascal do RI13. Depois de uns momentos dedicados à administração do Sacramento da Reconciliação deu-se início à Eucaristia que foi celebrada, na Parada La Lys, pelo Capelão e animada pelo grupo Coral da Unidade. Contou com uma grande adesão por parte de oficiais, sargentos, praças e funcionários civis que, com grande júbilo, nela

participaram. A celebração contou ainda com uma secção de Guarda de Honra e o Guião do Regimento. Os Infantes do Marão quiseram, deste modo, assinalar a Festa da Páscoa na sua casa.

### **DIA DA UNIDADE**

O RI13 comemorou o Dia da Unidade em 9 de abril de 2013, evocando a ação e história dos Infantes do Marão e procurando manter viva a tradição desta Unidade secular.

A Cerimónia Militar das Comemorações do Dia do RI13, foi presidida pelo Exmo Major-general Aguiar Santos, Comandante da Brigada de Intervenção. Para além da Alvorada Festiva e içar da Bandeira Nacional, o Programa deste evento compreendeu a Guarda de Honra à Alta Entidade que presidiu às comemorações e a Cerimónia de Homenagem aos Mortos pela Pátria. A Cerimónia Militar na Parada “La Lys” incluiu a apresentação das Forças em Parada à AE, integração do Estandarte Nacional na Formatura Geral, alocução pelo Comandante da Unidade, alocução do Exmo Comandante da BrigInt, imposição de condecorações e desfile das Forças em Parada. No final realizou-se o tradicional almoço de confraternização.



Estiveram presentes diversas entidades civis e militares que honraram o “13” com a sua comparência e dignificaram esta cerimónia.



## CURSO VBR PANDUR II PCAN 30MM



O 1º Curso de Chefe e de Apontador de Viatura VBR Pandur II PCan 30 mm ministrado pelo Exército Português, decorreu no RI13 – Vila Real, entre 04 e 18 de março de 2013, com o objetivo de formar 06 Chefes de Viatura e 12 Apontadores oriundos das mais variadas Unidades da BrigInt. A direção de curso ficou a cargo da EPC e os formadores a cargo do RC6. Os

militares adquiriram conhecimentos ao nível das técnicas, táticas e procedimentos que lhes permitem desempenhar o cargo de chefe de viatura e apontador, de forma a rentabilizar todas as capacidades deste tipo de viatura ao máximo e assim contribuir para um perfeito emprego desta viatura, em coordenação com as demais VBR das respetivas Unidades Escalão Batalhão. Esta formação culminou com a realização de tiro real com as referidas viaturas no Campo Militar de Santa Margarida, integrado no Exercício Vulcano 13. Durante o tiro puderam aplicar todo o conhecimento adquirido bem como atestar a capacidade e o poder de fogo da PANDUR PCan 30mm através do seu Canhão 30mm MK 30-2, da Metralhadora Coaxial FN MAG 58M e da Metralhadora externa FN MAG 58M ambas com o calibre 7,62x51mm. Durante a realização do tiro real constatou-se que esta viatura tem uma excelente capacidade de tiro 30mm (tiro a tiro, rajadas de 3, de 5 e de 10 munições) que associada à sua precisão parada ou em movimento (em muito se deve ao estabilizador da torre) fazem desta viatura uma referência do nosso Exército. Pode ainda ser complementada com as duas metralhadoras para bater alvos próximos.

## DIA DA DEFESA NACIONAL

Realizou-se o segundo ciclo do DDN de 2012/2013 entre os dias 22 de fevereiro e 17 de Maio de 2013. A Casa dos “Infantes do Marão”, enquanto CDDN, colaborou e apoiou com orgulho na missão de instruir e divulgar a função e objetivo das Forças Armadas Portuguesas (FFAA), tendo recebido uma média diária de 125 cidadãos, perfazendo aproximadamente 7000 jovens.



O programa tipo do DDN consiste na receção de boas vindas aos jovens cidadãos, na cerimónia de hastear da Bandeira Nacional, na distribuição do reforço alimentar, ao qual se segue um conjunto de palestras sobre “A Defesa Nacional, Forças Armadas e Cidadania”, “O Serviço Militar” e a “Ação de sensibilização em Primeiros Socorros”. Os jovens tiveram ainda a possibilidade de ver uma mostra de meios e equipamentos militares em uso nas FFAA e, após o preenchimento de um inquérito sociológico, assistirem à cerimónia de Arriar da Bandeira Nacional.

O DDN visa conscienciar os jovens sobre o papel das FFAA, realçar a necessidade da Defesa e Segurança como pilares das sociedades democráticas, evidenciar a ameaça terrorista moderna, destacar o nobre contributo das Forças Nacionais Destacadas nos diversos teatros de guerra e ainda demonstrar os incentivos e o percurso que a carreira militar oferece.

As expectativas dos jovens assentam sobretudo nos incentivos que a carreira militar oferece, bem como na curiosidade sobre o armamento e VBR PANDUR II (8X8).

## ENTREGA PRODUTOS ALIMENTARES À CÂMARA



Foi entregue, no dia 09 de Janeiro, o Banco Alimentar do RI13 à Câmara Amiga, responsável pelo apoio social à população de Vila Real.

Os militares do RI13 constituíram durante o mês de Dezembro um Banco Alimentar onde angariaram produtos alimentícios para as populações mais carenciadas. São

cerca de mil quilos de alimentos onde se destacam as massas, o arroz, os enlatados e o leite.

Esteve presente na entrega do Banco Alimentar, além do Comandante, Coronel de Infantaria João Carlos Magalhães, e do Estado-maior do RI13, o Eng.º Madeira Pinto, Vice-presidente da Câmara Municipal de Vila Real, e a Dr.ª Ana Vila Verde, responsável pela Instituição Câmara Amiga.

Com este ato espera-se que sejam minimizadas algumas das dificuldades que muitas famílias sentem nesta época, demonstrando simultaneamente que os Infantes do Marão estão conscientes relativamente à situação social da comunidade onde se insere.



## CURSO DE CHEFES E CONDUTORES VBR PANDUR II

Decorreu, de 21 de Janeiro de 2013, no RI13, o 1º Curso de Formação de Chefes e Condutores de Veículos Blindados de Rodas PANDUR II 8X8.

O Curso, sob direção do Ten Inf Ivo Pereira, contou com 8 formadores e 48 formandos distribuídos pelas especialidades de Chefe de Viatura - 16 e Conductor Viatura VBR PANDUR - 32. Os formandos, (Oficiais, Sargentos e Praças), que frequentaram o curso são oriundos da BrigInt, do RI13, do RI14, do RC6 e do GAC. O corpo de formadores contou com a colaboração de dois sargentos oriundos de outras unidades, do RC6 e do RI14. O RI13 é a Entidade de Formação Nacional para condutores e chefes dos modernos veículos que equipam o Exército Português (VBR PANDUR II 8X8).



## VISITA DOS CADETES ALUNOS FRANCESES



Uma delegação de 5 cadetes do Exército Francês, visitaram o RI13, no período de 29 de Janeiro a 4 de fevereiro. Após passagem pelo QG/ BrigInt, a delegação deslocou-se à casa dos Infantes do Marão, onde pôde contactar *in loco* com a realidade de uma

Unidade militar portuguesa.

Os cadetes franceses tiveram a oportunidade de visitar as infraestruturas e a atividade do RI13 e ainda conhecer o enquadramento da Unidade militar na região onde se insere. Do programa, constou a visita às VBR Pandur II 8x8, o acompanhamento da atividade operacional do 1BI e visita à coleção visitável.

Houve ainda a oportunidade de realizar visitas aos vários museu da cidade, ao Palácio de Mateus e a uma quinta da região demarcada do Douro.

## AÇÃO DE TREINO OPERACIONAL NO AMBITO DO DECIF



No âmbito do Dispositivo Especial de Combate a Incêndios Florestais (DECIF), decorreu no RI13, nos dias 23 e 24 Janeiro 2013, uma Ação de Treino Operacional para Militares das Forças Armadas. Sob orientação da Autoridade Florestal Nacional e foi ministrada por uma equipa da AFOCELCA, contando com a participação de vinte graduados que integram as equipas do RI13, RI14, RI19 e CTOE.

Esta Formação teve como objetivo transmitir aos Chefes de equipa os conhecimentos teóricos e práticos que lhes permitam atuar perante um incêndio florestal, desde a sensibilização das populações, ações de rescaldo e recurso à utilização de

ferramentas manuais.

## APOIO AO NÚCLEO DA LIGA DOS COMBATENTES

Cerimónia Comemorativa do 95º aniversário da Batalha de "La Lys" e do 88º aniversário da Liga dos Combatentes de Vila Real, realizada pelo Núcleo de Vila Real da Liga dos Combatentes, com a participação de uma secção de Guarda de Honra e um terno de corneteiros, na missa realizada na Igreja dos Clérigos em sufrágio aos combatentes falecidos. Deposição de uma coroa de flores no Monumento a Carvalho Araújo com um pelotão de Guarda de Honra e Fanfara da BrigInt.





## REGIMENTO DE INFANTARIA 14

### PROVA PEDESTRE “VIRIATOS 13”

Integrada no conjunto de eventos do programa das Comemorações do Dia da Unidade, o R114 levou a efeito a Corrida Viriatos 13, que decorreu no dia 17 de março de 2013.

A prova realizou-se num circuito urbano, pelas ruas da cidade de Viseu numa distância de 12km (atletas masculinos) e 7km (atletas femininos), com “partida” junto ao monumento a Viriato e chegada no R114.

Participaram neste evento 248 atletas, 221 masculinos e 27 femininos, representando 17 equipas. Para a realização da prova, o R114 contou com a prestimosa colaboração da Câmara Municipal de Viseu, da Associação de Atletismo de Viseu, da Delegação do Inatel de Viseu, da AXA entre outras entidades, que em muito contribuíram para o sucesso da referida prova, evidenciando uma vez mais a excelente relação existente entre o R114 e a comunidade na qual se insere.



### DIA DA UNIDADE 2013

O Dia da Unidade comemorou-se a 19 de março 2013 e as cerimónias militares foram presididas pelo Exmo Sr Major-general Carlos Henrique de Aguiar Santos, Comandante da Brigada de Intervenção.

O Comandante do R114, Cor Inf Artur Brás, lembrou as sucessivas gerações de Viriatos que deram o seu melhor esforço e dedicação em prol do Regimento e destacou as inúmeras atividades em que a Unidade esteve envolvida no último ano.

O Comandante da Brigada de Intervenção, MGen Aguiar Santos, felicitou o R114 e os seus militares pela excelência do seu desempenho e aproveitou a ocasião para confirmar o empenhamento do 2º Batalhão de Infantaria (2BI) como Força Nacional Destacada no TO do Kosovo neste 2º semestre. O 2BI vai constituir-se como reserva tática do Comandante das forças da NATO no Kosovo.



### DIA MUNDIAL DA ÁRVORE 2013



Militares do R114, em coordenação com o Instituto de Conservação da Natureza e Florestas (ICNF) – Viseu, colaboraram, mais uma vez, numa ação de reforestation na Serra do CRASTO, no passado dia 21 de março 2013 – Dia Mundial da Árvore. Esta iniciativa teve como objetivo a requalificação/replantação de uma área com cerca de 200 hectares, devastada por um incêndio florestal em 2010 e efetuar trabalhos de limpeza dos matos e área plantada nos anos anteriores.

Este ano, a Eletricidade de Portugal associou-se a esta iniciativa através de um projeto florestal de compensação que se materializou na plantação de sobreiros em 15 hectares desta área ardida.

Participaram igualmente Escolas e ATL's da região, que tiveram oportunidade de efetuar visitas a uma exposição temática sobre a floresta e participaram em pequenas atividades lúdicas, bem como a Assembleia de Compartes dos Baldios de S. Martinho de Orgens que trabalharam na recuperação do parque de merendas e lazer existente na Serra do Crasto.

O Clube de Orientação de Viseu (COV) também esteve presente promovendo uma pequena prova de orientação para todos os participantes.



## PASSAGEM À SITUAÇÃO DE RESERVA

No dia 26 de março do presente ano realizou-se, na Sala de Honra e Biblioteca da Unidade, a Cerimónia de Despedida de diversos militares que passaram à situação de Reserva.

Na cerimónia foram lidas as súmulas das carreiras, entrega de louvores, Placas do Exército, Documentos Comprobativos de Transição de Situação, assinados pelo Gen AGE e de Saudações assinadas pelo Gen CEME aos militares que transitaram para a situação de reserva.



## REGIMENTO DE INFANTARIA 19

### 6ºCN/ISAF

O 6º Contingente Nacional, composto por mais de 200 militares dos três Ramos das forças Armadas, integra a Missão da OTAN no Afeganistão (*International Security Assistance Force* - ISAF) e conduziu o seu aprontamento na região de Chaves, aquartelado e apoiado pelo R119.

No âmbito da fase final da sua preparação, decorreu no concelho de Chaves, entre os dias 19 e 26 de março, o exercício KABUL 131, para avaliar e validar a capacidade operacional da Força, tendo em vista a sua atuação no Teatro de Operações do Afeganistão.



### DIA DA UNIDADE



O R119 comemorou no passado dia 27Mar13 o seu dia festivo. Este ano a cerimónia militar foi adiada, relativamente ao dia festivo da Unidade (25Mar – 1809, cerco e retomada de Chaves pelas tropas do General Silveira) em virtude do exercício final de aprontamento e da CREVAL a que o 6º Contingente Nacional para a ISAF (6CN/ISAF) foi sujeito.

O Dia da Unidade iniciou-se com a alvorada festiva, chegada da Alta Entidade, honras militares regulamentares e homenagem aos militares caídos em defesa da Pátria, da Unidade.

No final, como corolário da sua preparação o 6 CN/ISAF efetuou uma demonstração de capacidades seguida da

formatura geral do contingente, tendo estes militares recebido uma exortação de SEEx o Gen CEME, pela difícil e exigente Missão que vão cumprir.

## REGIMENTO DE ARTILHARIA ANTIAÉREA

### VIA-SACRA

Em 20Mar12 o RAAA1 realizou a Via-Sacra 2013, em conjunto com a Diocese das Forças Armadas e de Segurança. Este evento foi presidido pelo Bispo Castrense D. Januário Torgal Mendes Ferreira, tendo contado com a presença de inúmeros capelães militares e delegações dos três Ramos das Forças Armadas, bem como representações da PSP e GNR. A cerimónia contou ainda com a participação dos presidentes das juntas de freguesia de Queluz, e Monte-Abraão e do vice-presidente da junta de freguesia de Massamá. À semelhança de anos anteriores as paróquias de Queluz, Massamá e Monte-Abraão fizeram-se representar pelos respetivos párocos, acompanhados de numerosos fiéis, contribuindo de forma significativa para o êxito da celebração.





## BATALHA DE LA LYS

Decorreram durante a manhã do dia 9 de abril de 2013, junto ao Monumento aos Combatentes do Ultramar na Praça do Ultramar em Oeiras e junto ao Monumento aos Mortos da Grande Guerra no Jardim Visconde da Luz em Cascais, as cerimónias comemorativas do 95º Aniversário da Batalha de La Lys, decorrida em 9 de abril de 1918 durante a I Guerra Mundial.

Nestas cerimónias, promovidas pelo Núcleo da Liga dos Combatentes Oeiras/Cascais, o RAAA1 esteve presente com um efetivo de um pelotão e um teno de clarins de modo a prestar as devidas honras militares.

As cerimónias incluíram ainda o entoar do Hino Nacional, uma breve alocução por parte do Coronel José Montez, Presidente do Núcleo Oeiras/Cascais da Liga dos Combatentes e pela devida homenagem a todos aqueles que deram a vida pela Pátria "...em qualquer tempo e circunstância...".



## CURSO STINGER 2013



Decorreu no RAAA1, no período de 25Mar a 15Abr13, num total de 15 dias úteis, o Curso do Sistema Missil Portátil Stinger 2013. No curso participaram seis formandos, dois Oficiais e quatro Sargentos, sendo de salientar a participação de um Oficial e um Sargento, provenientes da BtrAAA do RG2 da ZMA.

O curso incluiu, entre outras, as matérias de tática de Artilharia Antiaérea, Carreiras de Tiro Missil Antiaéreas e de Operação do Sistema de Armas Stinger, destacando-se das atividades curriculares, um exercício (Tactical Decision Game) onde os formandos tiveram a oportunidade de aplicar os conhecimentos adquiridos ao nível de emprego tático de um Pelotão/Secção Redeye.

Durante a última semana, uma equipa de três instrutores, dos Estados Unidos da América, ministraram diversas instruções no âmbito deste sistema.

## REGIMENTO DE ENGENHARIA 3

### VISITA SEXTA GEN CEME

Em 17JAN13 Visitou o RE3 SExa o Gen CEME, General Artur Neves Pina Monteiro, que se fez acompanhar pelo Exmo. Cmdt FT, TGen Carlos Hernandez Gerónimo e pelo Exmo. Cmdt BrigInt, MGen Carlos Henrique de Aguiar Santos.



### DIA MUNDIAL DA ÁRVORE



A 21MAR13 comemorou-se no RE3 o dia mundial da árvore e das florestas. Inserida nas ações comemorativas desta efeméride, decorreu a visita de um grupo de crianças do Centro de Apoio Familiar Pinto de Carvalho, de Oliveira de Azeméis, cujo programa, para além de uma ação de sensibilização videográfica associada à temática, contemplou a plantação de 5 árvores no interior da Unidade.



## DIA DA UNIDADE

Comemorou-se no passado 13 de Maio o dia do RE3 e o seu 37º aniversário. A Cerimónia foi presidida por S. Exa. o Gen CEME, General Artur Neves Pina Monteiro e contou com a presença de altas individualidades militares e civis.

Integrado nas Cerimónias, o Estandarte Nacional à Guarda do Regimento recebeu as Insígnias de Membro Honorário da Ordem Militar de Avis, a qual foi imposta por S. Exa. o Gen CEME, General Artur Neves Pina Monteiro, por delegação de Sua excelência o Presidente da República.



## EX-MILITARES

No dia 20ABR13 um grupo de 15 ex-militares do antigo GACA N.º 3 efetuou uma visita ao Regimento. Do programa da visita fez parte uma missa na capela.

## IGO

No período de 10 a 11ABR13, de acordo com o Plano de Inspeções do Exército para 2013, realizou-se uma Inspeção Geral Ordinária (IGO) ao RE3, levada a cabo por uma equipa de inspetores da Inspeção Geral do Exército (IGE).

## LA LYS



A 9ABR13 Celebrou-se o 95º Aniversário da Batalha de La Lys, ao qual está associado o Dia do Combatente. À semelhança de anos anteriores, o RE3 apoiou o evento organizado pelo Núcleo de Espinho da Liga dos Combatentes. A Cerimónia de Homenagem aos Combatentes já Falecidos, a qual contou com uma Força do RE3.

## REGIMENTO DE CAVALARIA 6

DDN – 03JAN13 a 03MAI13

De 03Jan13 a 03Mai13 decorreu no RC6, maior Centro de Divulgação do Dia da Defesa Nacional, a 2ª fase da 9ª Edição do Dia da Defesa Nacional, com a participação de cerca de 9 918 jovens cidadãos de ambos os géneros.



## URGÊNCIA EM AÇÃO NO RC6

Entre fevereiro (dia 19), abril (dias 16 e 17) e Maio (dia 03) decorreram no RC6, ações de “Team Building” de elementos do Hospital de Braga, (médicos, enfermeiros e auxiliares).

Ao longo do dia, foram convidados a participar num conjunto de atividades de equipa, onde colocaram à prova a sua capacidade de resolução de problemas, negociação e tomada de decisão. Transportados para um cenário militar, tiveram a oportunidade de construir e testar estratégias, colocá-las em prática e receber o feedback por parte dos militares sobre o seu desempenho individual e em grupo.

Os “Dragões D’Entre Douro e Minho receberam uma vez mais elementos externos ao Regimento, solidificando o firme propósito de continuarem com uma postura de abertura e proximidade à sociedade civil.





## ESTÁGIO DOS CADETES DA AM



Na semana de 25 de fevereiro a 01 de março de 2013, estiveram presentes no RC6, a fim de recolher dados no âmbito dos Trabalhos de Investigação Aplicada, os cadetes de Cavalaria do último ano da Academia Militar.

Puderam contactar com diversos equipamentos que o RC6 dispõe e com as viaturas da família VBR PANDUR 8x8, nomeadamente as viaturas VCB, RWS e Canhão 30mm que tornam esta Unidade uma referência a nível nacional.

## REUNIÃO DE COMANDO DA BRIGINT

Em 14Mar13, realizou-se no RC6 uma reunião de Comando da BrigInt. A reunião foi presidida pelo Exmo MGen Cmdt da BrigInt MGEN AGUIAR SANTOS.

A chegada do Cmdt da BrigInt a 13Abr13 teve como objectivo o acompanhamento da instrução da Recce Coy/ NRF 2014



## APOIO BANCO ALIMENTAR CONTRA A FOME



No dia 21 de março, o RC6, colaborou na mudança de instalações do Banco Alimentar Contra a Fome, assegurando o transporte de diverso material logístico, entre o armazém situado em Palmeira e o novo armazém na localidade de Semelhe, com o apoio de uma viatura pesada e de uma equipa de transporte constituída por um Sargento e duas Praças.

Os Dragões d' Entre Douro e Minho concluíram com sucesso, mais uma Missão que lhes foi solicitada, contribuindo assim para a preservação, elevação da imagem e do prestígio do RC6 e da instituição Militar.

## GUARDA DE HONRA



Em 23 de março, a Junta de Freguesia de S Vicente levou a efeito o cortejo de Guiões, tendo a respectiva Irmandade do Mártir São vicente de Braga, endereçado convite à participação do Regimento no evento religioso.

O RC6 Integrou na cerimónia religiosa com uma Força de efetivo Secção (01 Sargento e 06 Praças) a fim de prestar Guarda de Honra, no decurso do cortejo, assegurando uma representação militar condigna e prestigiante, contribuindo assim para a elevação da imagem e visibilidade dos Dragões D' Entre Douro e Minho na sociedade bracarense.

## INCLUSÃO E APOIO AO AUTISTA DE BRAGA

Em 07 de abril de 2013, realizou-se a caminhada "solidária" da Associação para a Inclusão e Apoio ao Autista de Braga (AIA), com o objetivo, angariar fundos para a associação.

O apoio do RC6 materializou-se com a montagem de 02 tendas de 4 arcos, na Avenida Central em Braga.

A iniciativa, um êxito, contou com a presença de cerca de três mil participantes, de todas as idades e oriundos de diversas localidades do Município.





## LA LYS



O Núcleo Regional de Braga da Liga dos Combatentes celebrou em 09 de abril de 2013 o Dia Nacional do Combatente, evocando o 95º aniversário da Batalha de La Lys.

O RC6 marcou presença nas comemorações, de forma simples mas condigna e prestigiante, garantindo a Guarda de Honra na Celebração Eucarística e na cerimónia junto ao Monumento aos Combatentes da Primeira Guerra Mundial (1914 - 1918), onde foi depositada uma coroa de flores em homenagem aos combatentes portugueses mortos em combate na batalha de La Lys (França).

O presidente do Núcleo Regional de Braga da Liga de Combatentes, Cor (R) Amado Vareta, defendeu a continuidade das Forças Armadas ressaltando o seu elevadíssimo sentido de responsabilidade perante os desafios actuais.

## EXERCÍCIO FALCÃO

Decorreu no RC6, no passado dia 09 de abril de 2013, o Exercício “FALCÃO – PT-ES VERIFEX 2013”. Este exercício está integrado no treino das Equipas de Avaliação (EA) e das Equipas de Acompanhamento Nacional (EAN) dos países signatários do Documento de Viena 2011, documento este relativo à informação partilhada por cada país acerca das suas Forças Armadas e da planificação da aquisição e entrada ao serviço de novos sistemas de armas. O RC6 recebeu uma EA da “Unidade Nacional de Avaliação” (UNAVE), composta por cinco avaliadores, militares do Reino de Espanha, e uma EAN, composta por seis militares em formação, portugueses e espanhóis, com a finalidade de aferir e testar os conhecimentos teóricos da referida EAN, através da sua aplicação em contexto real, bem como treinar procedimentos operacionais relativos à implementação do Documento de Viena 2011, em ambiente internacional.

A atividade contribuiu também para o acréscimo da prontidão do RC6 para a receção deste tipo de missões e, também, para a sua familiarização com o ambiente de controlo internacional de armamentos, a cujas ações se encontra sujeito enquanto Unidade operacional do Exército Português.



## AGRO 2013

O RC6, de 11 a 14Abr13 participou na AGRO 2013 – 46ª Feira Internacional de Agricultura, Pecuária e Alimentação, no Parque de Exposições de Braga, apoiando a organização com material e na execução de actividades de iniciação à equitação.

Este apoio ficou repartido pela cedência de material, a título de empréstimo temporário de 22 camas (tipo beliche) com colchão e pela promoção de actividades de iniciação à equitação, com a presença de dois cavalos e com todo o pessoal necessário.





## TORNEIO BRAGA RUGBY



De 19 a 21 ABR 13 decorreu o torneio de Rugby "BRAGA YOUTH RUGBY CUP 2013", iniciativa organizada pelo Braga Rugby com o apoio do RC6, que forneceu o alojamento, alimentação e tendas nos campos de futebol da rodovia em Braga.

Durante todo o evento, foi garantido o alojamento para cerca de 270 pessoas no interior da Unidade, bem como as refeições pedidas pela Organização deste evento.

No local do evento, o "6" garantiu a montagem de 08 tendas insufláveis (03 de 5 arcos e 05 de 04 arcos) bem como a disponibilização de 2 mesas e 4 cadeiras à organização. Nestas tendas, foi colocado material publicitário da Unidade.

Foi também garantido o apoio sanitário, com a permanência de uma equipa sanitária e respetiva ambulância para acompanhar o torneio.

## PROVAS DE EXCELÊNCIA AMERICANAS

Decorreu no passado dia 22 Abr 13 a realização por parte de militares do Regimento das provas aptidão física do Exército dos Estados Unidos da América (EUA), para obter a certificação os militares realizaram três provas: extensões de Braços no solo, Abdominais e Corrida de 3200m, o número de repetições varia de acordo com o género e idade do executante.

Os resultados permitiram aqueles que as cumpriram com sucesso a obtenção de um distintivo que premeia a excelência na componente física.



## QUALIFIC@



De 26 a 29 ABR 13 a Direção de Obtenção de Recursos Humanos (DORH), levou a efeito uma atividade de divulgação na FEIRA QUALIFIC@ - Fórum De Educação, Formação, Juventude E Emprego, na Exponor em Matosinhos;

O Regimento prestou apoio através de 03 viaturas blindadas (01 viatura PANDUR Vigilância Campo de Batalha, 1 viatura PANDUR RWS e 01 Viatura PANDUR Porta Canhão), 01 Rede de Camuflagem de Viatura Blindada, 08 Redes de Camuflagem individuais e Torre Multiatividades.

## PROCISSÃO DAS CRUZES

Em 03 de Maio de 2013, a Comissão da Festa das Cruzes, de Barcelos, levou a efeito, a tradicional Procissão da Invenção da Santa Cruz, o RC6 participou neste evento com uma Força de efectivo Secção (01 Sargento e 07 Praças) para efetuar a GH ao Pálio no decurso da procissão, assegurando uma representação militar condigna e prestigiante, como é timbre dos Dragões D' Entre Douro e Minho.





## ENTREVISTA AO EXMO TGEN JORGE MANUEL SILVÉRIO\* SUBORDINADA AO TEMA “OS DESAFIOS DA FUNÇÃO DE COMANDO”



**[BrigInt]** Da leitura de documentos doutrinários e enquadrantes constata-se que o “Comando” é descrito de inúmeras formas. Na sua opinião como definiria e caracterizaria a função “Comando”.

**[TGen Silvério]** De forma simples e objetiva, considero que “comandar” é conduzir homens visando o cumprimento de uma missão. Para isso, exige-se ao Comandante competência profissional, capacidade de decisão e de congregação de vontades, por forma a impulsionar os seus subordinados na execução das suas tarefas. A par destes atributos, o Comandante deve pautar a sua conduta humana de forma ética e justa, conquistando pelo seu exemplo, como homem e militar, a confiança dos seus subordinados.

**[BrigInt]** O novo manual de Operações, designado por PDE 3-00 diz-nos que “Comando-Missão ... atividades que proporcionam ao comandante equilibrar a arte de comando e a ciência do controlo”. Como é que comentaria esta afirmação? Será o Comando uma arte que se verte numa capacidade inata do Homem, ou será uma ciência que necessita de análise e investigação de modo a ser conhecido o seu domínio, ensinado e assimilado?

**[TGen Silvério]** A aquisição da competência exige estudo, investigação e aprofundados conhecimentos teóricos e práticas das matérias inerentes ao escalão de comando que se exerce. No entanto, para além dos conhecimentos técnico-profissionais, sejam de técnica de estado-maior, táticos e logísticos, as qualidades humanas de Comandante, inatas ou aperfeiçoadas pela experiência da vida, o seu carácter e a sua capacidade de aliar a sensatez com a determinação e exigência, constituem-se como elementos fulcrais numa boa ação de comando.

Assim, podemos considerar uma profícua ação de comando, como resultante da simbiose entre as qualidades cívicas e a formação profissional, fatores que devem ser permanentemente aperfeiçoados pelo estudo, reflexão e experiência.

**[BrigInt]** Desde os bancos da Academia Militar (AM) que ouvimos falar sobre Comandante / Diretor / Chefe. Com base na sua vasta e diversificada experiência profissional será a ação de comando diferente ou mutável relativamente a estas diferentes situações?

**[TGen Silvério]** Ao longo da minha vida militar exerci diversas funções de Comando, Direção e Chefia, mantendo em todas, a minha normal conduta cívica e profissional e o mesmo método de agir e de impulsionar os meus subordinados para o cumprimento das suas tarefas.

Considero, no entanto, que o Comando, particularmente em situações de campanha ou de treino operacional com execução de fogos reais, assume uma exigência e um grau de responsabilidade suscetíveis de atingirem proporções nitidamente superiores às inerentes às outras funções.

De facto, o Comando de tropas em campanha e mesmo em tempo de paz, exige do Comandante um entrega total na complexa gestão das diversificadas tarefas da sua missão, com especial acuidade para o planeamento e supervisão das ações operacionais e de instrução, segurança, aplicação criteriosa da justiça e previsão das ocorrências que possam afetar o cumprimento da missão e a vida dos seus soldados.

**[BrigInt]** Haverá então diferentes tipos de comando? E como é que estes se materializam nos dias de hoje?

**[TGen Silvério]** Embora alguns autores considerem a existência de diferentes estilos de comando ou de liderança (autocrático, democrático e liberal), penso que atualmente, com a evolução cultural das sociedades, a vivência em regimes democráticos e até a profissionalização das Forças Armadas, estes conceitos tendem a ficar ultrapassados.

Nos dias de hoje, o comando de uma forma geral é mais humanizado e flexível, assumindo, no entanto, na componente operacional e em campanha, onde ao Chefe Militar é dada autoridade de comando, um maior rigor e uma acrescida exigência no que concerne à ação disciplinar e espírito de obediência.

**[BrigInt]** Ainda nos bancos da AM, fomos muitas vezes confrontados com os termos Comando e Liderança. Qual a relação que o Meu General estabelece entre estes dois conceitos?

**[TGen Silvério]** Se um líder é aquele que detêm a capacidade de motivar e influenciar os seus subordinados para atingir os seus objetivos atribuídos à sua equipa, um bom Comandante tem de ser, naturalmente, um Líder.

Acresce, no entanto, que no Chefe Militar estas qualidades terão de ser potenciadas pela coragem moral e física, sangue frio e grande discernimento



na tomada de decisões oportunas, fundamentalmente em situações de campanha e nos baixos escalões de comando.

**[BrigInt]** Dependerão estes conceitos, nomeadamente o Comando, de fatores externos à própria natureza humana, como por exemplo, o ambiente operacional, corelacionado com o nível de violência do conflito?

**[TGen Silvério]** Penso que sim, uma vez que o comando e controlo de forças num ambiente operacional e complexo e com elevado nível de violência se torna extremamente exigente.

A evolução tecnológica dos armamentos e equipamentos, a sincronização da manobra e do apoio de fogos, a complexidade do sistema de comunicações e o apoio logístico num cenário de guerra clássica, mesmo de pequenas dimensões, acrescentam novos desafios à ação de Comando, relativamente ao passado.

Por outro lado, os novos tipos de conflitos designadamente no combate ao terrorismo, combate em áreas edificadas e operações de manutenção de paz com situações críticas contribuíram para aumentar o grau de dificuldade no comando e controlo destas operações.

**[BrigInt]** Mergulhando um pouco no seu passado, e fruto da sua vasta e muito rica experiência profissional, qual foi o momento mais marcante, no que ao seu comando se refere? Ou por outras palavras, qual a sua grande história de comando?

**[TGen Silvério]** Os dez anos passados no posto de capitão e as missões desempenhadas no comando de várias companhias, de Caçadores de Angola, do curso de Oficiais Milicianos e do Quadro Permanente na Escola Prática de Infantaria e do Corpo de Alunos na Academia Militar, influenciaram de forma muito significativa a minha formação no âmbito de comando de tropas.

Ainda na EPI e já oficial superior desempenhei funções de Comando de Batalhão, operacional e de instrução e também de Diretor de Instrução da Escola.

No posto de Coronel comandeí o RI2 e a EPI e como Major General a Brigada Mecanizada e o Campo Militar de Santa Margarida.

Todos foram momentos marcantes, mas o comando em África marcou-me profundamente, pela entrega, pela exigência e pela relação com os meus Soldados. Esse tempo robusteceu o meu carácter, ensinou-me a conhecer e compreender melhor os homens, a sua força de abnegação mas, também as suas fraquezas e limitações.

**[BrigInt]** Ainda com base na sua experiência pessoal quais foram os grandes desafios que se colocaram à sua ação de comando? Gostaria de destacar algum em concreto?

**[TGen Silvério]** O Comando em todos os escalões e nos seus diversos âmbitos, de instrução, operacional e fundamentalmente em campanha, apresenta sempre grandes desafios de planeamento, coordenação, supervisão, aplicação judiciosa e criteriosa da justiça e disciplina e uma conduta humana e profissional suscetível de se construir em referência para os subordinados.

Dos muitos desafios que enfrentei saliento os inerentes ao comando de companhia em África e ao aprontamento e missão de cinco batalhões que a Brigada Mecanizada destacou para a Bósnia e Kosovo durante o meu comando dessa Grande Unidade. Foi um tempo de vivência em plenitude da condição militar e também de felicidade pelo facto de, quer em África quer nos Balcãs, as Unidades não terem sofrido baixas.

**[BrigInt]** A Guerra em África formou verdadeiros comandantes, transformando alguns destes e deixando marcas profundas em outros. Como analisa a função de comando no cenário da guerra ultramarina, designadamente em ambiente de contrassubversão?





**[TGen Silvério]** Os principais comandantes na Guerra de África, no terreno, foram essencialmente os Capitães. Nas situações de quadrícula assumiam responsabilidades operacionais, disciplinares, administrativo – logísticas e de controlo e apoio das populações.

Neste cenário, exigia-se ao Comandante da Companhia coragem física e psicológica, capacidade de decisão, espírito de sacrifício e constante participação na atividade operacional desenvolvida pela Unidade.

Por outro lado, o desgaste físico, o isolamento e as dificuldades de reabastecimento afetavam o moral e bem-estar dos homens, exigindo uma ação de comando determinada, disciplinada, mas atenta à real situação da Unidade.

**[BrigInt]** Quais os novos desafios que se colocam

terão de pôr à prova todas as suas capacidades anímicas e psicológica para com serenidade e sangue frio vencerem os desafios que lhe serão colocados.

**[BrigInt]** Considera ainda que o conhecimento adquirido no passado, e que é um claro acervo do Exército português, pode ser vertido em doutrina e constituir-se assim numa mais-valia para os atuais e futuros comandantes? Como e em que medida?

**[TGen Silvério]** Os conhecimentos adquiridos no passado são transmitidos de geração em geração através da formação do Quadros nas Escolas Militares e nas Unidades.

Os atuais oficiais superiores e mesmo alguns oficiais generais foram formados e serviram sob o comando de Quadros que fizeram a guerra de



à ação de comando e como é que os mesmos podem ser afetados pelo atual ambiente operacional?

**[TGen Silvério]** Como referi anteriormente, no atual ambiente operacional, a rápida evolução das situações táticas e o grau de violência atingindo com os modernos armamentos, colocam grandes desafios à ação de comando, exigindo grande capacidade de decisão, em tempo e oportunidade.

Os atuais Comandantes, que são dotados de excelente formação técnico-profissional, quando confrontados com conflitos de grande violência,

África e deles colheram ensinamentos e informações sobre as suas experiências de Comando.

As revistas militares têm, também, desenvolvido um bom trabalho na difusão das experiências vividas no ex-Ultramar, nas missões de manutenção e apoio à paz e nas múltiplas atividades no quadro de cooperação militar.

Todavia, penso que o Comando de Instrução poderá aprofundar e sistematizar conhecimentos, publicando documentos sobre os ensinamentos colhidos nas missões de comando em África e nas operações executadas pelas Forças Nacionais



Destacadas.

**[BrigInt]** A PDE 3-00 Operações refere que “Comando e controlo é o comando-missão”. Alguns exércitos começam a pensar na organização dos estados-maiores das suas grandes unidades por funções de combate (nas quais se insere o comando-missão) em prol da organização por áreas funcionais tal como o conhecemos nos dias de hoje (áreas of expertise). Que comentário lhe merece esta possibilidade?

**[TGen Silvério]** Trata-se de um aperfeiçoamento da atual estrutura organizativa dos estados-maiores das Unidades, particularmente nas que assumem prontidão para operarem nos teatros de operações

tomada de decisão?

**[TGen Silvério]** De uma forma geral, esta questão já foi anteriormente abordada quando me referi aos novos desafios que se colocam à ação de comando.

O futuro, com novas ameaças e crescente evolução dos sistemas de armas apresentará, de certo, situações de grande violência, exigindo aos Comandantes, no terreno, uma enorme capacidade de decisão e sangue-frio na condução das operações.

**[BrigInt]** O novo CEDN (2013) diz-nos que a “reforma das estruturas da defesa nacional e das Forças Armadas” deve ser materializada “através



e, naturalmente, resulta das experiências adquiridas.

Assim, e embora não conheça este assunto em pormenor, considero que esta reorganização tenderá a dotar os estados-maiores de acrescidas funcionalidades, eficiência e sincronização na execução das suas tarefas.

**[BrigInt]** Considera que a “nova” conflitualidade, a doutrina em constante evolução, o desenvolvimento sistemático da tecnologia, o acesso a um “excesso” de informação e outras variáveis poderão materializar mudanças (profundas) na ação de comando? Neste contexto, quais os riscos associados à “futura” ação de comando e aos comandantes que venham a ter a necessidade de decidir em ambientes mais complexos, com mais variáveis, muitas das quais não são de todo controláveis no momento da

da maior integração de estruturas de comando e direção”. Como é que visualiza esta intenção, nomeadamente se antevê que a cultura organizacional, que com a integração dos comandos tenderá a tornar-se mais multifuncional, seja determinante para a natureza da ação de comando em ambientes conjuntos?

**[TGen Silvério]** Uma maior integração das estruturas de comando e direção permitirá a otimização de recursos humanos e financeiros e da eficiência no cumprimento da missão do EMGFA no que concerne ao planeamento, direção e controlo do emprego das forças.

Considero, no entanto que a formação, instrução e treino operacional das Unidades deve obedecer às especificidades de cada Ramo até à sua colocação sob comando do CEMGFA para a finalização do aprontamento e execução das



operações.

**[BrigInt]** Prevê ainda que, fruto do ambiente conjunto e combinado, esta medida, tenha alguma influência na ação de comando nos escalões subordinados (mais baixos escalões)?

**[TGen Silvério]** A integração de comandos operacionais exigirá um esforço na padronização de procedimentos nas áreas de comando, controlo, estado-maior, apoio de fogos e comunicações por forma a atingir-se uma efetiva integração e coordenação no terreno, fundamentalmente nos mais baixos escalões de comando.

**[BrigInt]** O mesmo documento refere que “Tendo em conta a tipologia das missões das Forças Armadas e das ameaças à segurança nacional, deverá ser atribuído o maior grau de prioridade... à efetiva capacidade nas áreas de comando, controlo, comunicações e informações...”. Se fosse o meu General a implementar na prática esta medida, como é que a materializaria e onde exerceria o esforço; no homem ou nos recursos materiais?

**[TGen Silvério]** Os atuais Quadros do Exército são dotados de excelente formação técnico-profissional e de experiências de comando, adquirida no cumprimento de missões de âmbito internacional no quadro das operações de manutenção da paz.

A pesar de considerar que é necessário proceder, permanentemente, ao desenvolvimento

das aptidões para o desempenho das funções de Comando, particularmente no que respeita à integração de forças conjuntas e combinadas, penso que o esforço deve incidir no âmbito dos recursos materiais.

De facto, a modernização dos equipamentos em ordem a dotar os postos de comando e as unidades dos meios de comunicação de elevado nível tecnológico, interoperáveis e padronizados entre os Ramos das Forças Armadas e os comandos da OTAN, constitui um grande objetivo a atingir.

**[BrigInt]** Partindo do princípio que o comandante perfeito é uma utopia mas é um desígnio que alguns militares pretendem alcançar, que conselhos daria aos novos e futuros comandantes?

**[TGen Silvério]** Comandar deve ser um desejo e a grande realização profissional do Oficial do Quadro Permanente.

Aos novos e futuros comandantes eu diria que, em qualquer escalão de comando, o chefe militar deve pautar a sua conduta pelo exemplo, humano e profissional, pela exigência e coerência e, também por uma criteriosa aplicação da justiça e disciplina.

Aconselharia, também, os subalternos e os capitães a viverem em plenitude a condição militar no comando de tropas, em instrução ou ação operacional. Só com esta grande experiência é possível, mais tarde, no comando das unidades de escalão Batalhão, Regimento ou Grande Unidade,



desenvolver uma total ação de comando.

Como “velho soldado”, considero que os momentos mais marcantes da minha longa vida militar e que estão gravados na minha “alma” foram os vividos com os Quadros e Soldados que tive a honra e o privilégio de comandar.

**BrigInt**

[brigint@mail.exercito.pt](mailto:brigint@mail.exercito.pt)

#### **\*Biografia do Tenente-General Jorge Manuel Silvério**

O Tenente-General JORGE MANUEL SILVÉRIO nasceu na Lourinhã, tem 67 anos de idade e completou 44 anos de serviço em 2 de Janeiro de 2007 aquando da sua passagem à situação de reserva.

Está habilitado com o Curso de Infantaria da Academia Militar, o Curso de Actualização e Aperfeiçoamento para Capitão, o Curso Geral de Comando e Estado-Maior, o Curso de Técnica de Estado-Maior e o Curso de Superior de Comando e Direcção, do Instituto de Altos Estudos Militares.

Ao longo da sua carreira, desempenhou diversas funções de comando, estado-maior e instrução em várias Unidades do Exército, nomeadamente, na Escola Prática de Infantaria e na Academia Militar onde foi Director de Instrução e Adjunto do Departamento de Instrução Militar, Instrutor e Comandante de Companhia. No

Campo de Instrução Militar de Santa Margarida foi Oficial de Operações e Segurança e, no Estado-Maior do Exército, desempenhou funções na Secção de Organização da 3ª Repartição. Foi ainda Ajudante de Campo do Presidente da República e Professor no Instituto de Altos Estudos Militares.

Comandou o Regimento de Infantaria n.º 2, a Escola Prática de Infantaria, o Campo Militar de Santa Margarida e a Brigada Mecanizada Independente e desempenhou ainda as funções de Director do Curso de Promoção a Oficial Superior, no Instituto de Altos Estudos Militares, e Chefe do Estado-Maior do Governo Militar de Lisboa, finalizando a sua carreira militar como Ajudante General do Exército.

Cumpriu duas comissões de serviço no ex-Ultramar, uma em Moçambique, como Adjunto do Comandante de Companhia e outra em Angola, como Comandante da Companhia de Caçadores.

Da sua folha de serviços constam vários louvores, dos quais se destacam 1 concedido pelo Presidente da República, 2 pelo General Chefe do Estado-Maior do Exército, 8 por Oficial General, e condecorações, designadamente, a Medalha de Ouro de Serviços Distintos, três Medalhas de Prata de Serviços Distintos, a Grã-Cruz de Mérito Militar, as Medalhas de Mérito Militar de 1ª, 2ª e 3ª Classe e a Medalha de Ouro de Comportamento Exemplar. É agraciado com a Grã-Cruz da Ordem da Liberdade.





## O COMANDO DA BRIGADA DE INTERVENÇÃO



Quando, na sequência da minha promoção a oficial general, nos idos de Janeiro de 2010, fui chamado ao gabinete de SExa o General CEME e me foi comunicado que iria comandar a Brigada de Intervenção (BrigInt)

dois sentimentos, de algum modo contraditórios, me “assaltaram” a mente. Por um lado, o sentimento de orgulho por ir comandar uma das três grandes unidades (GU) do Exército, ainda por cima a ser equipada com o material mais moderno em serviço, por outro um sentimento de alguma expectativa por ter sido a única das brigadas onde nunca tinha servido ao longo da minha carreira militar.

Ao longo do tempo aqueles sentimentos evoluíram como seria de esperar. A expectativa veio a revelar-se francamente positiva. Com efeito, encontrei na BrigInt Homens e Mulheres com qualidades profissionais, morais e humanas excepcionais. Com espírito de missão, desinteressados de qualquer recompensa pessoal, entregues ao serviço de Portugal e do Exército, enfim verdadeiros soldados na senda daqueles portugueses que fizeram a nossa História. Por outro lado, os Regimentos, cada um com a sua missão, composição, historial, idiossincrasia, constituindo a verdadeira “espinha dorsal” da Brigada, revelaram-se um “instrumento de comando” insubstituível. No aprontamento e treino dos seus encargos operacionais, no enraizamento junto das populações das suas áreas de responsabilidade, nas relações com as respetivas autarquias locais e regionais, nas tarefas de natureza administrativo-logísticas, enfim no desempenho das “outras missões de interesse público” cometidas ao Exército.

Se a realidade suplantou, largamente, a expectativa, o sentimento de orgulho, esse, desenvolveu-se, acentuou-se, não parou de crescer. Para alguém, como eu, que pensa que o exercício do comando de tropas é uma função “quase sagrada”, uma verdadeira honra, só podia ser assim. Com efeito, o conjunto de atividades/tarefas que foram cometidas à Brigada durante o

meu comando, a forma como todos os seus elementos se entregaram ao cumprimento das mesmas, o sucesso alcançado, encheram este que escreve de um orgulho (no bom sentido da palavra!) sem igual.

Para falar apenas no campo operacional, a par dos exercícios de treino e aprontamento dos encargos e das FND (a BrigInt em determinado momento do meu comando aprontou e projetou forças, em simultâneo, para KFOR, UNIFIL, ISAF), à Brigada de Intervenção foi ainda cometida a tarefa impar de aprontar o Batalhão de Infantaria (BI) e o Elemento de Apoio Nacional (NSE) para o “Battle Group” da União Europeia que esteve em “stand by” no 2º semestre de 2011. Tarefa de grande complexidade e que decorreu ao mesmo tempo que se recebiam as Viaturas Blindadas de Rodas PANDUR II, mas onde, mais uma vez, foi possível constatar o empenho, a dedicação, a força de vontade, a “alma” da Brigada.

O comando de tropas é a essência da carreira das armas. E é, acima de tudo, um momento único na carreira de um oficial. Servir Portugal e o Exército no comando de uma Unidade será, pois, algo por que todos devem ansiar, porque nada, NADA MESMO, se pode comparar a essa Honra sublime. Por isso, tendo tido a felicidade de comandar unidades operacionais em todos os escalões, considero, do ponto de vista pessoal, como um momento único da minha vida militar ter tido a honra de Comandar a Brigada de Intervenção. Até porque, ou sobretudo, os seus homens e mulheres deixaram marcas indeléveis na minha memória. Essas recordações (e recordar também é viver!) acompanhar – me – ão para sempre.

Considerando-me a mim próprio (mal ou bem!) um Soldado de Portugal tive o privilégio inultrapassável de comandar, na BrigInt, milhares de homens e mulheres que souberam merecer o nome de Soldados. Jamais os esquecerei. Por isso, especialmente para todos os que comigo serviram, deixo aqui um profundamente sentido: até sempre, até à eternidade!

**MGen José Carlos Filipe Antunes Calçada**  
NMR SHAPE Mons



## FND's

A BrigInt, na continuação da sua antecessora, a Brigada Ligeira de Intervenção, continua a contribuir para o esforço nacional aportando, certificando, projetando e sustentando um total de 26 Forças Nacionais Destacadas (FND) para os TO da Bósnia-Herzegovina, Iraque, Kosovo, Líbano e Afeganistão. Exército. De 1998 a 2013, foram aportados e projetados

Missão	FND	TO	Início	Fim	Comandante
	1ºBI/BrigInt/EUFOR	Bósnia	22-Jul-06	28-Fev-07	TCor Inf Joaquim Sabino
	CmdBrigInt/EUTM	Uganda/Somália	14-Set-11	01-Jun-12	TCor Art Mariano Alves
	2ºBI/BrigInt/KFOR	Kosovo	12-Set-07	14-Mar-08	TCor Inf João Magalhães
	AgrMIKE/BrigInt/KFOR		25-Set-08	25-Mar-09	TCor Cav Jocelino Rodrigues
	1ºBI/BrigInt/KFOR		25-Mar-09	25-Set-09	TCor Inf Fernando Teixeira
	GAM/BrigInt/KFOR		25-Set-11	25-Mar-12	TCor Cav Paulo Marques
	1ºBI/BrigInt/KFOR		25-Mar-12	25-Set-12	TCor Inf José Sá
	UNENG3/BrigInt/UNIFIL	Líbano	12-Nov-07	29-Mai-08	TCor Eng Manuel Carvalho
	UNENG4/BrigInt/UNIFIL		20-Mai-08	29-Nov-08	TCor Eng Jorge Caetano
	UNENG7/BrigInt/UNIFIL		02-Dec-09	01-Jun-10	TCor Eng João Almeida
	UNENG10/BrigInt/UNIFIL		23-Mai-11	16-Jan-12	TCor Eng Augusto Sepulveda
	2ª OMLT/BrigInt/ISAF	Afeganistão	22-Out-08	25-Abr-09	TCor Art Luís Henriques
	3ª OMLT /BrigInt/ISAF		13-Abr-09	23-Out-09	TCor Inf Paulo Santos
	4ª OMLT /BrigInt/ISAF		19-Out-09	12-Abr-10	TCor Art Luís Monsanto
	5ª OMLT /BrigInt/ISAF		12-Abr-10	17-Out-10	TCor Inf Joaquim Pereira
	6ª OMLT /BrigInt/ISAF		17-Out-10	17-Abr-11	TCor Inf João Godinho
	7ª OMLT.G /BrigInt/ISAF		17-Abr-11	19-Out-11	TCor Art António Paradelo
	8ª OMLT.G /BrigInt/ISAF		19Out11	21Abr12	TCor Art José Conceição
	3º Módulo Ap/BrigInt/ISAF		13-Abr-09	23-Out-09	TCor Cav Joaquim Conceição
	4º Módulo Ap/BrigInt/ISAF		19-Out-09	12-Abr-10	TCor Inf Arnaldo Costeira
	5º Módulo Ap/BrigInt/ISAF		12-Abr-10	17-Out-10	TCor Cav Manuel Lapa
	6º Módulo Ap/BrigInt/ISAF		17-Out-10	17-Abr-11	TCor Inf Rui Cleto
	UnAp/1ºCN/ISAF		17-Abr-11	19-Out-11	TCor Inf Luís Basto
	6ºCN/ISAF		26-Mar-13	Set-13	Cor Paulo Geada
	NTM – I		Iraque	12-Fev-06	05-Ago-06
	NTM – I	05-Ago-07		13-Fev-08	TCor Cav Carlos Sernadas

Forças Nacionais Destacadas da Brigada de Intervenção 2006/13





## FND'S EUTM SOMÁLIA - UMA MISSÃO DE TREINO



### Introdução

A EUTM Somália surge após a decisão tomada pela União Europeia (EU) de contribuir para o apoio à implementação da estratégia da Organização das Nações Unidas (ONU)<sup>(1)</sup> para a Somália, nomeadamente no que respeita às recomendações emanadas pelo seu Secretário Geral, relativas ao desenvolvimento do sector de segurança em apoio ao governo instituído na Somália.

É neste sentido que o Conselho da União Europeia, em estreita cooperação e coordenação com a União Africana, aprovou o estabelecimento de uma missão “não executiva” com a finalidade de contribuir em coordenação com a “Ugandan Police and Defence Force”<sup>(2)</sup> (UPDF) para o treino das National Security Forces (NSF)<sup>(3)</sup> da Somália.

De acordo com os documentos orientadores, para o primeiro período de formação deste segundo mandato (3º Intake), a missão tinha dois objetivos principais: por um lado, levantar e treinar 4 companhias<sup>(4)</sup>, com capacidade de conduzirem operações militares, e por outro preparar uma capacidade inicial de 60 instrutores, capazes de prover o treino básico e de especialidade quando regressassem à Somália.

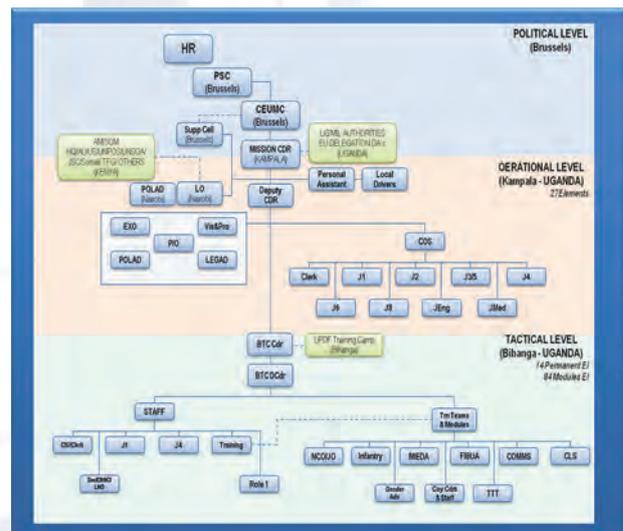
O 3º Intake constituiu-se como um novo desafio para a EUTM, tendo em conta que os objetivos evoluíram relativamente aos intakes anteriores. Em primeiro lugar, o escalão de treino das estruturas de Comando e Controlo (C2) passou do nível Pelotão para Companhia, e em segundo lugar, foi pela primeira vez preparada uma capacidade de instrutores, não só para manter o nível de prontidão das Companhias após o final da formação, mas

também capaz de facultar o treino básico a novos soldados na Somália.

### Organização da EUTM Somália

A EUTM Somália conduziu a sua missão assente na seguinte estrutura:

- Em Bruxelas detinha em permanência uma “Support Cell” que efetuava a ligação necessária da missão com o Comité Militar da União Europeia.
- No Quênia, através da presença de um “Political Adviser” (POLAD) e de um Oficial de Ligação, estabelecia o interface com os diferentes parceiros, entidades que participavam ou apoiavam a resolução da crise na Somália, nomeadamente, entre outros, a “African Union Mission in Somalia” (AMISOM)<sup>(5)</sup>, “African Union” (AU), “Joint support Committee” (JSC)<sup>(6)</sup>, “United Nations Political Office for Somalia”<sup>(7)</sup> (UNPOS) e “Somali Transitional Federal



Government” (TFG).

- No Uganda, em Kampala o “Mission Headquarters”, responsável por apoiar o Comando Operacional da EUTM.
- Ainda no Uganda, em Bihanga, um Campo de Treino, com um pequeno Staff e diversas equipas de instrutores para facultar a formação aos somalis.

### Campo de Treino de Bihanga

A atividade operacional foi desenvolvida no Uganda, a 350 Km a oeste da capital Kampala e a uma altitude média de 1270 metros, na Escola de Treino de Bihanga (BTS). Nesta escola, com capacidade para o treino básico de infantaria, existe uma carreira de tiro, uma pista de obstáculos de 200 m, um complexo para treino de Combate



em Áreas Edificadas (CAE) e seis salas para aulas teóricas. Para além disso, dispõe de capacidade de alojamento para 2000 soldados, uma clínica e uma pista de aterragem com 1200 metros de comprimento. Foi no interior desta escola que a União Europeia (EU) construiu uma estrutura independente para acolher os militares europeus, o Bihanga Training Camp (BTC), onde foram criadas condições para que os militares de 11 países europeus pudessem viver e trabalhar<sup>(8)</sup>. Ainda dentro do campo coabitavam os tradutores e os elementos da Medical Support Solutions<sup>(9)</sup> e da African Skies Ltd<sup>(10)</sup>.

### Os Somalis

Os somalis caracterizam-se por pertencerem a uma geração “perdida” que cresceu sem referências, primando pelo individualismo e colocando acima de tudo o “eu”, a família e o clã. Para melhor percepção da envolvente do treino deixo aqui uma caracterização geral do universo dos recrutas do 3º Intake:



- Recrutados maioritariamente na região de Mogadíscio e Puntland, de diversos clãs de origem<sup>(11)</sup>;
- No universo dos 620, 16 eram do sexo



feminino;

- Idades compreendidas entre os 18 e os 42 anos, sendo a média de idades de 23 anos, não tendo sido detetado através dos dados biométricos nenhum menor de idade.
- Percentagem de 55% eram analfabetos e apenas um número reduzido falava inglês e/ou Suaíli;
- Em termos clínicos, não foram identificados problemas graves e que fossem limitativos para que realizassem o treino, sendo apenas de referir que no ato da sua incorporação, 80% apresentavam problemas dentários e 18% doenças sexualmente transmissíveis<sup>(12)</sup>;
- Apresentavam falta de cuidados básicos de higiene e a par da sua iliteracia, falta de conhecimentos básicos militares.



### A atividade

Assumi o comando do BTC em finais de Setembro de 2011, dispondo de um Staff de 12 militares para manter o relacionamento com a UPDF, melhorar as condições existentes e garantir o controlo e coordenação das atividades de treino de acordo com o plano estabelecido que consistia em 4 fases:

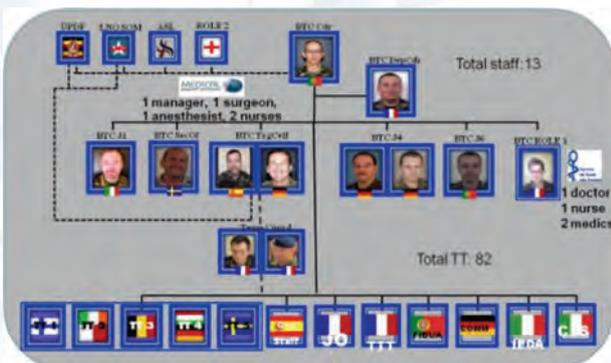
- **Fase I** (6 semanas) – Durante esta fase todos os recrutas selecionados para a frequência da formação a cargo da EUTM, foram sujeitos a um período de formação elementar. Durante esta fase os Comandantes de Companhia foram apenas observadores do treino ministrado.
- **Fase II** (9 semanas) – Terminada a fase I, os 250 instruendos, foram selecionados, tendo em conta a avaliação e as suas qualidades pessoais, para diferentes áreas de formação. 20 para frequentar o curso de formação de Oficiais; 20 para serem preparados para desempenhar funções nos comandos das companhias e juntaram-se aos Comandantes



de Companhia num curso específico; 60 foram escolhidos para serem formadores<sup>(13)</sup> e iniciaram um curso de formação de formadores, tendo os restantes frequentado um curso elementar de infantaria por forma a ficarem habilitados a serem Comandantes de Secção.

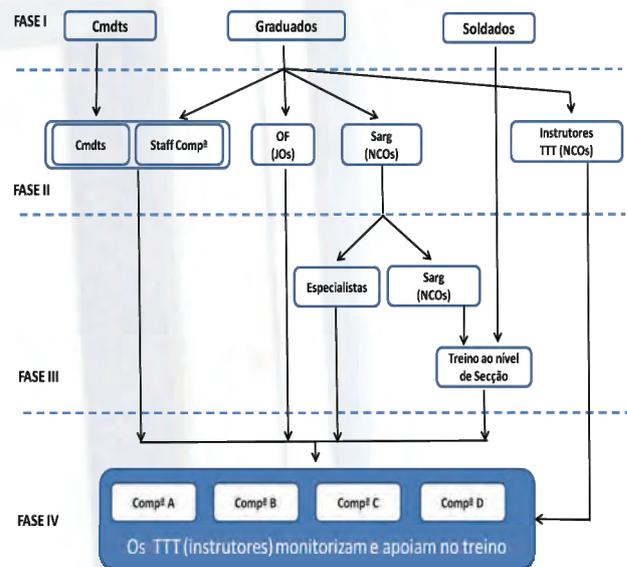
- **Fase III** (4 semanas) – Nesta fase, continuou-se a formação iniciada na fase anterior, sendo de realçar apenas a seleção de um grupo de graduados que ingressaram num treino de especialização<sup>(14)</sup> e o facto de que os restantes, futuros Comandantes de Secção, se juntarem aos soldados e iniciarem o treino operacional de escalão Secção.
- **Fase IV** (6 semanas) - Na fase de coesão, todos os somalis (exceto os formadores) foram integrados nas estruturas das Companhias, tendo sido direcionado o esforço, numa fase inicial para o escalão Pelotão e posteriormente para o escalão Companhia.

A 31Out11 realizou-se a operação “Crested Star”<sup>(15)</sup> e em meados de novembro iniciou-se a formação do 3º intake, tendo o cuidado de apesar de não existir doutrina comum e as equipas de



instrutores serem de países diferentes, se utilizar um detalhe de instrução e planos de lição únicos, permitindo uma normalização das competências adquiridas pelos somalis, independentemente da equipa que lhes ministrasse a instrução.

Da formação individual passou-se à formação coletiva como unidades constituídas (desde o nível Secção até ao nível de Companhia<sup>(16)</sup>), colocando um outro desafio, o da seleção em termos de



liderança<sup>(17)</sup> e o equilíbrio necessário na sua constituição em termos de clãs.

Depois foi importante colocar os somalis perante a dificuldade de comandar, assumindo eles o controlo dos soldados formados pela UPDF, responsabilizando-se pela sua atitude e vida no campo, bem como, devidamente mentorizados efetuarem o planeamento e execução de diversas ações durante os exercícios que realizaram.

Por fim, terminada a sua formação prepararam-se para a Final Parade onde, para além da parada militar, executaram demonstrações para as entidades convidadas, incidindo no tiro, execução da pista de obstáculos, CAE, técnicas de check point, patrulhamentos e socorrismo de combate.

### Um permanente desafio

A missão começou com a presença de 869 instruendos somalis “prontos” do intake anterior, e que aguardavam o seu repatriamento, pois apenas se encontravam no BTC, os militares que constituíam o staff e duas equipas de treino francesas. A ansiedade do regresso e a falta de ocupação faziam com que estes Somalis causassem alguns problemas<sup>(18)</sup>, tendo sido necessário com os poucos recursos disponíveis, planear e conduzir atividades de refrescamento do treino que os ocupasse e mantivesse o seu nível de



prontidão. Com o pessoal existente e o apoio de instrutores ugandeses, conseguiu-se manter diariamente 14 dos 18 pelotões em atividade<sup>(19)</sup> direcionada para a tipologia de operações que estavam a ser desenvolvidas na Somália, e os restantes 4 pelotões em serviços de manutenção da escola.

Existiu a necessidade de se promover algumas melhorias ao nível das infraestruturas, nomeadamente a recuperação dos balneários e casas de banho usadas pelos soldados somalis e da UPDF, a canalização de água para as casernas femininas, a construção de salas de aula, os melhoramentos na pista de aterragem e na carreira de tiro e o aumento da área edificada para o treino de CAE. No BTC, tendo como limite temporal a chegada do grosso das equipas de treino em dezembro e no intuito de desenvolver as condições existentes, finalizou-se a construção da arrecadação de materiais, procedeu-se a melhoramentos da clínica e construíram-se 2



blocos de alojamentos que permitiram o abandono das saudosas tendas. Para além disso, construiu-se uma casa da guarda para os soldados da UPDF que garantiam a segurança próxima, uma parada multiusos e um campo de voleibol, equipou-se o miniginásio e garantiu-se uma capacidade Wi-Fi em todo o campo.

Foi numa permanente complexidade, inerente à





necessária coordenação com todos os intervenientes e tendo em conta os diferentes aspetos culturais presentes<sup>(20)</sup>, em especial os da realidade africana que nos deparamos numa permanente luta para se obter melhores condições de alojamento, alimentação, sanitárias e logísticas para os somalis<sup>(21)</sup>.

São exemplos disso a permanente pressão exercida para a diversificação da alimentação, sem fugir à cozinha tradicional africana, tentando trazer ao menu a dieta dos somalis. É também exemplo disso a permanente pressão para que os recrutas fossem fardados e equipados de forma consentânea com as exigências do treino e que lhes fosse prestado o apoio sanitário necessário.

A constante atenção ao relacionamento entre todos os presentes, promovendo a interação cultural de militares de 11 países europeus, que interagindo e dando a conhecer os seus países, transportaram gentes remotas de África à Europa.

O fomento da proximidade através de atividades desportivas e culturais, tendo sido através de um concerto realizado com o patrocínio da EUTM que pela primeira vez militares e civis, ugandeses, somalis e europeus, conviveram juntos sem a pressão do treino.

O número de visitas das mais diversas entidades estrangeiras, num claro manifesto de apoio e motivação ao trabalho que era desenvolvido pelos militares europeus<sup>(22)</sup>.

A necessidade de reavaliar e otimizar os planos de segurança e de evacuação. Note-se que o maior risco existente era o isolamento da área e os problemas na evacuação<sup>(23)</sup> de algum sinistrado ou



doente. A maior ameaça era a questão da malária<sup>(24)</sup>, com um histórico preocupante no BTC, levou a que se aumentassem as medidas preventivas no seu combate, nomeadamente na profilaxia clínica, na colocação de rede mosquiteira nos alojamentos e ginásio, na desinfestação regular das instalações e a permanente disponibilidade e atuação do corpo clínico do campo.

#### Comentários finais



Os resultados obtidos foram 4 Companhias e 60 instrutores, tendo para isso sido necessário providenciar a formação aos militares nas quantidades abaixo discriminadas:

Resta-me referir que a experiência de comando deste campo de treino foi extremamente gratificante, não só pelo facto de se tratar de um ambiente multinacional de características únicas, mas também pelo sentir a evolução dos formandos, não só ao nível das capacidades técnicas e táticas,

Cmdt Comp <sup>a</sup>		4
Oficiais		20
Sarg	Staff	20
	Especialistas	57
	Cmdt Sec Inf <sup>a</sup>	93
Sold		354

Instrutores	M-IEDA	7
	Socorrismo de Combate	7
	Comunicações	7
	CAE	9
	Treino Básico	30



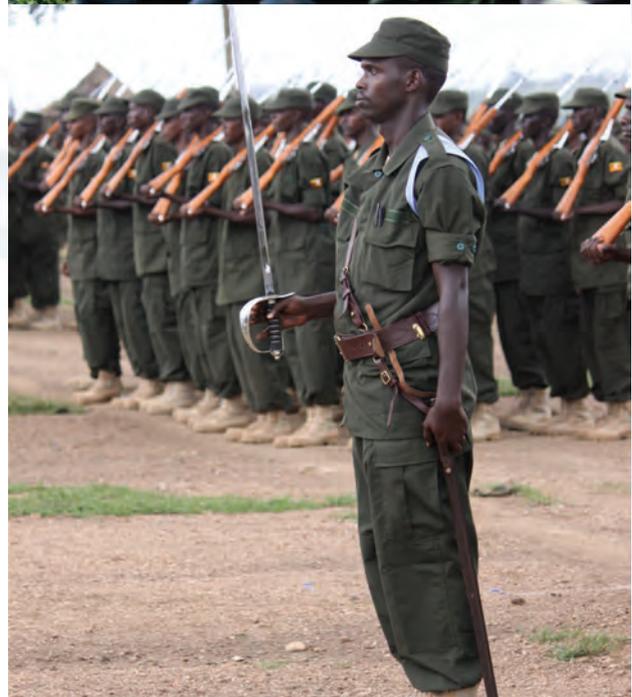
mas também cívicas e morais.

Os militares europeus comprovaram o seu espírito de missão e capacidade de trabalhar em conjunto, desenvolvendo um verdadeiro espírito de equipa e identidade que lhes permitiu ultrapassar dificuldades e diferenças, criando sinergias e demonstrando perante os somalis e ugandeses que é possível no respeito da diferença ir mais longe.

**TCor Art Mariano Alves**  
Chefe G9/BrigInt  
alves.fmfm@mail.exercito.pt



- (1) O Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU) adotou em 26Mai09 a resolução 1872, sobre a situação da Somália, em que reforça a importância de retomar os planos de treino e de reequipamento, salientando a importância dos Estados membros das Nações Unidas disponibilizarem assistência técnica na formação das National Security Forces (NSF) da Somália.
- (2) Polícia e Forças de Defesa do Uganda.
- (3) Forças de Segurança Nacionais.
- (4) Com esta permissão a EUTM assume a responsabilidade de criar a estrutura C2 das companhias.
- (5) Missão da União Africana para a Somália.
- (6) Comité Conjunto de Apoio.
- (7) Gabinete Político das Nações Unidas para a Somália.
- (8) Dispondo de alojamento, cozinha, balneários, um bar e sala de convívio, cozinha e refeitório, uma arrecadação, um ginásio e uma clínica com capacidade Role 1 e 2.
- (9) Empresa que facultava a capacidade Role 2.
- (10) Empresa contratada para facultar a alimentação e o apoio de serviços no BTC.
- (11) Um dos requisitos para a formação das Companhias era que fossem multiétnicas.
- (12) Sífilis.
- (13) Nas áreas de Transmissões, CAE, Socorrismo de Combate, M-IEDA e Infantaria (Basic).
- (14) As mesmas que os TTT sem a componente de formação.
- (15) Repatriamento de 869 militares somalis e receção e incorporação de 620 instruídos.
- (16) As companhias foram constituídas por 4 pelotões a 3 secções com um efetivo de 145 militares.
- (17) Exceto os Comandantes de Companhia – previamente identificados pela NSF.
- (18) Dos 18 pelotões existentes, apenas 4 mantinham atividade diária em sistema rotativo.
- (19) Nomeadamente operações de cerco e busca, tiro, check-points, segurança a áreas críticas e patrulhas.
- (20) Não esquecer que no BTC, convivem militares de 11 países europeus a par de civis de origem diversa.
- (21) Responsabilidade da UPDF suportada pelos EUA.
- (22) Presidente do TFG da Somália, Ministro da Defesa Belga, Embaixadores da UE, CHOD da Irlanda, delegações militares dos países em presença no BTC e diversos jornalistas.
- (23) Evacuação terrestre até Kampala demoraria 10 horas e aérea 3 horas, diretamente para Nairobi mas só possível durante a luz do dia.
- (24) Ocorreram no BTC, durante o período da missão, 9 casos de malária tratados e recuperados pelo pessoal clínico do campo.





## ACoy/GAM/KTM/KFOR



Com a atribuição ao Grupo de Autometralhadoras (GAM) do RC6/BrigInt do cumprimento da missão no Teatro de Operações (TO) do Kosovo, para se constituir como KTM/TACRES/KFOR, no período compreendido entre Set2011 e Mar2012, o Esquadrão de Comando e Serviços (ECS) do GAM soube de imediato que teria pela frente um rigoroso inverno repleto de desafios.

Para o ECS/GAM, que se iria constituir como ACoy/KTM, existiram três tarefas essenciais para o cumprimento da sua missão:

- O Apoio a todas as atividades levadas a cabo pela KTM/KFOR;
- A conveniente articulação e coordenação dos militares Húngaros que faziam parte do seu Quadro Orgânico de Pessoal (QO);
- Assegurar o correto funcionamento/manutenção do Campo Slim Lines nos seus mais variados aspetos.

Tendo em conta o referido, a par da reestruturação que à data se verificou na composição da KTM, passando a força a integrar um quase igual número de militares Portugueses e Húngaros, com a conseqüente redução significativa do contingente Português, a escolha dos militares que iriam integrar a ACoy foi, provavelmente, a tarefa mais crítica realizada por este Esquadrão na fase de Aprontamento e a que melhores frutos daria no decurso da missão. A determinação das competências técnicas específicas a possuir pelos militares, não se poderia cingir à análise “pura e dura” do QO, por não se aduzir do mesmo todo o espectro de tarefas a desempenhar por estes. Neste sentido, os contactos estabelecidos com o contingente que já se encontrava no TO foram primordiais, permitindo afetar ajustes, em termos de pessoal, nos vários módulos da ACoy, bem como ao nível do treino de tarefas específicas que iriam ser realizadas no decorrer da missão.

A fase de Aprontamento da ACoy caracterizou-se pelo “Treino Real”, com o desempenho efetivo das tarefas que iriam ser realizadas no TO, sendo os militares integrados nas correspondentes secções do GAM e do RC6, levando a cabo um conjunto alargado de atividades, que permitiram treinar, avaliar e testar os militares que, em número quase do dobro do efetivo a ser nomeado para a missão, iniciaram esta fase.

Das referidas atividades, salientam-se as que maior esforço exigiram por parte dos militares

envolvidos:

- O apoio a todos os exercícios realizados pelo GAM, com destaque para o Exercício Final de Aprontamento que testou a capacidade de resposta do Esquadrão às mais diversas situações;
- A coordenação e manutenção das muitas viaturas envolvidas nesta fase, originárias não só do RC6 mas também de quase todas as Unidades da nossa Brigada;
- Constituição da Oficina de TMS do GAM, que muito facilitou a manutenção e operacionalização dos meios rádio e eletrónicos existentes;
- O complexo aprontamento sanitário realizado a todos os militares do GAM;
- O significativo melhoramento da Caserna do ECS/GAM no RC6, com o fecho total dos compartimentos, reboco e pintura de tetos e paredes, nova instalação elétrica de luzes e interruptores, e arranjo geral da área circundante da mesma;
- A contribuição para o esforço conjunto na realização da semana festiva do RC6, na qual foram empenhados todos os militares do Esquadrão em tarefas diversificadas.

Ultrapassado com sucesso o desafio que constituiu o Exercício Final e deixado para trás a fase de Aprontamento, os militares centraram a sua atenção no planeamento e execução da projeção da força para o TO. Esta operação logística exigiu de todos um grande empenho e dedicação, sem nunca largar do pensamento que por muito que já tivesse sido feito e alcançado, a missão nem sequer tinha começado.

Chegados ao Kosovo, com um misto de apreensão e curiosidade bem presentes no espírito, a todos foi apresentado o Campo Português “Slim Lines” que seria a nossa casa nos seis meses seguintes. Foram também dadas a conhecer as atividades mais recentemente desenvolvidas pela força que estávamos a substituir, ficando desde logo cientes de que chegávamos num período “quente” e que, mais cedo do que eventualmente se pensaria, iríamos ter de mostrar porque é que tínhamos treinado tanto.

O primeiro contacto com os militares Húngaros do nosso Esquadrão foi uma agradável surpresa. Desde logo nos apercebemos que seria um privilégio trabalhar juntos, por serem possuidores de uma alargada experiência em vários TO e de um apurado sentido de dever e profissionalismo. A



barreira linguística foi um desafio que paulatinamente foi sendo ultrapassada pela sã camaradagem e entreaajuda em todas as situações, tanto no dia-a-dia do funcionamento do Campo, como durante o apoio às operações e mesmo nos momentos de descontração.

Os primeiros dois meses passaram a voar, tendo sido vividos de uma forma muito intensa, não só pela necessária adaptação às instalações e equipamentos existentes, mas principalmente porque o empenhamento do nosso Esquadrão foi permanente, quer no apoio ao treino e operações realizadas pela KTM quer nos trabalhos de manutenção e melhoramento do Campo.

Sabíamos que o período de inverno naquela região seria muito rigoroso, com fortes nevões e temperaturas muito frias, estávamos também conscientes de que as instalações acusavam um nítido desgaste em muitas áreas, pelo que teríamos de trabalhar rápido e bem, por forma a minimizar os danos já existentes e acautelar outros tantos que se adivinhavam. Neste âmbito, tivemos a sorte de poder contar com o profundo conhecimento do Campo e excelentes capacidades técnicas possuídas pelos dois elementos civis Kosovares que, juntamente com a nossa “Equipa de Obras” e não só, realizaram um trabalho incansável. Das inúmeras tarefas de manutenção e melhoramento do Campo realizadas, referem-se apenas as seguintes:

- Recuperação de praticamente todos os corredores da área dos alojamentos e impermeabilização das lonas de cobertura dos quartos-contentor;
- Verificação e substituição das proteções térmica em todas as canalizações;
- Recuperação total de um contentor destinado a banhos e a sua colocação na área dos alojamentos;
- Total remodelação das instalações do Ginásio do Campo;
- Recuperação e melhoramento do sistema elétrico de iluminação do perímetro do Campo, da oficina de manutenção de viaturas, dos contentores de arrecadação e dos parques de viaturas da BCoy e CCoy;
- Substituição de todas as torneiras dos lavatórios dos contentores WC;
- Foi ainda iniciado o processo de colocação de telhados na área dos alojamentos, por forma a melhor preservar os respetivos quartos-contentor e corredores. Este projeto foi concluído pelo contingente que nos rendeu.

Não seria justo por parte deste Esquadrão se não referíssemos também, todo o trabalho realizado no Campo pelos restantes militares Portugueses e Húngaros que, com o seu valioso contributo, tornaram as nossas tarefas bem mais fáceis. Sem dúvida que honramos o nosso lema “QUANTOS SOMOS? UM SÓ!”

O inverno foi rigoroso, longo e trabalhoso, mas cedo já estávamos preocupados em transportar tudo de volta para Portugal. Inevitavelmente, no momento da partida parecia que ainda ontem tínhamos chegado. Ficou o sentimento de missão bem cumprida, bem como os laços de camaradagem e amizade fortalecidos pelos momentos em que os desafios pareciam agigantar-se.

**Cap Cav Bacelar e Melo**  
Cmdt ACoy/GAM/KFOR  
melo.tlb@mail.exercito.pt



## O 2BI APRONTA, DE NOVO, PARA O KOSOVO



A 01 de abril de 2013, o 2BI iniciou o aprontamento para, no 2º semestre de 2013, desempenhar a sua missão no âmbito da operação militar da OTAN no Teatro de Operações (TO) do KOSOVO. Como unidade aprontadora foi designado o RI14 (RI14), da Brigada de Intervenção (BrigInt), aquartelado em Viseu.

Esta missão insere-se no quadro de compromissos internacionais assumidos por Portugal, sendo a participação nacional na KFOR Tactical Reserve Manoeuvre Battalion (KTM), cujo comando foi atribuído a Portugal (PRT), constituída por parte do Comando e do Estado-Maior, uma Companhia de Manobra e parte de uma Companhia de Comando e Serviços, perfazendo um total de 173 militares, dos quais 11 são oriundos da Zona Militar da Madeira.

Sob o comando do TCor Inf Fernando Paulo Monteiro Lúcio Gonçalves, o Batalhão irá conduzir o aprontamento de forma faseada, com o objetivo de treinar as tarefas e procedimentos para os quais está desenhado e os seus militares obtenham as competências necessárias ao cumprimento da missão, de forma a culminar na validação das ações realizadas e estar pronto a ser projetado a partir de setembro de 2013.

O 2BI conta, no seu historial, com diversas missões, tendo a primeira sido desempenhada em Timor-Leste integrando as forças das Nações Unidas nesse país no ano de 2000. Destaca-se por ter sido, até hoje, a maior Força Nacional Destacada que Portugal projetou após o 25 de abril de 1974. Essa força foi constituída por 925 militares e cumpriu, a título excepcional, uma missão com a duração de 8 meses.

De 29 de Julho de 2002 a 29 de Janeiro de 2003, ao 2BI foi atribuída, inicialmente, a missão de Reserva Operacional Terrestre do General Comandante da Stabilization Force (SFOR) na Bósnia e Herzegovina. Após a reestruturação da SFOR, a missão foi alterada, passando a assumir uma Área de Responsabilidade, integrado no sector do Multi National Battle Group, por sua vez inserido na Brigada Multinacional Norte, ocupando instalações na região de Doboij.

Em 2005, ao 2BI, foi atribuída nova missão, desta vez no Teatro de Operações do Kosovo, constituindo-se como a Reserva Tática do General Comandante da Kosovo Force (KFOR) e preparado para ser empregue, num curto prazo de intervenção, em qualquer área do teatro de operações do Kosovo, a fim de garantir um ambiente estável e seguro.



Em março de 2007, o 2BI inicia novo aprontamento tendo em vista o seu emprego no Teatro de Operações do Kosovo. A missão não se alterou em relação à anterior, mas por diversos fatores de que se destacam as eleições no Kosovo, as eleições na Sérvia e a elevada expectativa de uma declaração unilateral da independência do Kosovo por parte dos kosovares-albaneses obrigaram a uma intensificação da atividade operacional.

A projeção do 2BI para o TO do Kosovo está prevista para Setembro de 2013 e a missão terá a duração de 6 meses prevendo-se a sua retração e regresso ao Território Nacional (TN) em março de 2014.

**TCor Inf Fernando Gonçalves**  
Cmdt 2BI/KFOR  
goncalves.fap@mail.exercito.pt





## EXERCÍCIOS EXÉRCITO

### RELÂMPAGO 13



As Unidades de Artilharia Antiaérea do Sistema de Forças do Exército participaram entre 15 a 19 de abril, em Vieira de Leiria, no exercício «RELÂMPAGO 13» com fogos reais, onde foram empregues, toda a tipologia de meios de Artilharia Antiaérea no Exército Português.

Este exercício de fogos reais foi conduzido pelo RAAA1, contou com a presença de militares da Bateria de Artilharia Antiaérea da Brigada de Intervenção, da Bateria de Artilharia Antiaérea das Forças de Apoio Geral, da Bateria de Artilharia Antiaérea da Brigada de Reação Rápida, da Bateria de Artilharia Antiaérea da Brigada Mecanizada e das Baterias de Artilharia Antiaérea da Zona Militar da Madeira e Zona Militar dos Açores.

O exercício objetivou a manutenção e aperfeiçoamento das capacidades, conhecimentos e competências obtidas através da formação e treino, de forma a manter a eficiência operacional do desempenho dos militares nas suas funções, bem como exercitar estas unidades de Artilharia Antiaérea, no planeamento, controlo e conduta do apoio às operações terrestres.

A sessão de fogos reais compreendeu dois períodos distintos de treino:

- o período noturno, em que foram disparados, pelo Sistema Ligeiro Chaparral, quatro mísseis



sobre o alvo aéreo BATS (Ballistic Aerial Target System), com um resultado de 100% de eficácia (impacto direto). No seguimento da mesma sessão foi efetuado tiro do Sistema Canhão Bitubo contra alvos fixos improvisados;

- o período diurno, em que foram disparados, pelo Sistema Ligeiro Chaparral, cinco mísseis, dos quais, dois para o alvo aéreo BATS e três para o alvo aéreo Outlaw, com um resultado de 100% de eficácia (impacto direto). No seguimento da mesma sessão foram disparados, pelo Sistema Portátil Stinger, três mísseis sobre o alvo aéreo Outlaw, resultando em dois derrubes e um impacto direto. Para concluir a sessão, o Sistema Canhão Bitubo efetuou empenhamentos sobre balões de hélio, resultando mais uma vez em 100% de eficácia.

**Ten Art Pedro Miguel Rosa Melo**  
2º Cmdt da BtrAAA/BrigInt  
Melo.pmr@mail.exercito.pt





## NEPTUNO 2012



No período de 19 a 22 de Novembro decorreu em Vieira de Leiria o exercício de fogos reais «NEPTUNO 12», no qual foram empregues os sistemas míssil de Artilharia Antiaérea do Exército Português.

A realização deste Exercício integra-se no ciclo de treino anual da Brigada de Intervenção, nomeadamente o treino de nível 2, traduzido em treino técnico das guarnições dos sistemas de Artilharia Antiaérea. Para o efeito, é definida e preparada uma carreira de tiro de Artilharia Antiaérea temporária, segundo parâmetros técnicos previstos em manuais militares nacionais e estrangeiros, dos quais se destacam procedimentos e condições relativas à segurança específica inerente aos Sistemas Canhão e Míssil. Para apoiar este sistema, é montada uma área de bivaque com alguns meios próprios de sustentação e uma equipa de manutenção dos vários sistemas de armas.

Ainda de referir, que este exercício conta também com o apoio de diversas entidades externas ao Exército, tais como a Marinha, Força Aérea, PSP, GNR, Bombeiros Voluntários da Vieira de Leiria e Marinha Grande.



**Ten Art Pedro Miguel Rosa Melo**  
2º Cmdt da BtrAAA/BrigInt  
Melo.pmr@mail.exercito.pt





## EFICÁCIA 13



No âmbito do Plano Integrado de Treino Operacional de 2013, realizou-se no Campo Militar de Santa Margarida (CMSM), no período de 19 a 24 de Maio, do corrente ano, o exercício Eficácia 13.

Este exercício, da responsabilidade do Comando das Forças Terrestres (CFT), contou com a presença dos três Grupos de Artilharia de Campanha, orgânicos das respetivas Brigadas, com os Pelotões de Morteiros Pesados da BrigMec, da BrigInt e com o Pelotão de Aquisição de Objetivos da Escola Prática de Artilharia, num total de cerca de 650 militares. Associaram-se também a este exercício um Pelotão de Morteiros dos Fuzileiros e uma parelha



de F-16 da Força Aérea, coordenado por uma equipa TACP (Tactical Air Control Party), localizada junto do PC/EXCON.

O GAC/BrigInt materializou a sua participação,



com o Cmd e EM, a Bateria de Comando e Serviços e uma Bateria de Bocas-de-fogo, com um efetivo total de 143 militares e 26 viaturas.

Este exercício, desenvolvido na sequência dos anteriores da mesma série, visou incrementar a proficiência técnica e a capacidade operacional dos meios de apoio de fogos e de aquisição de objetivos, dos Componente Operacional do Sistema de Forças do Exército.

Após o deslocamento das forças do GAC, de Vila Nova de Gaia até ao CMSM, na manhã de 19Mai13, procedeu-se à instalação e montagem do PC/GAC, da AApsvc do GAC e deslocamento da BBF para a Área de Atribuição de Missão, na região de Águas Negras, a sul do polígono de tiro.

Na manhã de 20Mai13, iniciou-se a primeira fase do exercício, na modalidade de Field Training Exercise (FTX), com o desenvolvimento dos principais eventos constantes da matriz de execução e treino tático das forças intervenientes, com a injeção de incidentes por parte das equipas de avaliação, a cargo do CFT, materializando desta forma o realismo tático de campanha. Nesta fase,



foram treinados os procedimentos técnicos e táticos de controlo e conduta das operações terrestres, coordenação de apoio de fogos e o emprego dos diferentes meios de apoio de fogos.

Numa segunda fase, realizada nos dias 22 e 23, na modalidade Live Fire Exercise (LFX), foram executadas diversas missões de tiro, de diferentes posições, com granadas explosivas e iluminantes, em tiro diurno e noturno.

Na manhã do dia 23, decorreu o DVD do exercício, que contou com a presença de diversas entidades militares, das quais se destaca a presença do Ex.mo TGen VCEME. Este dia, iniciou-se de manhã cedo com a entrada em posição de tiro das BBF e Pel Mort, na zona Norte do Polígono, de onde foram realizadas as regulações



preparatórias para a demonstração de fogos conjunta das forças de Artilharia de Campanha e Morteiros participantes no Exercício Eficácia 13.

Após a chegada ao CMSM, as entidades presentes assistiram a um pequeno brífingue no PC/EXCON, onde foi dada a conhecer a finalidade e objetivos do exercício, bem como os principais meios envolvidos e tarefas essenciais realizadas ao longo da semana, seguida de uma visita aos PC/GAC.

Já no observatório de D. Pedro, as mesmas entidades assistiram a uma demonstração de fogos conjunta, realizada por quatro baterias de bocas-de-fogo e três pelotões morteiros, que executaram missões de tiro, com granadas de fumos e explosivas, em percussão e tempos, culminando com um TSO (Tiro Simultâneo no Objetivo), realizado por todas as subunidades de apoio de fogos.

A finalizar esta demonstração, foi executada uma missão de Apoio Aéreo Próximo, com um ataque ao solo, realizado por uma parelha de F-16 da Força Aérea, coordenada por uma equipa TACP (Tactical Air Control Party), localizada junto do PC/EXCON.

Após a sessão de fogos, as subunidades



participantes na demonstração conjunta de tiro, realizaram um desfile motorizado frente a D. Pedro, em continência ao Ex.mo TGen VCEME.

No final da manhã, todas as forças militares presentes e as entidades convidadas participaram num almoço convívio no Quartel da Pucariça, realizado conjuntamente pelos três GAC, com o apoio da BrigMec, onde uma vez mais foi possível atestar a sã camaradagem dos militares e fortalecer o espírito artilheiro e a boa ligação com os militares de outras Armas e de outros Ramos.

Este exercício, exigente e bastante intenso, possibilitou o treino técnico e tático eficaz dos meios de apoio de fogos, num espaço próprio e ajustado às necessidades dos sistemas de armas empenhados, com grande realismo e dinamismo, permitindo atestar as capacidades dos meios humanos e materiais envolvidos.

Após o regresso ao RA5, na madrugada de 24Mai13, verificou-se a satisfação espelhada no rosto dos militares do GAC/BrigInt, por uma vez mais terem dado forma ao treino operacional que desenvolvem no quotidiano, num exercício muito completo, onde foi possível executar de forma cabal as diferentes tarefas deste Encargo Operacional da Brigada de Intervenção.

**TCor Art Sousa Lopes**  
Cmndt GAC/BrigInt  
lopes.lfs@mail.exercito.pt



## EXERCÍCIOS BRIGADA

### "DRAGÃO 13" - MAPEX ANTEVISÃO DO CPX E FTX



O Exercício DRAGÃO 13 (Ex DRAGÃO 13) é um exercício setorial conduzido pela Brigada de Intervenção (BrigInt), com o intuito de praticar e treinar a capacidade de planeamento, comando e controlo da Brigada, enquanto Grande Unidade (GU) da Componente Operacional do

prontidão da FT1200, para o ano 2013/2014.

Ao nível da execução, o exercício DRAGÃO 13, está organizado em três fases principais.

A Fase I – Planeamento, iniciou-se com a realização do MAPEX DRAGÃO 13, de 26 a 28Fev, no Comando da Brigada, durante o qual se deu início ao processo de Planeamento Operacional.

Durante este período procurou-se delinear as linhas gerais do exercício e difundir orientações às Unidades Operacionais da BrigInt, para condução das suas atividades de treino, norteadas para os objetivos estabelecidos nas Especificações do



Sistema de Forças do Exército (COSF).

O desenvolvimento e condução do Ex DRAGÃO 13 está orientado para o emprego da Brigada no contexto das operações de combate inseridas em cenário de Operações de Resposta a Crises (CRO), de acordo com as orientações superiores estabelecidas para a BrigInt, no Plano Integrado de Treino Operacional para 2013.

O exercício constitui o corolário do ciclo de treino operacional da BrigInt, que se constitui como Audiência Primária de Treino (PTA), validando a

Exercício (EXSPEC). Nesta atividade, onde participaram todas as UnEOp/BrigInt, foram desenvolvidas as seguintes tarefas:

- Apresentação do Conceito Geral do Exercício;
- Enquadramento do Exercício, através da apresentação do esboço da situação geral e do cenário;
- Apresentação genérica do CONOPS do OPLAN KFOR;



- Debate sobre a tipologia de tarefas mais adequadas a cada força e aos objetivos do exercício;
- Identificação das possibilidades e nível de participação das FApGerais.

Tendo em consideração que em simultâneo com este exercício decorrerá o exercício final apontamento do 2BI/KFOR (Exercício PRISTINA 132), que a partir de Setembro se constituirá como Força Nacional Destacada para a Força de Paz do Kosovo (KFOR), foi considerado como cenário geral para o exercício a atual situação geral do TO Kosovo, com as adaptações necessárias que permitam a consecução dos objetivos propostos e onde estarão presentes, em simultâneo, diferentes tipos de operações e de tarefas.

A Fase II – CPX DRAGÃO 13, vai decorrer de 11

a 14 de Junho, no Centro de Treino de Postos de Comando da BrigInt, com a finalidade de testar e validar as atividades desenvolvidas na Fase I.

Esta fase constituirá um warm up para a fase seguinte e materializará as condições STARTEX para o FTX DRAGÃO 13.

Já a Fase III – FTX DRAGÃO 13, irá decorrer de 22 a 31Jul13, nos concelhos de Vila Real, Vila Pouca de Aguiar e Murça e na qual está planeada a participação de um efetivo a rondar os 1500 militares no terreno.

Todo este processo tem como finalidade praticar o planeamento, o controlo e a conduta de operações táticas, associadas ao quadro das missões e tarefas passíveis de serem desempenhadas pela BrigInt, de forma a garantir a validação do ciclo de treino operacional e a avaliação e certificação das forças que integraram a FT1200.

Para além disso, e uma vez que, simultaneamente, decorrerá o Ex PRISTINA 132, pretende-se também validar o treino operacional do 2BI/KFOR e certificar a sua capacidade operacional para o desempenho da missão de Reserva Tática do Comandante da KFOR (KTM).

**TCor Cav Paulo Marques**  
Chefe G7/G9/BrigInt  
[Brigintg9@mail.exercito.pt](mailto:Brigintg9@mail.exercito.pt)





## VULCANO 131



Decorreu de 02 a 07Abr13 no Campo Militar de Santa Margarida (CMSM) o Exercício "VULCANO 131", exercício de fogos reais das unidades do Encargo Operacional (EOp), da Brigada de Intervenção (BrigInt). De acordo com o preconizado na Nota nº 13685 Pº 3.07.33 de 15Mar13 da BrigInt o Grupo de Auto Metralhadoras (GAM) constituiu-se com Entidade Tecnicamente Responsável (ETR) pela execução do tiro. Neste exercício, para além do GAM,



participaram o ERec/BrigInt (em fase de aprontamento nacional para a NATO Response Force 2014 como Recce Coy/NRF 2014), uma Companhia de Atiradores (CAAt) e parte da Companhia de Apoio de Combate (CAC) do 2º Batalhão de Infantaria (2BI/BrigInt), e guarnições das Secção Canhão do 1º Batalhão de Infantaria (1BI/BrigInt).

Neste exercício assumiu particular relevância a realização de fogos reais, pela primeira vez com as guarnições dos EOp, das VBR PANDUR IFV (Infantry Fighting Vehicle), equipadas com o sistema Canhão Mauser MK 30-2 de calibre 30 mm, bem como das ICV RWS (Infantry Carrier Vehicle – Remote Weapon Station), equipada com uma estação de tiro operável em 360º a partir do interior da viatura, dotada de um sistema de controlo Kongsberg e armado com uma metralhadora pesada Browning 12,7 mm (modelo M2HB). As viaturas PANDUR RWS (tal como a versão PANDUR REC) equipam exclusivamente ERec/BrigInt, tendo o Exército adquirido 07 exemplares.

Durante a manhã de 05 de abril, o evento foi visitado por SExa o Chefe do Estado-Maior do



Exército, General Artur Pina Monteiro, e pelo Exmo Vice-Chefe do Estado-Maior do Exército, TGen Campos Gil, bem como pelos Comandantes das Brigadas Mecanizada, MGen António Menezes, e de Reação Rápida, MGen Campos Serafino, que se associaram ao Comandante da Brigada de Intervenção, MGen Aguiar Santos no acompanhamento das atividades em curso e na observação das novas capacidades. Os Comandantes de algumas unidades da Estrutura Base/BrigInt e dos EOp da BrigInt também marcaram presença neste dia. As várias entidades presentes tiveram a oportunidade de assistir in loco a várias sessões de tiro, bem como verificar as capacidades de alguns dos sistemas de armas.

O Exercício VULCANO 131 teve por finalidade:

- Colocar em prática a formação e o treino ministrados;
- Executar tiro real com todas as armas orgânicas, garantindo que os militares fiquem



aptos a proceder, individual e coletivamente, de acordo com a situação e ameaça com que possam vir a ser confrontados, fazendo a correta utilização do armamento e do equipamento ao seu dispor;

- Testar o grau de operacionalidade do armamento, nomeadamente do sistema



(arma e sistemas optrônicos) da PANDUR IFV e da PANDUR RWS.

De acordo com as funções orgânicas, o Plano de Tiro do Exército e o crédito de munições atribuídas, o Exercício teve como objetivos:

- Realizar as tabelas de tiro propostas para estabelecer níveis de eficácia;
- Adquirir o ritmo de tiro, aumentar a experiência e consolidar a confiança;
- Desenvolver ações táticas convencionais

UN	SubUn	Oficiais	Sargentos	Praças	Total
RC6	GAM	11	13	69	93
	ERec	6	31	101	138
RI13	Guarnições IFV	1	0	4	5
RI 14	CAt	4	11	65	80
	CAC	2	6	30	38
					354

Unidade	Sub Un	V150	V600	PANDUR				
				ICV	RWS	IFV	RV	Rec
RC6	GAM	4		1		2		
	ERec		3	2	4	4	1	1
RI 14	CAt			1				

que poderão ocorrer no quadro de uma missão de paz utilizando o armamento, nomeadamente, "Preparar para o Combate" e "Fogo e Movimento".

O exercício VULCANO 131 foi planejado e executado através de coordenações diretas com as várias subunidades da Brignt e com a BrigMec, tendo sido efetuado em 20Mar13 um reconhecimento ao CMSM, por parte de militares do GAM e do ERec. Nesta ação, para além do reconhecimento ao Quartel da Pucariça, realizou-se uma reunião de coordenação com elementos do CMSM, nomeadamente ao nível da Logística, Operações e Unidade de Apoio.

Este exercício envolveu cerca de 350 militares e mais de 50 viaturas, das quais 23 blindadas, conforme tabelas seguintes.

O exercício decorreu ao longo de seis dias, dois dos quais dedicados à execução dos fogos reais,

tendo também sido treinados procedimentos técnicos e táticos, aproveitando para o efeito as excelentes condições existentes no CMSM. Em termos genéricos as atividades desenvolvidas ao longo do exercício foram as seguintes:

#### 02Abr

- Projeção do GAM e do ERec do RC6 para o CMSM.

#### 03Abr e 04Abr

- Levantamento de Munições no DGME (03Abr13) e TANCOS (04Abr13);

- Treino das guarnições das VBR PANDUR II 8x8;

- Execução de tarefas táticas de PelAM e PelRec (deslocamentos táticos, reconhecimentos, entrada e saída de Zona de Reunião, ocupação de posição de combate, etc.);

- Projeção das forças do 1BI e do 2BI do RI13 e RI14, respetivamente, para o CMSM (04Abr13).

#### 05Abr13 - Sessão de Fogos Reais

##### Manhã e Tarde

Tiro com PANDUR IFV – GAM

Suspensão do Tiro e verificação dos efeitos do tiro do Canhão 30 mm nos alvos;

Tiro Mort 81 mm (ERec) e 120 mm (2BI);

Tiro EAutm G3 e ML (GAM - CT A1);

Tiro com PANDUR IFV (ERec, 2BI, 1BI), ICV (GAM, ERec, 2BI) e RWS (ERec);

Tiro com PANDUR ICV (GAM e 2BI).

##### Noite

Tiro Mort 81 mm (ERec)

Tiro com PANDUR IFV (ERec, 2 BI, 1BI), ICV e RWS (ERec).

#### 06Abr13 - Sessão de Fogos Reais (Cont.)

##### Manhã

Tiro com V150 – GAM;

Tiro Mort 81 mm (ERec) e 120 mm (2BI);

Tiro EAutm G3 e ML (GAM - CT A1);

Tiro Msl Milan (ERec).

##### Tarde

Tiro EAutm G3 e ML (GAM - CT A1);

Tiro ML (2BI – CT A1);





Tiro HK79 e Lançamento de Granadas (ERec, GAM e 2BI).

**07Abr13**

Regresso às Unidades (GAM, ERec, 2BI. O 1BI regressou a quartéis em 06Abr13).

Em jeito de conclusões, elencam-se de seguida alguns dos aspetos considerados mais relevantes.

O Exercício Vulcano 13 constitui-se como uma mais-valia no treino dos EOp da BrigInt, tendo pela primeira vez sido efetuado tiro com a PANDUR IFV pelas respetivas guarnições.

O Canhão 30mm revelou ser uma arma fiável, que garante algum poder de fogo, mas que exige bastante treino das guarnições, face à complexidade dos seus sistemas, nomeadamente à dificuldade do sistema de carregamento, que advém principalmente da exiguidade da área de operação das guarnições. Contudo é de salientar pela negativa:

O “tapa-chamas” do Canhão 30 mm apresenta danos resultantes da saída de gases, o que não deveria ocorrer neste sistema de armas.

A falta de algumas ferramentas para manusear o sistema Canhão 30 mm (como por exemplo a “Forquilha do Corpo da Culatra”, a “Pega do Corpo da Culatra” e o “Martelo Mauser”) colocam dificuldades (e podem vir a causar danos) na desmontagem e montagem do sistema de armas para a sua limpeza e manutenção. A existência dos detergentes e óleos adequados para a lubrificação

(antes e após o tiro) e manutenção do sistema é um requisito a não descurar.

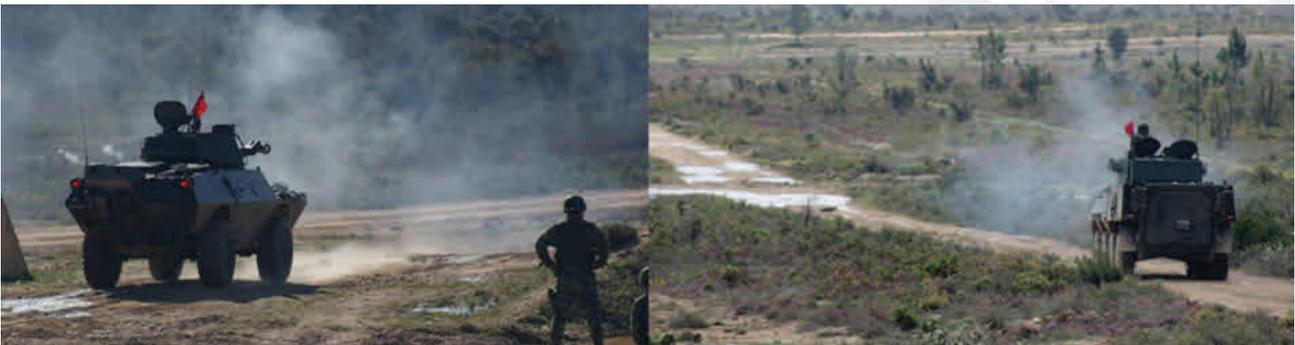
O deslocamento ao CMSM para a execução dos fogos reais, é uma oportunidade única para, aproveitando os meios projetados, utilizar outras infraestruturas e meios de apoio de serviços, nomeadamente ao nível das áreas de instrução e ainda para proporcionar instrução/treino ao nível das operações convencionais e/ou tarefas no âmbito das CRO. Pensamos que o ideal seria que os fogos reais com o armamento coletivo orgânico dos Encargos Operacionais se realizassem duas vezes por ano, de forma a manter uma maior proficiência das guarnições.

O balanço final do exercício VULCANO 131 é bastante positivo, tendo provavelmente sido o maior exercício de fogos reais realizado pelo RC6 e quicá pela BrigInt, não só em termos de meios humanos e sistemas de armas envolvidos, como na conjugação das dotações de munições atribuídas, bem como no período e número de sessões de tiro real efetuadas. O desenrolar do Exercício ao longo de 6 dias consecutivos permitiu aperfeiçoar o treino das guarnições, com o natural fortalecimento do “espírito de guarnição”, consolidação do treino de movimentos táticos e ações nos pequenos altos, treino e validação dos comandos de fogo de viatura e de pelotão, etc. A introdução dos novos sistemas de armas (RWS, Canhão 30 mm) e os consequentes “batismos de fogo”, trouxeram uma motivação acrescida para a continuidade do treino, que a par da proficiência já mais que garantida da seção de morteiros com a veterana V600 e o engenho e dedicação dos pelotões de V150, que rapidamente se adaptaram e alcançaram eficácia nos comandos de fogo de pelotão, constituíram-se com um referencial de eficiência e eficácia, e um acrescido motivo de orgulho dos militares dos Encargos Operacionais, motivando-os para um desempenho que se quer cada vez mais de excelência.

**TCor Cav Jorge Ferreira**

*Cmdt do GAM/BrigInt*

*rc6.cmdtgam@mail.exercito.pt*





## EOP

### PLUTUNIX12



Decorreu entre os dias 03 e 13 de Dezembro um módulo de instrução de Controlo de Tumultos executado no âmbito do treino operacional do Esquadrão de Reconhecimento da BrigInt. Para

uma melhor rentabilização da instrução, a formação da força esteve a cargo de formadores qualificados e certificados pelo Curso de Controlo de Tumultos e pela experiência adquirida pelos mesmos no TO do Kosovo em 2012.

A formação orientada para o treino operacional do 1ºPelRec/ERec/Força Tarefa1200/BrigInt, iniciou-se com os procedimentos de equipar e desequipar seguido das técnicas individuais do uso do escudo e do bastão, quer para defesa quer para ataque.

Após o treino individual, foram ajuntadas técnicas e táticas aos níveis de esquadra, secção e por fim de pelotão. Foi ainda ministrada uma instrução de reacção a “Cocktail Molotov”, onde todos os elementos da força tiveram oportunidade de treinar e aplicar a técnica a nível individual e posteriormente à Esquadra.

De forma a conferir ao treino o carácter mais real possível, a formação foi “condimentada” com forças de cenário do Esquadrão, com experiência em CRC adquirida no TO do Kosovo, permitindo o treino e a execução de diversas tarefas e situações reais, e assim aplicar os conhecimentos adquiridos com ímpeto e motivação acrescida.



Durante mais de duas semanas, o Pelotão foi adquirindo a destreza e aplicando conhecimentos na Limpeza de Itinerários, Entrada em Compartimentos, Reacção a Homem Violento, Passagem de Barricadas, Montagem de Barragens Filtrantes e de Interdição e ainda Protecção de Entidades em Deslocamento.

A formação e o treino serviram não só para aumentar o nível de Operacionalidade do 1ºPelRec, mas também para por à prova a capacidade de resiliência emocional dos militares, que lidaram com “multidões” desordeiras de forma paciente e profissional, dando mostras de “endurance” psicológica e robustez física e técnica.

De forma a validar toda a formação e treino ministradas, coincidindo com o final dos mesmos, o 1ºPelRec planeou e realizou um FTX materializado no cumprimento da missão atribuída pelo Escalão Superior de forma a aplicar todos os conhecimentos adquiridos e todas as TTP's treinadas no decorrer da instrução.

Após o PXD podemos afirmar que a instrução atingiu o nível de proficiência desejado e que os militares do 1ºPelRec/FT 1200 estão prontos para vencer outros desafios.

Avante Para a Glória!

**Ten Cav Ana Leonardo**  
Cmdt 1ºPelRec/FT1200/BrigInt  
leonardo.aic@mail.exercito.pt



## MARTE 13



O Exercício “MARTE 13”, uma atividade de Treino Operacional do 2º Batalhão de Infantaria da BrigInt (2BI/BrigInt), decorreu na semana de 04 a 08 de março, na modalidade FTX e na forma LIVEX, na região de Viseu (CRASTO e TRANCALHÃO), tendo permitido validar o Treino Operacional.

Este exercício decorre da sequência do treino desenvolvido e da sua validação, surgindo após o treino de nivelamento individual e da sua respetiva validação, em dezembro de 2012, através da realização de um Circuito de Avaliação Individual aos militares da categoria de praças, e da participação dos graduados nos Exercícios da série MEDULA. Seguiu-se o treino e validação das Unidades Escalão Secção (UES), em janeiro, efetuada através de uma Prova de Validação, realizada em forma de Exercício, com a duração de 48 horas.

Na sequência lógica e coerente da evolução do Treino, do escalão tático e do grau de dificuldade, surge o Exercício MARTE, e a validação das Unidades Escalão Pelotão (UEP), conscientes que se seguirá o treino e validação do escalão Companhia, e posteriormente o escalão Batalhão, tradicionalmente validado durante o Exercício DRAGÃO.

Durante o Exercício MARTE, foram treinadas



tarefas essencialmente de âmbito convencional, em ambiente não permissivo, desencadeadas a partir de uma Área de Atribuição de Missão, e aplicadas ao escalão tático Pelotão.

O Exercício compreendeu as fases de Planeamento, Execução e Revisão Após a Ação. Por forma a rentabilizar o empenhamento do pessoal e dos meios do 2BI/BrigInt, integrou-se a validação dos Planos de Batalhão (Plano de Convocação e Recolha, Plano de Carregamento e Plano de Ocupação de uma Zona de Reunião/Área de Atribuição de Missão), subdividindo-se a fase de Execução em quatro subfases.

Durante a execução das tarefas, as condições meteorológicas adversas e a implementação de Forças de Cenário da CCS/R114, permitiram conferir realismo, dureza e vivacidade, sem nunca se ter descurado as regras de segurança exigidas.

A execução do Exercício MARTE 13 revelou-se extremamente positiva, permitindo atingir os objetivos propostos e incrementar a união e o espírito de corpo e a coesão do 2BI/BrigInt.

**2BI/BrigInt**

*Ri14@mail.exercito.pt*





## RAIO 13



Os exercícios da série “RAIO” inserem-se no ciclo do plano de treino da Brigada de Intervenção (BrigInt) e são planeados e implementados no âmbito do treino operacional da Companhia de Transmissões da Brigada de Intervenção (CTm/BrigInt), sendo realizados sob a forma de SIGEX/LIVEX.

O exercício RAIO 13 irá realizar-se no período de 1 a 5 de julho de 2013 na região de Vila Real e Murça, cujo principal objetivo é desenvolver, incrementar e melhorar as capacidades operacionais ao nível das comunicações e sistemas de informação (CSI) de forma a proporcionar as ferramentas necessárias ao comando e controlo (C2) da BrigInt. A tipologia do exercício “RAIO” enquadra-se nos exercícios de nível 3, cujo esforço é centrado na CTm como escalão que constitui encargo operacional da BrigInt e destina-se a validar o treino operacional da companhia.

O planeamento do exercício tem como referência o cenário criado para o exercício DRAGÃO13 e de todos os trabalhos realizados durante o seu processo de planeamento, pelo que o exercício RAIO 13 também irá permitir realizar um pré-teste às CSI que irão estar disponíveis no decorrer do exercício DRAGÃO 13.

A organização e planeamento do exercício são conseguidos à custa das sinergias criadas entre a audiência de treino, a CTm, a Escola Prática de Transmissões (EPT) e o Estado-maior da BrigInt, nomeadamente o G6, por forma a implementar toda a estrutura de controlo, avaliação e arbitragem de modo a criar todas as condições necessárias à realização do exercício. Na figura seguinte encontra-se a organização da estrutura do exercício RAIO13.

Os requisitos necessários para as atividades a desenvolver estarão orientados para as missões mais prováveis do seu emprego num teatro de operações idêntico ao definido para o exercício DRAGÃO13. Assim foram definidas as seguintes tarefas a desenvolver:

- Capacidade de planear e executar operações ao nível de CTm;
- Capacidade para apoiar a BrigInt e as suas subunidades com sistemas e serviços de CSI, com base nos seus recursos materiais e humanos orgânicos, ou recebidos de reforço e de acordo com a sua missão;

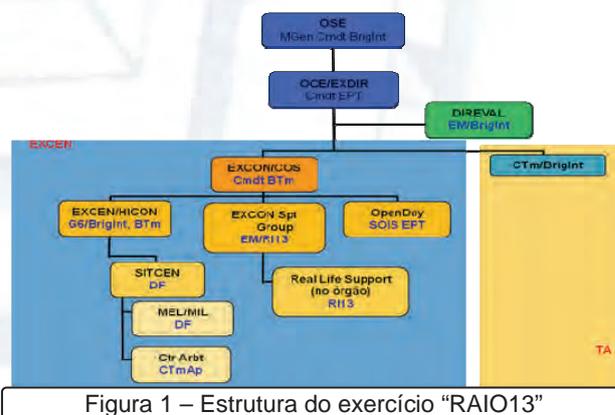


Figura 1 – Estrutura do exercício “RAIO13”

- Estar preparada para conduzir operações de apoio CSI inopinadas até à capacidade de um Módulo de Centro de Comunicações de Companhia.

Foram definidos os seguintes objetivos tidos como fundamentais e que deverão ser levados em consideração durante todo o processo de planeamento:

- Desenvolver a capacidade de planear e controlar operações ao nível da CTm;
- Desenvolver e treinar a capacidade de instalar os meios e serviços para apoio aos postos de comando de Brigada e Batalhão;
- Desenvolver e treinar a capacidade de apoiar uma UEC numa operação inopinada;
- Assegurar um rear link com recurso à integração dos meios do SIC-T no SIC-Op;
- Reconhecer e planear a instalação de PAR para apoio a um setor de Agrupamento/UEB;
- Reconhecer e planear a instalação de PAR para apoiar a implementação de uma rede de Comando e operações da BrigInt – VHF e HF;
- Planear e treinar a instalação de um rear link alternativo em HF;
- Desenvolver a capacidade de assegurar todos os serviços previstos no projeto SIC-T;
- Planear e testar os links e repetidores de FHZ necessários à interligação dos nós de acesso;
- Garantir condições para ser efetuada uma Avaliação durante o exercício.

O conceito de CSI é materializado pela implementação de uma Combat Net Radio (CNR) e de uma rede de dados, com recurso aos meios SIC-T, com capacidades para várias classificações de segurança de acordo com as classificações de

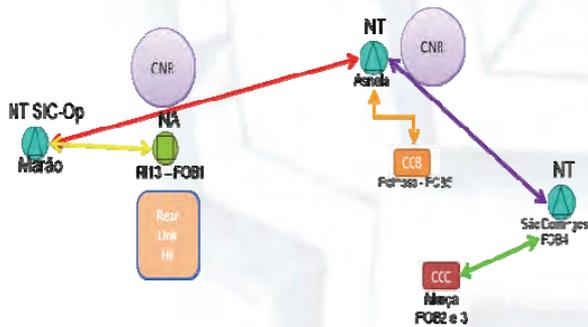


Figura 2 – Esquema funcional

segurança da documentação utilizada. Assim o exercício baseia-se numa rede “BLACK” e numa rede “RED”. A rede “BLACK” é uma rede com classificação de segurança até reservado em virtude de a considerarmos uma extensão ao Sistema de Informação e Comunicações Operacional (SIC-Op) do Exército possibilitando aos utilizadores finais terem acesso a todos os serviços disponibilizados por este sistema na área do exercício. A rede “RED”, que normalmente designamos por MISSION SECRET, é a principal rede de trabalho. Esta rede é vocacionada para a missão e confere segurança nas matérias classificadas até secreto com recurso ao uso de equipamentos de encriptação designados por TCE’s. É nesta rede que estarão disponíveis todos os serviços necessários ao C2 da BrigInt.

No que concerne à CNR, esta será materializada pelos equipamentos rádio P/PRC 525 permitindo implementar a rede de comando e operações, com

serviço de voz e de dados seguros – SECOM, em VHF com recurso a repetidores de modo a garantir a cobertura rádio da área de operações. Será também materializado um rear link à custa de uma rede rádio em HF que funcionará como reserva ao rear link principal. Na figura seguinte apresenta-se o esquema funcional das ligações do exercício.

Os serviços de sistemas de informação disponibilizados em cada uma das redes disponíveis são os apresentados na tabela seguinte.

Em forma de conclusão é com enorme satisfação podermos afirmar que a CTm/BrigInt tem a consciência do dever cumprido e acreditamos que após o final do exercício, possuímos as competências técnico-táticas consolidadas, aumentando desta forma os mecanismos necessários à implementação das comunicações e sistemas de informação fiáveis e tolerante a falhas tendo em vista a realização do exercício DRAGÃO13.

**CTm/BrigInt**  
*ept.ctmbrigint@mail.exercito.pt*

Referências:  
 DIRETIVA Nº 06/BrigInt/13 - TREINO OPERACIONAL DA BRIGADA DE INTERVENÇÃO 2013;  
 ESPECIFICAÇÕES DO EXERCÍCIO (EXSPEC) RAI0 13

REDES	RED					BLACK					CNR			
SERVIÇOS	MAIL - OUTLOOK	WISE (DRAGÃO13 E PRISTINA 132)	SICCE	VTC	IMPRESSORAS	TELEFONES VOIP SEGUROS	WEBMAIL EXÉRCITO	WISE BRIGINT	INTRANET	INTERNET	IMPRESSORAS	TELEFONES	SERVIÇO DE VOZ	DADOS SEGUROS - SECOM

Tabela 1 – Serviços disponibilizados



## MEDULA 131



No passado mês de janeiro, entre os dias 7 e 11, realizou-se, mais um exercício da série “Medula” – o MEDULA 131.

Sendo o planeamento e organização destes exercícios uma das missões do Regimento de Infantaria N.º 19 (RI19), o “Medula 131” desenvolveu-se nas áreas de instrução do próprio Regimento, nalgumas zonas confinantes, na carreira de tiro e na Serra da Olga/Alto do Queimado.

O exercício, que contou com a participação de 30 militares (7 oficiais e 23 sargentos provenientes do CTM, do RAAA1, do RC6, do RE3, do RI13, do RI14 e do RI19), faz parte de uma série de treinos da Brigada de Intervenção (BrigInt) que têm como objetivo, para além de aprofundar e desenvolver a Técnica Individual de Combate (TIC), uniformizar estes conhecimentos e o desempenho por parte dos elementos da BrigInt, e elevar o seu nível de proficiência de acordo com a missão desta Grande Unidade da Força Operacional Permanente do Exército Português.

As atividades práticas, que foram antecedidas por uma introdução teórica por parte dos instrutores do RI19 e de uma demonstração pelo Pelotão de Guarnição e Segurança da CCS/RI19, decorreram em pistas de combate compostas por estações, tendo os militares participantes desenvolvido ações de TIC no contexto da camuflagem, progressão no terreno, assalto a posição inimiga, observação e relato de notícias, reação a ações inimigas – emboscadas, fogo indireto e tiro de sniper –, progressão em áreas edificadas e tiro instintivo diurno e noturno com espingarda.

O Medula 131 decorreu dentro de toda a normalidade, sendo de salientar, mais uma vez, o



empenho demonstrado por todos os participantes, bem como a sua capacidade de aprendizagem e de execução prática dos conhecimentos.

**MAJ INF João Paulo Alves**  
ChSOIS RI19  
Alves.jp@mail.exercito.pt





## MERCÚRIO 13

Realizou-se no período de 03 a 10 de Maio o Exercício Mercúrio 13 destinado à Recce Coy/NRF2014. Teve lugar no Aquartelamento D. Pedro em Chaves, com o apoio do RI19.

Foram delineados para este exercício alguns objetivos principais, nomeadamente:

- Cumprir o plano de tiro da diretiva de aprontamento da Recce Coy/NRF 2014, no que respeita ao armamento individual;
- Desenvolver a capacidade de planeamento, conduta e controlo de operações ao escalão esquadrão;
- Testar e treinar as Normas de Execução Permanente (NEP);
- Testar e treinar e executar tarefas de guarnição, plano de carregamento e outros planos elaborados;
- Treinar a execução de movimentos e a projeção de forças;
- Treinar os procedimentos durante pequenos e grandes altos e as tarefas e missões do âmbito das Operações de Reconhecimento e Operações de Segurança, integradas em operações de *Collective Defense* e CRO;
- Exercitar o sistema de alerta e Defesa Anti Aérea e NBQ e o apoio de serviços de campanha;
- Conferir ao treino o realismo, dureza e vivacidade possíveis, sem descurar as regras de segurança para a execução do treino operacional;
- Garantir condições para ser efetuada uma PRÉ-CREVAL durante o exercício.

Sendo assim, o Exercício MERCÚRIO 13, desenvolveu-se em 3 partes fundamentais:

- Cumprimento do Plano de Tiro para as armas individuais, onde se realizaram durante quatro dias diversas sessões de tiro, nomeadamente, tiro de precisão, instintivo e combate, quer diurno, quer noturno;
- Exercício do tipo “CPX” para o Posto de Comando da Recce Coy, onde foram lançados incidentes destinados ao Comando do Esquadrão. Aqui, foi-lhes possível não só treinar o Processo de Tomada de Decisão, como também a resposta a variados incidentes, e ainda mecanizar e organizar o envio de relatórios para o Escalão



QUE FAMA ILUSTRE FIQUE



Superior, permitindo uma resposta mais célere numa fase posterior do exercício;

- Exercício do tipo “LIVEX”, destinado essencialmente à avaliação dos Pelotões na execução de diversas tarefas, nomeadamente tarefas de Reconhecimento e Operações de Segurança. Foi-lhes ainda possível, treinar deslocamentos e entrada em Zona de Reunião.

Durante o exercício, foi possível ainda à Recce Coy, testar alguns planos, particularmente o Plano de Segurança ao Aquartelamento, analisando desta forma a capacidade de resposta dos militares a um ataque às instalações, ou até, a reação a um incêndio.

Servindo para treino e validação de formação previamente dada, este exercício serviu também como treino para a Certificação Nacional a que será presente a Recce Coy já no final do mês de Junho, podendo com isto ajustar e corrigir procedimentos.

Procurou-se desta forma, rentabilizar ao máximo o tempo disponível para a prossecução das diversas tarefas e o conseqüente alcance dos objetivos previamente estabelecidos, tirando o maior rendimento dos meios e do espaço físico disponível.

**Sec Cmd/ERec/NRF 2014**  
[RC6.erec@mail.exercito.pt](mailto:RC6.erec@mail.exercito.pt)





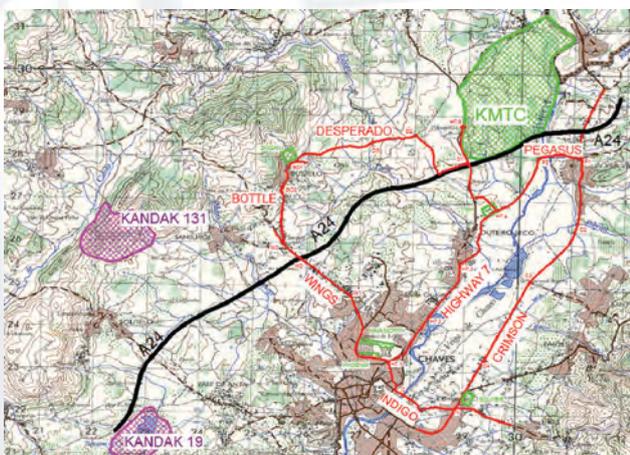
## EXERCÍCIOS APRONTAMENTOS

### KABUL 131



O exercício final do aprontamento do 6º Contingente Nacional para a International Security Assistance Force (6CN/ISAF), designado por KABUL 131, decorreu na região de Chaves, no período de 19 a 27 de março de 2013.

O exercício KABUL 131 teve como finalidade testar, avaliar e validar a capacidade operacional do 6CN/ISAF, num cenário



de Operações de Resposta a Crises (CRO), em ambiente LIVEX. Para se alcançar tal desígnio, as atividades desenvolvidas pelo 6CN/ISAF foram orientadas para as missões mais prováveis do seu emprego no Teatro de Operações do Afeganistão (TO AFG), pelo que, a situação enquadrante, designadamente, o cenário e o *Battle Rhythm*, tentou espelhar a realidade que se vive atualmente no Teatro.

O 6CN/ISAF materializou-se como a audiência primária de treino (PTA), sendo constituído por militares dos três ramos das Forças Armadas e integrou os seguintes elementos/capacidades:

- Comandante do CN;
- Unidade de Apoio (UnAp), constituída por militares dos três ramos:
  - Comando e Estado-Maior (Cmd/EM);
  - Pelotão de Apoio de Serviços (PelApSvc);
  - Companhia de Proteção (CompProt), cuja Fase I do aprontamento decorreu no Centro de Tropas Comando, na Carregueira.
- Military Advisor Team de Divisão (MAT CapDiv HQ), constituída por militares do Exército;

- Equipa de Formadores/Instrutores (PeH Staff Advisor Team (SAT)), constituída por militares da Força Aérea;
- Uma equipa do Crisis Establishment (CE): KAIA Transition Plan, designada por P15 e constituída por militares da Força Aérea;
- Unidade de Force Protection (UnFP KAIA), constituída por militares do Exército e Armada, tendo a Fase I do aprontamento decorrido no Regimento de Lanceiros, em Lisboa;
- Militares a preencher cargos na estrutura da ISAF CE.

No âmbito do treino, e no que concerne aos seus objetivos [de treino], a PTA incidiu o seu esforço de modo a materializar as seguintes tarefas:

- Desenvolver a capacidade de comando e controlo, e a capacidade de planeamento operacional;
- Treinar as táticas, técnicas e procedimentos (TTP) relativos a tarefas individuais e coletivas essenciais ao cumprimento da missão no TO, em especial as que se referem à proteção da força;
- Testar e avaliar as normas de execução permanente (NEP);
- Integrar todos os elementos do Contingente, fortalecendo os elos de ligação entre os seus militares, contribuindo para o espírito de corpo do 6CN/ISAF;
- Promover a reflexão e o debate, entre os elementos integrantes da força, na procura da melhor solução (*best practice*) para uma situação concreta.

A BrigInt foi a entidade primariamente responsável (EPR) pela direção do exercício, envolvendo parte do seu Estado-Maior no planeamento e condução do mesmo e empenhando militares das suas subunidades





(operacionais e da estrutura base) como reforço aos primeiros, cumprindo, também deste modo, um dos seus objetivos permanentes que é a integração de esforços de todos os militares da Brigada para atingir um fim comum, que, neste caso particular, foi o de garantir as melhores condições de treino possíveis para que o 6CN/ISAF incrementasse a sua capacidade operacional, tendo em vista a sua exigente missão no TO AFG.

Durante a fase de planeamento foi decidido que a condução deste exercício seria materializada em duas tipologias diferentes, designadamente:

- Um *Situational Training Exercise* (STX), realizado nos dois primeiros dias do *Live Exercise* (LIVEX), 20 e 21Mar13. Esta fase contou com o imprescindível apoio de militares da Força Aérea e do Exército (externos à Brigada de Intervenção), que se constituíram em *subject-matter experts* (SME). Tal facto constitui-se numa mais-valia para o exercício, fruto da experiência de todos os SME no TO AFG e, consequentemente, da sua autoridade moral e técnica na formação e treino dos militares do 6CN/ISAF. No final a direção do exercício considerou uma boa prática a realização do STX, que, indo de encontro aos conceitos doutrinários, apontam esta tipologia de *exercícios* para a finalidade de preparar e enquadrar exercícios de maior envergadura;

- Um *Field Training Exercise* (FTX), que decorreu entre os dias 22 e 26Mar13. Neste período foram injetados diversos incidentes a todas as capacidades do 6CN/ISAF com vista à preparação da força para emprego no TO AFG. Durante esta fase decorreu, sob a égide da Inspeção Geral do Exército, a *Combat Readiness Evaluation* (CREVAL) à força, nos dias 25 e 26Mar13, de modo a obter a sua certificação como Força Nacional Destacada (FND) a atribuir à ISAF.

Em sùmula e no còmputo global do exercício KABUL 131, considera-se que materializou o culminar de todo o processo de aprontamento e decorreu de acordo com as expectativas criadas para o mesmo, tendo sido alcançados os objetivos de treino definidos na fase de planeamento.

Releva-se, porque manifestamente positiva, a participação dos oficiais que desempenharam, na fase de STX, o papel de SME, porquanto conseguiram transpor para a audiência de treino a sua experiência pessoal “de viva voz”, e alertar para os aspetos menos visíveis e consequentemente menos falados da missão. Atendendo a que o STX precedeu o FTX, foi possível colocar em prática e de imediato os ensinamentos obtidos.

Este foi igualmente o primeiro exercício em que foi possível incluir os nossos psicólogos do Centro de Psicologia Aplicada do Exército (CPAE), designadamente os destinados a acompanhar a força que, com incidentes particularmente criados para tal, puderam testar todas as suas áreas de atuação, retirando preciosos indicadores e ensinamentos para o apoio ao 6CN, bem como para aprontamentos e empenhamentos futuros.

Destaca-se, finalmente, o forte empenho e vontade de aprender dos militares do 6CN, como um todo, o facto de esta ser mais uma possibilidade de treino conjunto, a mais valia da troca de experiências diversificadas, a utilização das excelentes infraestruturas do RI19 e, *last but not least*, a excelente oportunidade de projetar a imagem das Forças Armadas, e em particular do Exército, na região de Chaves.

**G7/BrigInt**  
*brigintg7@mail.exercito.pt*





## PRISTINA START



Denominado de PRISTINA START realizou-se, no Campo Militar de Santa Margarida (CMSM), o primeiro exercício de aprontamento do 2BI/KFOR. Este exercício decorreu no período de 22 a 28 de abril e teve como objetivos estabelecer uma base comum ao nível individual, efetuar nivelamento de procedimentos e agrupar os militares em Ordem de Batalha, proporcionando um período de intercâmbio e conhecimento mútuo.

Apesar de, maioritariamente ser constituído por militares do 2BI/BrigInt, revela-se como preponderante a concentração dos militares e a integração das suas diversas responsabilidades no esforço conjunto do 2BI/KFOR.

O 2BI/KFOR ficou instalado no Quartel da PUCARIÇA, aproveitando os recursos aí disponíveis, convertendo-o numa Base Operacional Avançada (FOB), a partir da qual foram conduzidas as seguintes atividades:

### 1. Execução das seguintes tabelas de tiro:

- Adaptação e instintivo da pistola Walther 9mm;
- Precisão da pistola SIG SAUER P228 9mm;
- Adaptação e instintivo da Espingarda Automática G3 7,62mm, diurna e noturna;
- Precisão e velocidade da Espingarda Automática G36 5,56mm, diurna e noturna;
- Adaptação das armas coletivas ML Browning 7,62mm e MP Browning 12,7mm, em VBR e Tripé;
- Adaptação LAW, LG HK 79 e LG múltiplo GL6 40mm;

### 2. Execução de destruições;

### 3. Realização de:

- Percursos topográficos diurnos e



noturnos, de parelha e secção;

- Tarefas Individuais de Armamento e Tiro, Transmissões, NBQ, Sapadores e Topografia;
- Treino Físico de Companhia e Batalhão.
- O 2BI/KFOR garantiu e treinou a sua sustentabilidade, tendo para isso o apoio de serviços sido garantido no local, através de refeições em cozinha de campanha e servida em sistema de linha no local. A manutenção foi garantida pelo módulo de manutenção do 2BI/KFOR.

O exercício culminou com a avaliação das competências transversais a todos os militares do 2BI/KFOR, obtendo dados objetivos sobre o nível de formação e treino, garantindo a obtenção de dados orientadores para o planeamento e execução do treino operacional de acordo com os objetivos a atingir, definidos no Programa de Treino do Aprontamento.

Durante o exercício o 2BI/KFOR foi visitado pelos Exmo Sr General Comandante e 2º Comandante da Brigada de Intervenção no dia 24 de abril, e Exmo Comandante do R114 no dia 26 de abril.

**2BI/KFOR**

*2bi.kfor@mail.exercito.pt*





## O APRONTAMENTO DA UnCRC UM EXEMPLO DE CRIAÇÃO DE NOVAS VALÊNCIAS NO ENCARGO OPERACIONAL DOS ECOSF

Nos dias 22 e 23 de abril decorreu no RI13 o exercício "ESCUDO 13". Este exercício foi o culminar da fase de aprontamento de uma Unidade Controle de Tumultos (UnCRC), que resultou da orientação do Exército no sentido de desenvolver esta capacidade e mantê-la, de forma permanente, nos seus ECOSF.

O cumprimento de missões em situações de alteração da ordem pública, tumultos ou outras situações de hostilidade por parte da população ou alguns dos seus segmentos mais violentos é um cenário cada vez mais comum no atual ambiente operacional e com as quais as Forças Nacionais Destacadas (FND) se deparam de forma cada vez mais frequente nos diversos Teatros de Operações (TO) onde são empenhadas.

Seguindo as orientações vertidas na Diretiva n.º 83/CFT/13, Levantamento de Unidades de Escalão Companhia com Capacidade de Controlo de Tumultos, onde se determina que "de forma gradual deverá ser assegurada a existência, em permanência, de uma capacidade CRC de escalão Companhia, em cada Brigada", o Cmd da BrigInt atribuiu ao RI13 a responsabilidade de aprontar esta força.

Assumindo como dado enquadrante que a capacidade de controlo de tumultos seria mais uma capacidade de uma das suas unidades de manobra e não uma "unidade dedicada" a esta tarefa, o 1º Batalhão de Infantaria assumiu a execução, ao seu nível, baseando a força nas Estruturas Orgânicas de Pessoal e Material de uma das suas Companhias (no caso a 2ª CA), introduzindo as necessárias alterações que decorriam das



orientações e especificidades definidas nos documentos enquadrantes. Uma Companhia equipada com VBR PANDUR constitui-se assim no modelo base para este projeto, assumindo-se que no final deste aprontamento, esta Companhia, para além das suas possibilidades orgânicas, passaria também a poder conduzir operações CRC.

Feitas as propostas de redefinição da EOP e EOM específicas (que viriam a ser posteriormente aprovadas), a 04 de março, a 2ª CA, à qual foram atribuídos os reforços necessários, iniciou o aprontamento específico. Assim, de 04 a 17 de março, a força frequentou uma fase de formação para graduados e comandantes de Esquadra, ministrada no Regimento de Lanceiros 2 (RL2). Esta fase constitui-se uma clara mais valia para o processo de aprontamento, pois permitiu estabelecer o padrão de referência para a continuação do treino. A partir de 20 de março iniciou-se a fase de treino orientado, que ficou a cargo dos graduados que receberam formação no RL2, e que foi conduzido no RI13, tendo na sua etapa final sido apoiado por militares do RL2. A *Initial Operational Capability* (IOC) foi declarada a 01 de abril.

Durante este período a força foi sendo equipada com os meios dedicados a esta capacidade, tendo





como referência a EOM proposta e aprovada. Este processo, embora com os constrangimentos que um primeiro contingente sempre enfrenta nas questões logísticas, permitiu que a força estivesse pronta para ser sujeita a uma avaliação final que lhe permitisse ver ser declarada a *Full Operational Capability* (FOC) a 29 de abril. Esta avaliação foi efetuada durante a execução um exercício tático.

Assim, o Exercício “ESCUDO 13”, integrado na Fase II do aprontamento da UnCRC, visou validar o treino ministrado durante o aprontamento e pretendeu especificamente avaliar e validar os níveis de treino de aperfeiçoamento operacional alcançados pela força, tendo como referencial a posterior certificação da capacidade operacional da força. Orientadas essencialmente para as tarefas inerentes ao Controlo de Tumultos, as atividades desenvolvidas durante o ESCUDO 13, pretenderam desenvolver a habilidade de planejar e controlar operações de escalão Companhia, garantir o apoio sanitário nível 1; conduzir operações com os meios orgânicos da força, aplicando a doutrina e praticando as táticas, técnicas e procedimentos associados a esta tipologia de emprego tático de um força militar.

Participaram no exercício 128 militares da



2ªCat/1BI/BrigInt (UnCRC), 80 militares da 1ªCat/1BI/BrigInt (OPFOR) e 10 militares do CMD/EM/1BI/BrigInt (controlo e arbitragem), num total de 218 militares. A validação das capacidades operacionais da UnCRC/BrigInt foi da responsabilidade do Comando das Forças Terrestres (CFT), que destacou para o Exercício “ESCUDO 13”, um grupo de militares com esta finalidade, tendo sido apoiados por oficiais do RL2, RI13 e do Cmd da BrigInt, que se assumiu como EPR pelo planeamento e controlo da execução do exercício.

Declarada a FOC da UnCRC, e iniciado o período de *stand-by*, parece-nos adequado tecer algumas considerações relativas a esta primeira experiência de aprontamento.

A primeira consideração tem a ver com o modelo organizativo adotado. Este parece-nos adequado, especialmente na questão da utilização de uma força já constituída, organizada, equipada e treinada como base para a edificação de uma força com esta capacidade. As necessidades de reformulação da 2CAAt foram mínimas e permitiram capitalizar todo o treino e processos organizativos anteriores. Continua a garantir que esta subunidade permaneça apta a desempenhar toda a tipologia de tarefas táticas sem necessidade de reorganização.

Em segundo lugar parece-nos adequado reformular a sua estrutura de comando. A criação de uma estrutura de comando que enquadre a Companhia surge como uma necessidade operacional que foi sendo identificada e que visa garantir o enquadramento e integração tática da Companhia (a unidade de manobra) com os *enablers* atribuídos, garantindo ainda a ligação à estrutura de comando de escalão superior. O



Comandante da Companhia deverá apenas concentrar-se na execução da operação tática no local. O comando do batalhão ao qual pertence organicamente esta companhia poderia assumir-se como esta estrutura de comando, o que garantiria cumulativamente todo processo de treino e prontidão da UnCRC.

A terceira consideração prende-se ainda com a orgânica da força, especificamente na sua estrutura sanitária. Da experiência do aprontamento, reforçada pela prática operacional recente no TO do Kosovo, ressalta a necessidade de reforço da componente sanitária, aumentando-lhe, pelo menos um médico e um socorrista, dotando-a ainda de uma ambulância com capacidade de evacuação em situação de confronto aberto.

Uma quarta reflexão prende-se com a duração do aprontamento. Sendo esta capacidade assumida como uma capacidade suplementar de uma força, isto é, uma companhia com capacidade CRC e não uma UnCRC dedicada, parece-nos adequado garantir que a edificação desta capacidade decorra de forma mais lenta e integrada, permitindo balancear o treino integrado da força, com os tempos de recuperação da mesma (o treino CRC é fisicamente muito desgastante e obriga a tempos de recuperação) e acima de tudo para permitir a integração dos diversos enablers com a manobra da companhia.

Este ponto deve ser ainda enquadrado com um quinto comentário que se relaciona com o período de *stand by*. Esta etapa, sendo um período de prontidão, deverá permitir uma consolidação e manutenção de todas as capacidades operacionais adquiridas. Para tal julga-se necessário que se mantenha o treino periódico nesta valência, conjugado com a realização cíclica de exercícios de prontidão. Para tal, é fundamental que a força em *stand by* tenha disponível, em permanência, um

lote de treino adequado e possa aceder aos equipamentos, como um todo, durante a realização dos exercícios. Face à criticidade destes meios, que também decorre da sua exiguidade, um balanceamento adequado entre os períodos de aprontamento e prontidão parece a solução desejável.

O actual contexto das operações militares exige uma abordagem mais abrangente no emprego das forças, o que obriga a dotá-las com o máximo de capacidades para garantir a necessária flexibilidade operacional. A capacidade CRC tem sido uma das capacidades cada vez mais requisitadas, especialmente em contextos em que as regras de empenhamento limitam a atuação das forças militares, limitando o emprego dos seus meios de combate. O aprontamento desta UnCRC constituiu um passo importante para que o processo da criação de novas valências de “duplo uso” no encargo operacional dos ECOSF seja uma realidade.

**1BI/BrigInt**

*ri13.2bi@mail.exercito.pt*

#### REFERÊNCIAS

*Diretiva n.º 009/CEMGFA/1, Capacidade de Resposta Militar das Forças Armadas, Prontidão e Sustentação da Componente Operacional do Sistema de Forças Nacional, de 28Jan11.*

*Despacho 199/CEME/12, de 23Out12.*

*Diretiva n.º 83/CFT/13, Levantamento de Unidades de Escalão Companhia com Capacidade de Controlo de Tumultos, de 25Jan13.*

*Diretiva n.º 04/BRIGINT/13, Levantamento da UNCRC/ BrigInt.*

**Exercício Final de Aprontamento – ESCUDO 131**





## O GAM - AGRUPAMENTO DA FORÇA TAREFA 1200



De acordo com o “novo” conceito de treino operacional da Brigada de Intervenção (BrigInt), em 2012 o GAM contribuiu com o 1º Esquadrão de Autometralhadoras (1EAM) para a Força Tarefa 1200 (FT), tendo-o atribuído de “reforço” ao 2º Batalhão de Infantaria (2BI).

Em 2013 entramos no 2º ano da aplicação deste conceito de treino, assumindo o GAM o Comando do Agrupamento da FT1200. Para além do Comando e Estado-Maior do Agrupamento, o Grupo contribui com o ECS e o 1º EAM. A fim de se constituir como Agrupamento, receberá de reforço uma Companhia de Atiradores e a Companhia de Apoio de Combate (CAC) do 1º Batalhão de Infantaria (1BI) e uma Companhia de Atiradores do 2BI.

Atendendo a que o ERec recebeu a missão de se constituir como Recce Coy/NRF 2014, tendo iniciado em 2013 a fase de aprontamento nacional para a NATO Response Force 2014, foi necessário, por imperativo superior, preencher todas as faltas na Estrutura Operacional de Pessoal (bem como na de material) com efetivos do Grupo. Estas movimentações internas impossibilitaram a atribuição do Esquadrão de Apoio de Combate ao Agrupamento da FT1200, para além de reduzirem sobremaneira os graduados disponíveis para os Pelotões de Autometralhadoras (um Subalterno e um Sargento em cada Pelotão, sem a constituição da Secção Canhão).

Na tabela seguinte apresenta-se quadro de percentagens do GAM e suas subunidades relativo a 01Mai13.

Os números acima apresentados pecam por excesso, por refletirem as seguintes situações:

- Dos 4 oficiais do Cmd e EM, um encontra-se em diligência no 2BI (em aprontamento para FND/KFOR) e um a frequentar o CPOS;
- Dos 5 oficiais do EAC, um encontra-se de licença sem vencimento, tendo já requerido o abate aos quadros, e os outros quatro são Alf em RC a desempenhar funções na Estrutura Base (Adjunto da Secção de Logística, Delegado da Formação, Oficial de EFM e Tiro, Apoio ao Gabinete do Comando);
- Das 111 praças, 14 desempenham funções em apoio da Estrutura Base (não se contabilizam neste número as funções com cabimento orgânico no Grupo – Socorristas, Secção Alimentação e Transmissões), uma está em missão no Afeganistão e uma de licença sem vencimento;

- Como consequência das movimentações internas de efetivos e por imperativo de os militares designados para o ERec/Recce Coy NRF 2014 terem de garantir contrato no mínimo até final de 2014, uma parte significativa dos efetivos do GAM passarão à situação de disponibilidade durante o corrente ano ou em 2014.

Paralelamente à movimentação interna dos efetivos procedeu-se também à movimentação de materiais orgânicos principais entre o GAM e o ERec.

Atendendo à constituição do ERec com base

Quadro de percentagens do GAM e SubUnidades

REFERIDO A: 01 MAIO 2013

	CMD EM		ECS		1ºEAM		2ºEAM		3ºEAM		EAC		GAM		% do GAM
	Exist	OO	Exist	OO	Exist	OO	Exist	OO	Exist	OO	Exist	OO	Exist	OO	
OFICIAIS	4	9	4	4	5	5	0	5	0	5	5	5	18	33	55%
SARGENTOS	6	6	9	20	5	13	0	13	0	13	0	27	20	92	22%
PRAÇAS	3	10	82	82	46	43	0	43	0	43	0	80	111	301	37%
TOTAL	13	25	75	106	56	61	0	61	0	61	5	112	149	426	35%
	52%		71%		92%		0%		0%		4%		35%		

	CMD EM	ECS	1ºEAM	2ºEAM	3ºEAM	EAC	GAM
NIVEL DE LEVANTAMENTO	70%	70%	90%	0%	0%	40%	45%

quase exclusiva no sistema PANDUR, as V150 ficaram todas disponíveis para o Grupo, o que tem permitido gerir este sistema de armas de forma centralizada. Atendendo a que o EAC foi “esvaziado” de meios PANDUR e de efetivos, bem como às lições identificadas em anos transatos, decidiu-se reorganizar os pelotões do 1EAM. Assim o 1º e 2º pelotões foram organizados com 4 viaturas V150 cada e o 3º Pelotão foi organizado com 4 PANDUR IFV (recorrendo às duas PANDUR IFV da Secção Canhão do 1EAM e às duas PANDUR IFV do Pelotão de Exploração do EAC).

O racional por trás desta “reorganização”, que tem vindo a ser testada nos exercícios nível 2 e 3, é o seguinte:

- A organização ternária dos Pelotões AM não permite o fogo e movimento por seções, e internamente dentro de cada secção;
- A existência de apenas 3 viaturas, com o reduzido efetivo orgânico, não permite o cumprimento de grande parte das tarefas atribuídas a uma unidade escalão pelotão, quer seja em operações convencionais, quer seja em Crisis Response Operations;
- O número de V150 disponível (e operacional) não permite a constituição dos três pelotões a 4 viaturas (seriam necessárias 12 viaturas operacionais), aspeto que não é de todo impossível se se concentrarem todas as que existem no Exército no RC6;
- A existência das 4 PANDUR IFV no Grupo (não necessárias ao ERec), bem como a inexistência de quadros para se constituírem



como “Secções Canhão”) aconselha à sua atribuição a uma unidade escalão pelotão, para que se mantenham quer as viaturas, quer as próprias guarnições.

Assim, o 1EAM tem a constituição que a tabela seguinte ilustra (dados referentes a 01Mai13).

Apesar das limitações em efetivos, nomeadamente quadros no 1EAM e no EM do GAM, tem-se procurado manter a proficiência dos militares desta unidade, tendo ao longo dos últimos meses sido conduzidas as ações necessárias para garantir o aprontamento e prontidão das subunidades do GAM, efetuando o treino de forma progressiva, exercendo o esforço no aprontamento do 1EAM com vista à participação no exercício Dragão 13 garantindo assim que a BrigInt dispõe de uma unidade com poder ofensivo e defensivo, por meio de sua ação de choque, potência de fogo, proteção blindada e elevada mobilidade.

Destas atividades destacam-se exercícios de nível 1 conduzidos nas imediações do RC6 (Serra dos Carvalhos e Monte Vasconcelos). Também se aproveitou a oportunidade de treino propiciada no Exercício VULCANO 131 e no Exercício MERCÚRIO 13 do ERec, onde o EAM se constituiu como Força de Cenário (com 2 pelotões).

Para o início de Julho de 2013 está previsto um exercício de nível 2, na região de CHAVES (TBC) para se validar a instrução ministrada e se proceder à avaliação e certificação do 1EAM.

SubUnidade	MOP	Efetivo
Cmd 1EAM	1x 	01 Ten Cav 01 Alf RC 01 SAj Cav 01 ISAR Cav 04 Praças
1ºPelotão AM	4x 	01 Alf RC 01 FUR RC 14 Praças
2ºPelotão AM	4x 	01 Alf RC 01 FUR RC 14 Praças
3ºPelotão Canhão	4x 	01 Alf RC 01 2SAR Cav 14 Praças

Para além das ações de treino o GAM participou ainda em diversas atividades de que se destacam:

- Apoio ao CDDN, com a exposição de armamento, meios blindados e volta em viatura PANDUR;
- Diversas cerimónias militares, de prestações de honras fúnebres ou comemorativas. Denote-se a participação na cerimónia militar do Dia da Arma de Cavalaria em Abrantes;
- Apoio a várias visitas ao RC6;
- Apoio a atividades no exterior do RC6 através da montagem e operação da torre multiatividades ou com mostra de viaturas e equipamentos, etc.

O balanço final destes primeiros cinco meses de atividade é bastante positivo, pois pese embora as dificuldades em meios humanos, os presentes têm sabido responder com o ânimo e voluntarismo próprio dos Dragões de Entre Douro e Minho.

Os próximos meses são de expectativa e esperança, pois o Cmd e EM receberão um novo fôlego com a apresentação dos Oficiais que se encontram a frequentar o CPOS e CPC e que irão colmatar as faltas, ainda em tempo para se efetuar o treino e a validação necessárias ao Cmd e EM do Grupo, com vista à participação no Exercício DRAGÃO 13.

Perspetiva-se que os próximos dois meses exijam ainda mais esforço, estando o Grupo preparado para assumir as missões que lhe sejam cometidas.

**TCor Cav Jorge Ferreira**  
Cmtd do GAM/BrigInt  
rc6.cmdtgam@mail.exercito.pt





## REGENERAÇÃO DE FORÇAS – O CASO DO 1BI/BRIGINT



### 1. Introdução

A Brigada de Intervenção tem vindo a implementar o seu novo conceito de treino, baseado num conjunto de pressupostos que visam garantir, em permanência, uma Força Tarefa de escalão Brigada e que incorpore, em níveis devidamente ponderados, todas as capacidades que o seu encargo operacional pode gerar. Na Diretiva que explicita este conceito de treino (Diretiva 2/2012), é definido que as forças de todo o Encargo Operacional da Brigada se devem encontrar numa das três fases do ciclo de treino: (i) em aprontamento; (ii) em prontidão ou emprego operacional; ou (iii) em regeneração.

Nesta primeira etapa de implementação do conceito, a BrigInt tem exercido o seu esforço essencialmente nas duas primeiras fases, concentrando-se no aprontamento e no emprego operacional das suas forças.

Tendo o 1ºBatalhão de Infantaria da BrigInt terminado um longo período de aprontamento, prontidão e emprego operacional, materializado no projeto de aprontamento e prontidão do EUBG 2/12 e no aprontamento e emprego operacional no TO do Kosovo, chegou este Batalhão à última (ou primeira) fase do ciclo de treino – a regeneração de capacidades.

Pretendemos com este pequeno artigo explicitar

a forma como esta regeneração foi planeada e como tem vindo a ser executada, dando realce aos aspetos que nos parecem mais relevantes e mostrando que a fase da regeneração tem igual importância que as restantes fases do ciclo de treino.

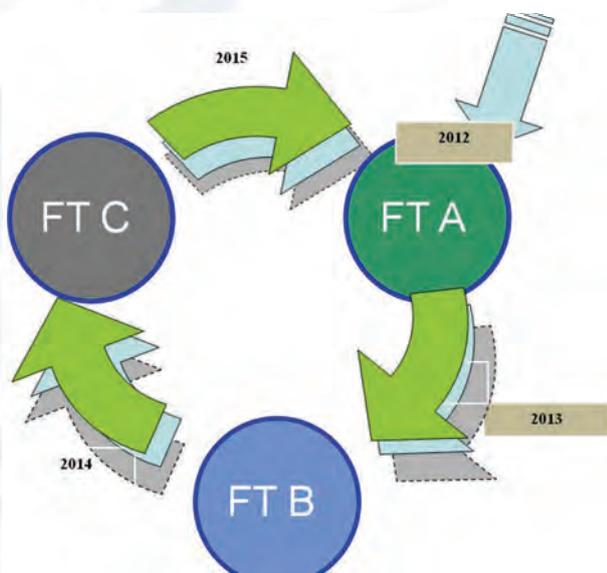
### 2. O planeamento

A regeneração é por definição um processo de reorganização, restauração e reformulação. E foram essencialmente estas três ideias chave que tínhamos em mente quando, a partir de novembro último, e após o regresso de parte da força do Kosovo, iniciamos a regeneração das capacidades do 1ºBatalhão de Infantaria.

Tal como o aprontamento ou o emprego de forças, considerou-se que o planeamento da fase da regeneração era um elemento estruturante, pois permitiria estabelecer os elementos fundamentais que devem estar presentes num planeamento: (i) os fins, traduzidos no estado final desejado; (ii) os meios, materializados pelos recursos colocados à nossa disposição, e; (iii) os caminhos para conduzir o processo, que seriam determinados definindo claramente os pontos decisivos a alcançar e as linhas de operações a seguir para que os mesmos fossem atingidos de forma coerente, consistente e faseada.

No entanto, esta fase de regeneração teria que ser mais ambiciosa e complexa, pois para além da regeneração de capacidades, o nível de ambição impunha também um trabalho concorrente de aprontamento e prontidão de parte do Batalhão, do desenvolvimento de doutrina e ainda de emprego de forças num conjunto de outras atividades. Consideraram-se, assim, os seguintes elementos enquadrantes do planeamento:

- (1) O Batalhão encontrava-se de regresso do TO do Kosovo, tendo anteriormente terminado o ciclo do EUBG. Como o projeto EUBG tinha incorporado forças e capacidades de toda a Brigada, um conjunto de valências, especialmente as relacionadas com o apoio de serviços e apoio de combate tinham sido “adormecidas” e a saída de um conjunto de quadros e praças obrigava a





- uma profunda reorganização do Batalhão;
- (2) O 1BI tem o seu centro de gravidade no sistema PANDUR, pelo que definimos que este deveria ser o grande elemento estruturante da regeneração, isto é, o 1BI deveria ser PANDUR Centric;
  - (3) A Participação na Força Tarefa 1200 da BrigInt. Para este ciclo de treino mereceu especial atenção a preparação e aprontamento de uma Companhia de Atiradores e da Companhia de Apoio de Combate, no âmbito da Força Tarefa 1200 para o ano 2013. No caso da CAC era necessário restaurar e reorganizar todas as capacidades da Companhia;
  - (4) O treino, aprontamento e prontidão de uma Companhia de Atiradores com capacidade CRC, que resultava de uma intenção do Comando do Exército. Este elemento não estando definido estruturalmente no início do processo, veio posteriormente a ter um desenvolvimento muito profundo, obrigando a ligeiras alterações no faseamento do ciclo de regeneração;
  - (5) O desenvolver de doutrina do nível Companhia / Batalhão equipado com a plataforma PANDUR II, que se apresentava como uma necessidade, face ao desenvolvimento da doutrina da BrigInt e à incorporação genética das viaturas do projeto PANDUR, que se vinha verificando;
  - (6) O apoio às diversas atividades do Regimento, destacando-se a participação nas OMIP, o apoio à vida interna da Unidade, a participação em atividades de colaboração e apoio às populações e o apoio nas tarefas de formação, de que se destacam os cursos de condutor e chefe de viatura PANDUR.

Tendo presentes estes elementos enquadrantes, tomou-se como ponto de referência o **estado final** desejado. Este, sendo definido pelo escalão Brigada, foi por nós restabelecido da seguinte forma: no final da fase de regeneração as capacidades do 1BI/BrigInt estão regeneradas e o

Batalhão está pronto para iniciar o treino orientado, assumindo-se como a unidade de manobra de base no novo ciclo de treino da BrigInt.

No desenvolvimento do planeamento, era fundamental encontrar um equilíbrio entre a vertente do treino operacional e o moral e bem-estar da força. Assim, foram definidas 10 (dez) áreas gerais onde era necessário intervir de forma concorrente e integrada, para garantir um desenvolvimento equilibrado e coerente do processo de regeneração da força. Estas áreas, sendo transversais, tinham na PANDUR o seu centro de gravidade, tendo esta sido individualizada.

Com estas áreas de intervenção delimitadas, definiram-se os pontos decisivos do planeamento. Estes deveriam permitir identificar claramente, no tempo, a materialização de um conjunto de tarefas que conjugadas permitissem identificar resultados práticos atingidos em cada uma das áreas de intervenção. Foram assim determinados 15 pontos decisivos, que após atingidos sequencialmente e de forma articulada, permitiriam atingir o estado final.

Para simplificação do processo e posterior elaboração de um “desenho operacional” que

Area Geral		
1	RH	Recursos Humanos
2	C3	Comando, Controlo e Transmissões
3	INFO&SEG	Informações e Segurança
4	MANOBRA	Manobra
5	ApComb	Apoio de Combate
6	DOCTRINA	Conceitos Doutrinários
7	PANDUR	PANDUR
8	RMat	Recursos Materiais
9	INST	Melhoria das Instalações
10	Apoio	Apoio

permitisse esquematizar todo o planeamento e garantir ferramentas de gestão do projeto, as áreas gerais de intervenção foram agrupadas em “**linhas de operações**”.

Atentos ao calendário estabelecido pela Brigada, especialmente na vertente do treino operacional, esquematizou-se o planeamento no já referido “**desenho operacional**”, faseando o planeamento e



definindo metas temporais para cada fase. Desta forma, para além de um “end state” definido para cada fase, foi simultaneamente definida uma “end date”, garantindo assim que o estado final desejado

PD01	EOP Consolidada
PD02	EOM Consolidada
PD03	Reorganização PANDUR terminada
PD04	Reorganização Equipamentos e Arrecadações terminada
PD05	TTP - Nivel Secção - Consolidados
PD06	Processo de Credenciação terminado
PD07	TTP - Nivel Pelotão - Consolidados
PD08	Melhoria das Instalações terminada
PD09	Formação/ Treino TM Terminados
PD10	Manual Companhia concluído
PD11	TTP - Nivel Batalhão - estruturados
PD12	TTP - Nivel Companhia - Consolidados
PD13	Capacidade PANDUR Consolidada
PD14	Implementação Sistema C2 BI terminado
PD15	Manual Batalhão concluído

fosse também atingido na data definida para fim do presente ciclo de treino da BrigInt.

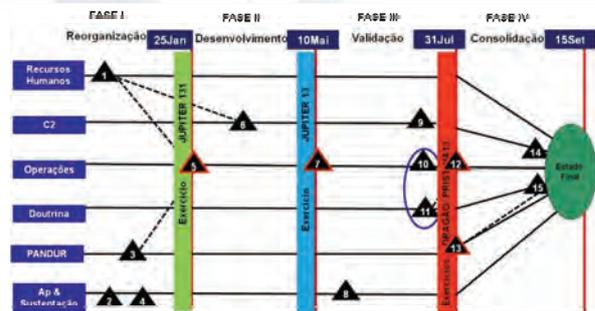
Como “linha de operações” estruturante e referencial para o faseamento do processo foi escolhida a linha das “operações” por ser ela própria o integrador da resultante das ações de treino operacional. Fazendo um **desdobramento de exercícios pelos diversos níveis**, cada uma destas ações de treino deveria estar orientada para um nível e uma finalidade específica, garantindo o ciclo de desenvolvimento, validação e certificação das forças aos diversos níveis, começando pelo

Área Geral		Linha de Operações
1	RH	Recursos Humanos
2	C3	Comando, Controlo e Transmissões
3	INFO&SEG	Informações e Segurança
4	MANOBRA	Manobra
5	ApComb	Apoio de Combate
6	DOCTRINA	Conceitos Doutrinários
7	PANDUR	PANDUR
8	RMat	Recursos Materiais
9	INST	Melhoria das Instalações
10	Apoio	Apoio

escalão Secção e terminando no escalão Companhia. O processo teria assim que estar ancorado num processo de avaliação interna (1 escalão acima) e externa (2 escalões acima) que permitisse ir desenvolvendo técnicas, táticas e procedimentos, validando o treino e certificando as forças de forma coerente e sequencial.

Para garantir o desenvolvimento do planeamento

e o controlo de todas as ações e tarefas decorrentes do desenvolvimento das atividades particulares de cada área geral de atuação foi desenvolvida uma **ferramenta de “gestão operacional”** que permitisse fazer a gestão do projeto como um todo e acompanhar a execução temporal de cada tarefa particular. Esta ferramenta de gestão é de uma importância fundamental, pois



permite a cada momento verificar o estado de execução de cada tarefa e garantir a capacidade de intervenção na mesma para que os eventuais desvios ao planeamento sejam devidamente incorporados de forma ativa.

Foi com base neste conceito, vertido num planeamento flexível e integrado, e após desenvolvidas as ferramentas de gestão e controlo do processo, que demos início ao ciclo de regeneração do 1ºBatalhão de Infantaria da Brigada de Intervenção.



### 3. A implementação: Uma primeira avaliação

A implementação do plano de regeneração começou pela reorganização estrutural quer ao nível do pessoal quer dos meios. A atual estrutura do 1BI decorre da reorganização efetuada que teve



Actual Grant Start Date: 11-1-12 **Alameda Grant Start Date:** quarta-feira 01-11-2012  
**PROJECT NAME:** **1Bairn/Brigint**  
**PROJECT MANAGER:** **Cmtt 1B/Brigint**

WBS	TASKS	EPR	PLANNED START DATE	PLANNED FINISH DATE	STATUS	Comp %	NOTES	Year																
								2012		2012		2012		2012		2013		2013						
								Oct	Nov	Nov	Nov	Dec	Dec	Dec	Dec	Jan	Jan	Feb	Feb					
<b>1 Recursos Humanos</b>								187																
RI-01	Reorganizar EOP	S1	01-11-12	23-12-12	Completed	100%																		
RI-02	Garantir Justiça e Disciplina atualizada	S1	04-01-13	19-07-13	In Progress																			
RI-03	Desenvolver atividades de Moral e Bem-Estar	S1	04-01-13	19-07-13	In Progress																			
RI-04	Garantir a Manutenção dos efetivos	S1	04-01-13	19-07-13	In Progress																			
RI-05	Garantir ações de Formação necessárias	S1	04-01-13	19-07-13	In Progress																			
RI-06	Elaborar/Consolidar TTP/NEP Pessoal	S1	29-01-13	19-07-13	Not Started																			
RI-07		S1			Not Started																			
RI-08		S1			Not Started																			
<b>2 Comando, Controle e Treinamentos</b>								187																
CZT-01	Reorganizar Arrecadação TM	OTM	01-11-12	23-12-12	Completed	100%	Coord Comp																	
CZT-02	Reorganizar Meios TM	OTM	01-11-12	12-01-13	In Progress	80%	Coord Comp																	
CZT-03	Reorganizar Computadores BI	OTM	14-12-12	19-01-13	In Progress	80%	Coord CIS Reg																	
CZT-04	Garantir ações de Formação necessárias	OTM	04-01-13	19-07-13	In Progress		20% Definir																	
CZT-05	Implementar Sistema C2 do BI	OTM	01-03-13	19-07-13	Not Started																			
CZT-06	Implementar Sistema C2 do BI com PANDUR	OTM	01-03-13	19-07-13	Not Started																			
CZT-07		OTM			Not Started																			
CZT-08		OTM			Not Started																			
<b>3 Informações e Segurança</b>								188																
IS-01	Credenciar Pessoal necessário	S2	14-12-12	19-07-13	In Progress	80%	Definir																	
IS-02	Implementar Listagens de Controle de Acessos	S2	14-12-12	19-07-13	In Progress		Definir																	
IS-03	Implementar medidas de Inspeção de SEG	S2	04-01-13	19-07-13	In Progress		Definir																	
IS-04	Desenvolver NEP's de SEG do BI	S2	29-01-13	19-07-13	Not Started		Definir																	
IS-05		S2			Not Started																			
IS-06		S2			Not Started																			
<b>4 Manobra</b>								188																
MN-01	Treinar condução PANDUR	S3	01-11-12	01-08-13	In Progress	100%																		
MN-02	Formar /Treinar - Nível Seção a/visuosa	S3	01-11-12	25-01-13	In Progress	80%																		
MN-03	Formar /Treinar CRC - Nível Seção	S3	01-11-12	25-01-13	In Progress	80%																		
MN-04	Formar /Treinar - Nível Seção a/visuosa	S3	28-01-13	22-02-13	Not Started																			
MN-05	Formar /Treinar - Nível Platoon	S3	28-01-13	22-02-13	Not Started																			
MN-06	Formar /Treinar CRC - Nível Platoon	S3	28-01-13	22-02-13	Not Started																			
MN-07	Implementar Seções IFV 30mm	S3	28-01-13	10-08-13	Not Started																			
MN-08	Formar /Treinar - Nível Companhia	S3	22-02-13	21-07-13	Not Started																			
MN-09	Formar /Treinar CRC - Nível Companhia	S3	22-02-13	05-07-13	Not Started																			
MN-10	Escoltar TTP CAP - Diversões	S3	25-02-13	31-07-13	Not Started																			
MN-11	Elaborar/Consolidar NEP Procedimentos	S3	25-02-13	05-07-13	Not Started																			
MN-12	Elaborar/Consolidar Plano Carregamento	S3	01-04-13	05-04-13	Not Started																			
MN-13	Execução Fogos Passos	S3	01-04-13	05-04-13	Not Started		VULCANO																	
MN-14		S3			Not Started																			
MN-15		S3			Not Started																			
<b>5 Apoio de Combate</b>								177																
ACB-01	Recuperar / Manutenção Mort120	CmtcCAC	01-11-12	30-11-12	Completed	100%																		
ACB-02	Recuperar / Manutenção Mísseis MILAN	CmtcCAC	01-11-12	14-12-12	Completed	100%																		
ACB-03	Recuperar / Manutenção Radar	CmtcCAC	01-11-12	25-01-13	In Progress																			
ACB-04	Treinar TTP Sec REC	CmtcCAC	15-11-12	25-01-13	In Progress																			
ACB-05	Treinar TTP Sec Mort P	CmtcCAC	15-11-12	25-01-13	In Progress																			
ACB-06	Treinar TTP Sec MILAN	CmtcCAC	15-11-12	25-01-13	In Progress																			
ACB-07	Treinar TTP Sec Radar	CmtcCAC	15-11-12	25-01-13	In Progress																			
ACB-08	Desenvolver Pel ACAR of PANDUR	CmtcCAC	17-12-12	22-02-13	In Progress																			
ACB-09	Treinar TTP Pel REC	CmtcCAC	29-01-13	05-07-13	Not Started																			
ACB-10	Treinar TTP Pel Mort P	CmtcCAC	29-01-13	24-05-13	Not Started																			
ACB-11	Treinar TTP Pel ACAR	CmtcCAC	29-01-13	05-07-13	Not Started																			
ACB-12	Execução Fogos Reais Pel Mort P	CmtcCAC	20-05-13	24-05-13	Not Started																			
ACB-13	Execução Fogos Reais Pel REC	CmtcCAC	01-04-13	05-04-13	Not Started																			
ACB-14	Execução Fogos Reais Pel ACAR	CmtcCAC	01-04-13	05-04-13	Not Started																			
ACB-15		CmtcCAC			Not Started																			
ACB-16		CmtcCAC			Not Started																			
<b>6 DOCTRINA</b>								185																
DTR-01	Desenvolver Doutrina TTP Sec/Pel	CmtcOCA4	29-01-13	10-05-13	Not Started																			
DTR-02	Desenvolver Doutrina OAI PANDUR	CmtcOCA4	29-01-13	19-07-13	Not Started																			
DTR-03	Desenvolver Doutrina TTP CRC Comp	CmtcOCA4	29-01-13	19-07-13	Not Started																			
DTR-04	Desenvolver Doutrina Seções IFV 30mm	CmtcCCS	29-01-13	13-05-13	Not Started																			
DTR-05	Desenvolver Doutrina SA PANDUR	CmtcBI	29-01-13	15-05-13	Not Started																			
DTR-06	Desenvolver Doutrina Ao Comb BI PANDUR	CmtcCAC	29-02-13	19-07-13	Not Started																			
DTR-07	Desenvolver Doutrina Emprego Mini UAV	CmtcCAC	29-02-13	13-05-13	Not Started																			
DTR-08					Not Started																			
DTR-09					Not Started																			
<b>7 PANDUR</b>								227																
PDR-01	Reorganização Arrecadações PANDUR	Comp	01-11-12	14-12-12	Completed	100%	Coord S4																	
PDR-02	Reorganização Parques PANDUR	Comp	29-11-12	21-12-12	Completed	100%	Coord S4																	
PDR-03	Reorganização PANDUR	S4	29-11-12	29-01-13	In Progress	80%	Definir																	
PDR-04	Treinar condução PANDUR	S3	17-12-12	19-07-13	In Progress	10%																		
PDR-05	Atualizar Cadastro/Registro	Comp	17-12-12	05-04-13	In Progress		Sar Tpt/ Sar Inv																	
PDR-06	Formação Condutor/Chefe Vist 1º Curso	CmtcCAC	21-01-13	07-02-13	Not Started																			
PDR-08	Desenvolver Capacidade Simulação	S3	29-02																					



acomodação deste aprontamento, sem necessidade de ajustes estruturais. O aprontamento da UnCRC, o primeiro a ser efetuado no Exército nestes termos, ocorreu sem quaisquer sobressaltos e alterações ao plano, sendo apenas necessário fazer pequenas alterações nas prioridades e fazer um pequeno ajuste no calendário.

- o segundo aspeto é a capacidade de controlo e gestão das diversas tarefas, redefinindo prioridades quando necessário, mas mantendo a gestão controlada de cada área de intervenção específica, de acordo com as necessidades. De fato, a implementação de um projeto recorrendo à metodologia do “planeamento de operações”, com ênfase no estabelecimento de fases e pontos decisivos, permite a subsequente “gestão operacional” das tarefas através de uma avaliação interna e externa da sua implementação.

- o terceiro aspeto, e porventura o mais importante, é que mantém o foco do esforço do Batalhão perfeitamente orientado, centrado nos resultados esperados em cada uma das tarefas e nos efeitos desejados em cada ponto decisivo. Este aspeto é fundamental quando se desenvolve um projeto com múltiplas dimensões, em que a regeneração decorre em simultâneo com a procura de novas soluções – apoio de combate e desenvolvimento de TTP, por exemplo, com o processo genético das PANDUR ainda em curso e em que os inputs exteriores têm que ser devidamente acomodados e o aprontamento de forças específicas e o emprego dos diversos meios do Batalhão quer nas OMIP, quer no apoio à formação, quer ainda no apoio às diversas atividades do Regimento deve ser permanentemente garantido.

#### **4. Considerações finais**

A experiência recolhida até ao momento, tem-nos mostrado a importância da estruturação da fase da regeneração de uma força, de forma devidamente planeada e enquadrada. Tendencialmente somos levados a concentrar os nossos esforços nas fases de aprontamento e emprego de forças – é uma tendência coerente,

pois baseia-se na lógica da eficácia e da concentração do esforço nos resultados finais. Parece-nos, no entanto, que o esforço na fase da regeneração é fundamental, podendo ser considerada como a estruturação e investimento inicial num sistema que, se devidamente planeado e executado, garantirá posteriormente a obtenção de resultados acima de tudo marcados pela eficiência, pois todo o processo é em si, centrado no essencial, isto é, na obtenção do melhor produto operacional que determinado encargo deve gerar.

Assim, é fundamental que nesta fase da regeneração todas as capacidades orgânicas da força sejam regeneradas, tendo com enquadrante todo o espetro de operações definido na sua missão. Operacionalmente, a regeneração de um encargo apenas é possível se este for sendo trabalhado holisticamente garantindo a interação das suas diversas valências.

Também nesta fase são plenamente aplicáveis os princípios e tarefas chave definidas na intenção do Comandante da BrigInt para o treino operacional, destacando-se: (i) o exercer o esforço de treino nos baixos escalões e no treino técnico; (ii) garantir a interação adequada entre Estrutura Base e Estrutura Operacional; (iii) o desenvolver uma tipologia de exercícios centrada na Audiência de Treino específica; (iv) o elaborar um cenário geral para todos os exercícios, a ser aplicado a todos os níveis; e fundamentalmente (v) o criar Lotes de Treino que permitam limitar os impactos negativos da escassez de alguns recursos, e; (vi) garantir uma Avaliação / Certificação Interna e Externa de forma progressiva.

A aplicação destas linhas enquadrantes e a estruturação de um treino operacional apoiado nas boas práticas e numa utilização parcimoniosa dos recursos será um garante para regeneração de um encargo que se pretende motivado, coerente na articulação das suas capacidades e com elevada prontidão operacional..

**TCor António José Oliveira**  
Cmndt 1ºBI/BrigInt  
oliveira.ajf@mail.exercito.pt



## O GAC/BRIGINT DO NASCIMENTO À IDADE MAIOR



“O Exército levanta um GAC 155mm Reb no RA5, orientado para o apoio à BrigInt. Em paralelo transfere o atual GAC/BrigInt (GAC M119 105mm Light Gun) para a BrigRR.”

Foi com esta Missão plasmada na Diretiva Nº 13/CEME/08, de 11JAN08, que nasceu, no Regimento de Artilharia Nº5 (RA5), em Vila Nova de Gaia, o Grupo de Artilharia de Campanha da Brigada de Intervenção (GAC/BrigInt), equipado com o Obus M114A1 155mm/23 Rebocado.

Para o cumprimento desta missão, foi cometido ao RA5 o levantamento do Comando e Estado-Maior (EM), da Bateria de Comando e Serviços (BtrCS) e de duas Baterias de Bocas de Fogo (BBF). À Escola Prática de Artilharia (EPA), em Vendas Novas, foi atribuída a responsabilidade de aprontar a outra BBF do GAC.

No Campo Militar de Santa Margarida, nomeadamente no Quartel da Artilharia, ficariam estacionados seis obuses e seis viaturas pesadas de reboque, para utilização em exercícios FTX/LFX no polígono de Stª Margarida.

O conceito de levantamento do GAC/BrigInt, combinou assim uma responsabilidade partilhada entre o RA5 e a EPA, ambas as Unidades na dependência hierárquica da Direção de Formação, do Comando de Instrução e Doutrina.

Foram estabelecidas duas fases para o levantamento do GAC, que assentavam na necessidade de alocar recursos humanos e materiais, tendo como base o material M114A1 155mm/23 Rebocado, existente em depósito e o material 155mm Reb Light Weight (LW), inscrito na Lei de Programação Militar (LPM), para o sexénio 2012-2017. A aquisição de um GAC 155mm Reb LW assegura os meios orgânicos adequados de apoio de fogos à BrigInt, com a mobilidade e



capacidade de projeção idêntica à da força apoiada. As fases de levantamento determinadas foram as seguintes:

1ª Fase – Até 2010 (ou até ao início da chegada do material 155 mm LW):

- O Comando e uma BBF equipada com o Obus M114A1 155mm/23 Reb no RA5;
- A BtrCS e uma BBF em Ordem de Batalha no RA5;
- Uma BBF na EPA.

Para esta Fase foi aprovado o QO nº 24.0.14, com uma BBF a levantar por mobilização e vários cargos, em particular no EM/GAC, a serem assegurados, em Ordem de Batalha, pelo RA5. Este QO foi desenhado para o material M114 A1 155mm/23 Rebocado e contempla as Secções de Bocas de Fogo constituídas por 1 Sargento e 10 Praças cada.

2ª Fase – a partir de 2010 (ou após a chegada do material 155 LW):

- O Comando, a BtrCS e 2 BBF no RA5 equipadas com Obus 155 LW (substituição gradual do material M114A1 155mm/23 Reb, à medida da entrada ao serviço do material LW);





- b. Uma BBF na EPA equipada com o Obus 155 LW (substituição gradual do material à medida da entrada ao serviço do material LW).

Para esta fase foi aprovado o QO nº 24.0.14 (2ª fase), que já não contempla a nomeação de cargos a assegurar pelo RA5 e levanta 3 BBF, com as Secções de Bocas de Fogo constituídas por 1 Sargento e 6 Praças cada.

Para cumprimento da Diretiva Nº 13/CEME/08 de 11JAN08, foi nomeado em 01 de Julho de 2008, o Comandante do GAC/BrigInt, TCOR ART JOSÉ FRAGA FIGUEIREDO CONCEIÇÃO, com a responsabilidade de operacionalizar o processo de levantamento desta nova força da BrigInt.

fogos reais (LFX), “URANO 091”, no CMSM, no período de 07 a 13 de março. Ainda neste ano seguiram-se a participação nos exercícios “EFICÁCIA 09” (LFX) e “DRAGÃO 09” (FTX). Em Setembro de 2009 o GAC/BrigInt foi sujeito a uma CREVAL (Combat Readiness Evaluation), onde pode atestar as suas capacidades e limitações perante a Equipa de Avaliação da Inspeção Geral do Exército (IGE). Nesta avaliação foram identificadas várias faltas de meios humanos e materiais que condicionavam seriamente a capacidade de treino e prontidão do GAC/BrigInt.

No ano de 2010 continuou o processo de levantamento das capacidades em falta, com particular enfoque na resolução das



Iniciou-se então a fase de colocação dos primeiros militares no GAC, principalmente na BBF e a consequente formação em Operadores e Apontadores de Bocas de Fogo, no sentido de assegurar as competências necessárias à execução das missões atribuídas ao GAC. Desde logo, foi feito um grande esforço para implementar um programa inicial de treino operacional, com o objetivo de aperfeiçoar e manter as capacidades operacionais individuais e coletivas dos novos militares do GAC.

No ano de 2009, o GAC/BrigInt intensificou a sua atividade de treino operacional e organizou e realizou, com sucesso, o seu primeiro exercício de

vulnerabilidades identificadas pela IGE, que permitiram ao GAC/BrigInt continuar a implementar e melhorar o seu programa de treino operacional, possibilitando a realização de mais quatro exercícios nesse ano, três LFX com a realização de fogos reais em Stª Margarida e um FTX, conjuntamente com as restantes forças da Brigada de Intervenção, no exercício anual “DRAGÃO 10”.

Em 2011, o GAC foi sujeito a nova CREVAL, no período de 14 e 15 de março, onde ainda persistiam algumas lacunas a nível de recursos humanos e a falta de algum equipamento essencial para a missão. Muitas das deficiências identificadas prenderam-se com o facto de o GAC ainda se



encontrar na primeira fase de levantamento, a utilizar um QOP que recorria a muitos cargos em Ordem de Batalha e à incerteza quanto à chegada do novo material 155 mm Reb LW, dependente da execução da LPM. Nesse ano o GAC continuou a sua preparação e treino operacional, tendo ainda participado em mais três exercícios, dois deles LFX com a realização de fogos reais em Stª Margarida.

A 28 de Setembro de 2012 assume o comando do GAC/BrigInt o TCOR ART LUÍS FILIPE DE SOUSA LOPES, com a responsabilidade de dar continuidade ao excelente trabalho desenvolvido pelo seu antecessor e pelos militares que comandou.

Numa primeira fase, foi dada particular atenção à análise do último relatório da CREVAL, no sentido de rapidamente ultrapassar as limitações apontadas pela Equipa de Avaliação. Foi crucial a adoção do QOP do GAC/BrigInt de caráter transitório, alusivo à 2ª fase, resultante da junção das partes dos QOP das duas fases, que permitiu levantar todas as Secções de EM e melhorar as capacidades da BtrCS, ainda que com o recurso a acumulação de funções.

Assim, ao longo do ano de 2012, foram aprimorados os procedimentos de treino operacional, dando particular atenção às ações de formação relacionadas com o treino orientado para dar resposta à multiplicidade de missões que podem ser atribuídas aos ECOSF, designadamente na participação em FND.

No âmbito das faltas de material identificadas, foi introduzida uma metodologia de requisição individual, assente na análise e necessidade de cada artigo, tendo-se obtido resultados muito satisfatórios, que permitiram ao GAC receber alguns dos equipamentos em falta, tais como geradores 10 KVa, tendas insufláveis, coletes táticos, coldres de lona, caixas isotérmicas de transporte de géneros, entre outros.

Também em 2012 o GAC/BrigInt participou em mais três exercícios, dois dos quais LFX, com a realização de fogos reais em Stª Margarida e conjuntamente com os GAC/BrigMec e GAC/BrigRR, permitindo assim potenciar sinergias e aferir capacidades com as suas unidades congéneres. Esta experiência revelou-se muito enriquecedora e permitiu concluir que o GAC/BrigInt tem trilhado um caminho lento e seguro, plenamente consciente da sua missão e num verdadeiro espírito de integração e cooperação com a Brigada de Intervenção.

Sujeitando o GAC/BrigInt ao escrutínio do tempo, constata-se a existência de várias 'idades maiores', à medida que se foram atingindo os objetivos definidos na Diretiva Nº 13/CEME/08.

### **Passado**

A primeira 'idade maior' deu-se com a nomeação do Comandante do GAC, TCOR FRAGA CONCEIÇÃO, e com o preenchimento do QOP. Com passos pequenos, mas seguros, foram levantadas as primeiras capacidades do GAC e forma colmatadas algumas das limitações identificadas na CREVAL. Com humildade e grande orgulho, o GAC/BrigInt tornou-se um elemento válido, contribuindo para o esforço da Brigada, destacando-se como o meio terrestre de apoio de fogos mais poderoso ao dispor do seu Comandante.

### **Presente**

O GAC/BrigInt vive numa 'idade maior' que vai crescendo. Fruto do esforço conjunto do Comando da Brigada de Intervenção e dos militares do GAC, foram atingidos bons níveis de proficiência e desempenho que lhe permitem igualar-se com os seus congéneres, GAC/BrigRR e GAC/BrigMec.

### **Futuro**

Temos algumas ideias do que será a 'idade maior' do GAC/BrigInt no futuro, fruto da reestruturação que actualmente se vive nas Forças Armadas em geral, e no Exército em particular. Qualquer que seja o cenário, o GAC/BrigInt certamente continuará a crescer e a aprimorar o seu desempenho, nunca esquecendo o caminho já percorrido, trazendo lustre e honra à Brigada de Intervenção e ao Exército Português.

**TCor Art Sousa Lopes**  
Cmtd GAC/BrigInt  
lopes.ifs@mail.exercito.pt





## A CTM/BRIGINT E O PC DA BRIGINT NOVAS TENDÊNCIAS

### Introdução



Na atualidade os Sistemas de Informação de Comando e Controlo (C2) têm maior relevância que no passado e consequentemente, uma maior importância aos escalões mais baixos, havendo uma maior exigência ao nível da largura de banda e da disponibilidade de serviços. É determinado pelo Comando da Brigada de Intervenção (BrigInt) a credibilidade e a Segurança das Comunicações (COMSEC) na avaliação do risco que consideram ser aceitável aquando da atribuição dos meios de Comunicação e Sistemas de Informação (CSI) para uma operação. Com a disposição correta dos meios de comunicações no terreno é exigido à BrigInt que a transmissão da informação para os destinatários adequados seja efetuado a ritmos elevados, com grande velocidade e capacidade de transferência, estreitando cada vez mais os tempos para a tomada de decisão.

A Companhia de Transmissões (CTm) da BrigInt é responsável pelo apoio de comunicações e sistemas de informação. A CTm implementa os sistemas CSI da Brigada, instala e mantém as redes de C2 que apoiam as operações e faz a integração com redes externas.

### O conceito de Sistema de Informação e Comunicações Tático (SIC-T)

O SIC-T é uma estrutura de arquitectura modular, sistemática e funcional que permite garantir uma diversidade de serviços sustentados por vários módulos, subsistemas e/ou meios de transmissão de acesso de menor complexidade para o utilizador. Cada Posto de Comando (PC) ou Estado-Maior (EM) é apoiado por módulos CSI com grande mobilidade e que asseguram as condições necessárias aos requisitos da missão.

#### Arquitetura do SIC-T

Este sistema está orientado para os meios e redes de comunicações que devem ser disponibilizados em cada um dos escalões de forças. Cada nível operacional é apoiado por um ou mais módulos CSI, com potencialidades que garantem um conjunto de capacidades de meios de comunicações localizados num PC, assim como garantir links de comunicações entre os vários níveis operacionais, ou por uma estrutura de rede que se baseia no conceito de apoio de comunicações de área para utilização em operações convencionais.

Na componente de comunicações do SIC-T

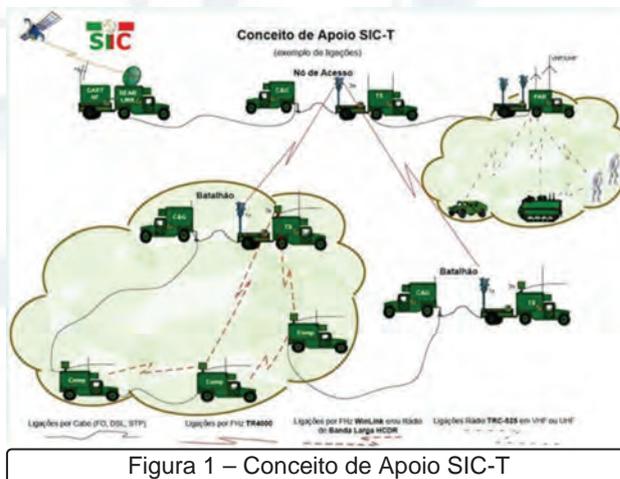


Figura 1 – Conceito de Apoio SIC-T

existe 5 subsistemas que se subdividem em:

- I. Subsistema de Área Estendida (SAE) – representa a ligação central (backbone) da rede, composta por um conjunto de nós de comutação, interligados basicamente por links rádio multicanal, que assegura o acesso às redes do Sistema de Informação e Comunicações Operacional (SIC-Op), às redes civis e NATO;
- II. Subsistema de Área Local (SAL) – proporciona, a um determinado grupo de utilizadores, normalmente os diversos PC, os diversos meios e redes de comunicações por voz, dados e vídeo;
- III. Subsistema de Utilizadores Móveis (SUM) – destina-se a apoiar os utilizadores dispersos pela área de operações e as forças que transitam por uma determinada área;
- IV. Subsistema de Gestão de Rede (SGR) – é responsável pela gestão, administração e monitorização da rede;
- V. Subsistema de Segurança de Rede (SSR) – implementa diferentes níveis de segurança nas diferentes áreas de rede do SIC-T (RED e BLACK).

Para implementar a estrutura funcional do SIC-T dispõem-se de 8 módulos sistémicos, materializantes dos subsistemas:

- I. Nó de Trânsito (NT)
- II. Nó de Acesso (NA)
- III. Ponto de Acesso Rádio (PAR)
- IV. Rear-Link (RL)
- V. Centro de Comunicações de Batalhão (CCB)
- VI. Centro de Comunicações de Companhia (CCC)
- VII. Estado-Maior Brigada (EM/Brig)

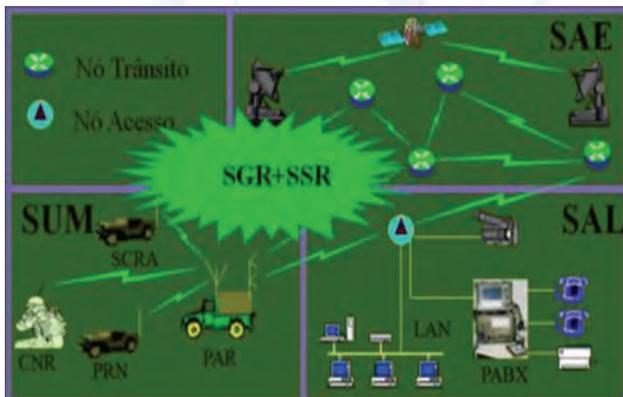


Figura 2 – Subsistemas constituintes do SIC-T

#### VIII. Estado-Maior Batalhão (EM/Bat)

##### CCom do SIC-T no PC

O CCom de apoio às operações da BrigInt deve ser preparado para instalar os meios e equipamentos de forma a apoiar o funcionamento das seguintes redes e sistemas:

1. *Sistema de Informação de C2:*
  - a. Sistema de Informação de Comando e Controlo do Exército (SICCE);
  - b. Internet/Intranet;
  - c. Web Information Services Environment (WISE);
  - d. Sharepoint;
  - e. Correio Electrónico;
  - f. Chat;
  - g. Videoconferência (VTC).
2. *Comunicação de Voz:*
  - a. Rede rádio VHF/FM;
  - b. Rede telefónica de Campanha.
3. *Comunicações seguras (RED);*
4. *Sistemas de comunicações:*
  - a. Rede telefónica de campanha analógica e digital (VOIP);
  - b. Redes rádio VHF/FM;
  - c. Rede rádio HF do Comando;
  - d. Rear Link HF e Satélite.

Todos os serviços anteriores são a parte visível no posto de comando, mas é importante referir as novas tecnologias que permitem um melhor rendimento e alternativas ao fluxo de informação entre o remetente e o destinatário final. Graças aos novos módulos de transmissão a nível de Batalhão e Companhia e alguns novos equipamentos de ligação e tecnologias informáticas, é possível um significativo melhoramento da segurança, da rapidez e confiança dessa informação dividida em duas redes totalmente distintas – rede segura e rede não segura.

Uma significativa mudança foi a evolução do backbone de fluxo de dados nestes módulos de

100 Mb/s para 1 Gb/s. Podemos também referir uma alternativa viável aos sistemas de rede convencionais através da ligação de dados e VOIP dos rádios de banda larga com velocidades até 512 kb/s. Em determinados cenários de operações, destaca-se a relevante vantagem na sua instalação funcional no campo de batalha, visto que os rádios utilizam antenas omnidireccionais. Outra grande alternativa à ligação entre módulos CCB e CCC existente até então, é o sistema de feixes Thales, cuja distância pode atingir aproximadamente 50 km e a sua largura de banda atingir os 31 Mb/s. A nível da telefonia de rede segura, é de mencionar a central telefónica ELASTIX ferramenta que é criada no servidor. Isto permite aproveitar as capacidades do servidor e libertar a taxa de utilização da memória interna dos routers.

##### A CTm no apoio CSI ao PC/BrigInt

O quadro orgânico da CTm/BrigInt é constituído por um Pelotão de Centros Nodais, um Pelotão de Sistemas de Área Local e um Pelotão de Apoio. No pelotão de Apoio existem duas secções Ponto Acesso Rádio (PAR) equipadas com 3 Viaturas Blindadas de Rodas (VBR) de Comunicações que permitem apoiar a BrigInt em CSI, e possuindo a mesma mobilidade que a Brigada. Estas VBR's de Comunicações são equipadas aos módulos do SIC-T em termos de complexidade tecnológica sendo, por isso, operadas apenas por técnicos especializados de Transmissões.

A sua missão contempla sobretudo a extensão da cobertura rádio no campo de batalha, através de link's rádio multicanal. Possui flexibilidade também no emprego de outras capacidades adicionais de acesso e de gestão de rede apoiando o PC das unidades de manobra ou de apoio ao combate com



Figura 3 – Rear Link Satélite



Figura 4 – Cabine SIC-T

serviços de voz, dados e vídeo.

A VBR tem ar condicionado, um mastro telescópico até 10 metros (suporte antenas FHZ), um sistema de sapatas hidráulicas que asseguram a estabilidade em posição estática, um gerador auxiliar de corrente autónoma (APU) no tejadilho com capacidade de alimentação com motor parado.

#### Conclusões

Tendo em conta a arquitetura e organização do SIC-T, podemos concluir que neste momento proporciona uma nova fase das transmissões, apresentando-se como um sistema mais rentável e com mais alternativas para as comunicações.

A arquitetura modular e funcional, com maior mobilidade leva ao mínimo envolvimento do utilizador. O aparecimento do SIC-T proporcionou isso mesmo; uma economia de recursos humanos e materiais.

O grande salto na tecnologia está nos sistemas de comunicações: de analógico para a tecnologia IP. O SIC-T em torno da tecnologia IP explora tecnologias associadas as comunicações, que nos permite principalmente trabalhar em ambiente de

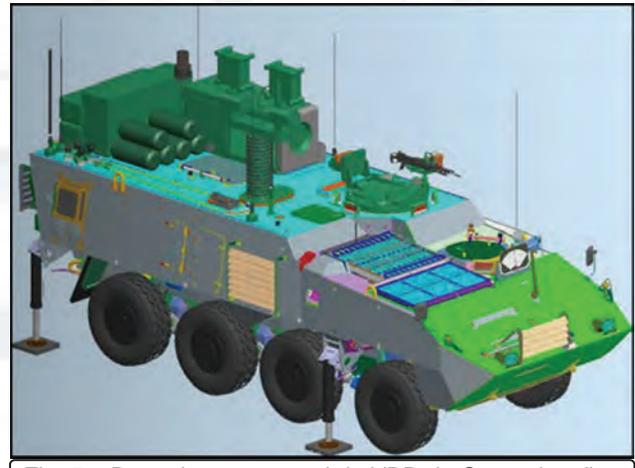


Fig. 5 – Desenho conceptual da VBR de Comunicações rede.

rede.

A mobilidade torna-se assim um ponto importante no SIC-T: inserção do CCB e do CCC vai permitir a descentralização dos meios e o aumento das capacidades descentralizadas levando assim a um sistema ajustável e flexível.

Com o SIC-T, a necessidade de formação e responsabilidade de utilizadores cresceu e daí a grande importância da formação.

**CTm/BrigInt**

*ept.ctmbrigint@mail.exercito.pt*

#### Referências:

Manual Doutrinário da BrigInt

QO da CTm/BrigInt

Jornal do Exército N° 622 Novembro de 2012 – Novo conceito de centro de comunicações; João Batista Dias Garcia – Tenente Coronel Tm (Eng).





## AS CONSEQUÊNCIAS DA NÃO EXISTÊNCIA DE MGS NA BRIGINT



A 24 de Outubro de 2010, aquando do discurso por ocasião das cerimónias comemorativas do Dia do Exército, em Castelo Branco dizia o então Gen CEME, Exmo Gen Pinto Ramalho “A concretização do projeto de edificação da Brigada de Intervenção, dispondo dos diversos tipos de viaturas, incluindo as MGS 105 mm (Mobile Gun System), fará desta grande Unidade, o instrumento operacional de referência do Sistema de Forças Terrestres” (Jornal do Exército, Nov 2010). Passados menos de dois anos, o projeto é interrompido, sem que o Exército tivesse recebido todas as PANDUR e sem que o processo das MGS tenha visto a luz do dia.

No projeto de edificação da Brigada de Intervenção previa-se dotar o Grupo de Autometralhadoras e o Esquadrão de Reconhecimento, ambos da Brigada de Intervenção, de novas Autometralhadoras (AM) ou como ultimamente se tem designado (por comparação com o sistema que equipa a Brigada Stryker do Exército dos Estados Unidos da América) MGS (Mobile Gun System) em substituição das AM Cadillac Gage V-150 ainda ao serviço. De acordo com os QO aprovados para o GAM e ERec seriam necessárias 33 MGS (27 para o Grupo de Autometralhadoras e 06 para o Esquadrão de Reconhecimento).

Com esta aquisição o Grupo de Autometralhadoras e o Esquadrão de Reconhecimento da Brigada de Intervenção passariam a dispor de capacidades de mobilidade e poder de fogo adequados ao espaço de batalha do futuro, passando a garantir à Brigada de Intervenção elevado poder de fogo, com elevada mobilidade tática para destruir alvos blindados e não blindados.

As MGS permitem estreitar o contacto e destruir o opositor, em todo o espectro das operações



militares, utilizando o poder de fogo, o movimento e a manobra e o poder de choque, em coordenação com as outras armas, possibilitando o alargamento do espectro de missões em que pode vir a intervir, nomeadamente de âmbito nacional ou internacional, convencionais e de Apoio, Manutenção e Imposição de Paz.

Alguns exércitos ocidentais procedem, na atualidade, à substituição de uma parte das viaturas mecanizadas por viaturas de rodas, dada a sua maior mobilidade tática e estratégica, menores custos de operação e manutenção, mantendo-se alguma proteção e o poder de fogo. No quadro seguinte pode ver-se uma comparação entre CC e MGS (retirado de uma apresentação sobre “Organização, missão, possibilidades e limitações do GAM/BrigInt” realizada em 29Abr2008 na EPC, pelo Cmdt do GAM – TCor Cav Jocelino Rodrigues)

As AM Cadillac Gage V-150 existentes não garantem, minimamente, os padrões exigidos pela NATO pelas seguintes razões:

- Possuem um sistema de controlo de tiro rudimentar;
- Possuem baixa proteção blindada;
- A peça 90 mm orgânica tem reduzida capacidade anticarro;
- Não dispõem de proteção NBQ;





- Existem dificuldades no reabastecimento de sobressalentes;
- Apresentam vários problemas mecânicos, nomeadamente ao nível da suspensão e sistema de travagem.

A falta de um sistema de armas tipo MGS inviabiliza o emprego da BrigInt nos conflitos de média intensidade, onde as MGS são essenciais e insubstituíveis para esse desiderato, pois garantem o poder de fogo, a mobilidade tática e a proteção necessárias à condução dos diferentes tipos de operações. Poder-se-á sempre aludir a que se for necessário se poderá atribuir à Brigada uma subunidade de Carros de Combate da Brigada Mecanizada, mas os custos de projeção e emprego de MGS versus LEOPARD, bem como a utilização

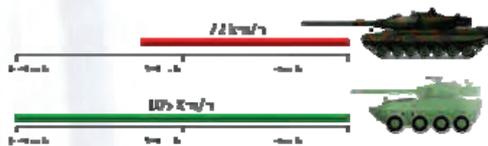
de PANDUR e LEOPARD no mesmo TO não se afigura como racional. Os Carros de Combate são mais vocacionados para TO de alta intensidade, enquanto que as MGS são mais adequadas em TO de média e baixa intensidade (vide quadro anterior).

Diagrama 1 - Tipo de Forças versus fase do Conflito

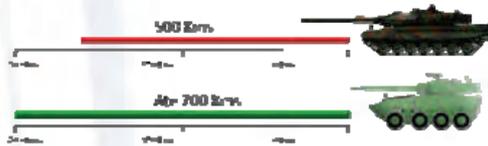
(retirado de uma apresentação sobre "Organização, missão, possibilidades e limitações do GAM/BrigInt" realizada em 29Abr2008 na EPC, pelo Cmdt do GAM – TCor Cav Jocelino Rodrigues)

Da análise do diagrama anterior constatamos que as forças médias (bem como as ligeiras) têm um campo de utilização mais alargado do que as forças pesadas, podendo ser empregues por períodos mais longos do que estas durante a

#### Velocidade máxima



#### Autonomia

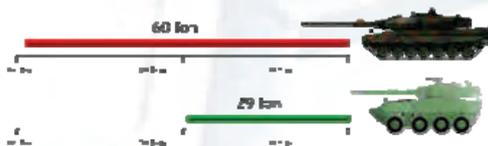


#### Blindagem

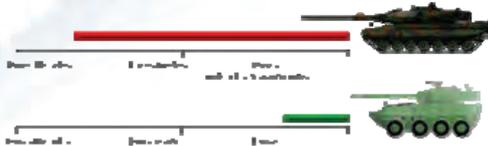
(sem componentes adicionais)



#### Peso



#### "Environment friendly" (")



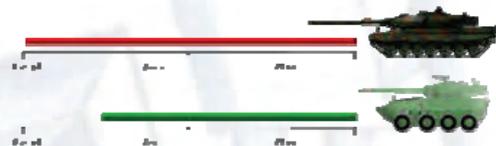
#### Consumos



#### Mobilidade



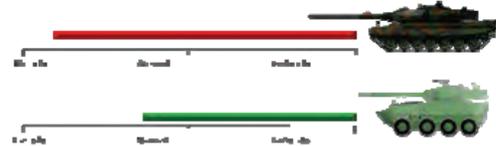
#### Poder de choque/Poder Fogo/demonstração de força

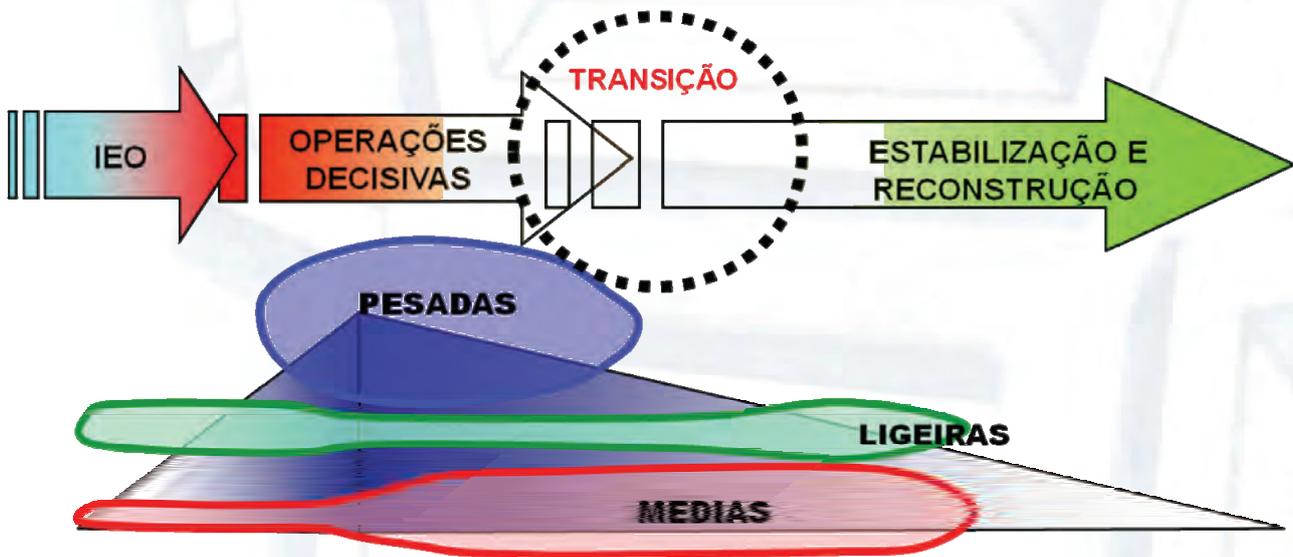


#### Transportabilidade/ Capacidade de Projecção



#### Periodicidade/Custos de Manutenção





resolução dos conflitos. De acordo com a intensidade do conflito há possibilidade de utilização deste tipo de forças, desde a fase inicial (como *Initial Entry Force*, pela sua maior facilidade de projeção estratégica e operacional) até a fase de estabilização e reconstrução. As forças médias assumem preponderância, pela sua capacidade de projeção estratégica e operacional, na prevenção de conflitos, uma vez que detêm o poder de fogo e visibilidade necessárias para entrarem em teatro, na fase inicial do conflito, e de resolverem, de per si, evitando que o conflito se desenvolva.

Contudo, a inexistência de um sistema substituto para as veteranas V150 é uma realidade. Assim, para manter a doutrina das AM, a proficiências das guarnições nas TTP respetivas, bem como o conhecimento técnico e tático relacionado com o seu emprego estas podem e devem continuar ao serviço da BrigInt. Não havendo sistemas de armas mais modernos no presente, haja ao menos o conhecimento humano para as utilizar, caso um dia o País tenha necessidade e possa disponibilizar os recursos financeiros para a sua aquisição. É necessário precaver a falsa “destruição criativa”, em que pela inexistência de sistemas de elevada qualidade e capacidade, se destroem/desmobilizam os recursos humanos que, ainda são na nossa opinião, o ativo mais importante do Exército, sabendo nós que mais difícil do que desmobilizar é o “reconstruir” uma capacidade sem o saber e a experiência acumulados de gerações sucessivas.

Por outro lado, estando atualmente na ordem do dia a constituição de um Grupo de Reconhecimento, não nos parece de descartar a possibilidade de na sua constituição se incluir um Esquadrão de Autometralhadoras, permitindo assim manter algum potencial de combate

garantido pelo poder de fogo, a mobilidade tática e a proteção necessárias, características das AM, em proveito do escalão superior, bem como manter viva a “escola”, o conhecimento e a cultura dos blindados de rodas tipo AM.

**TCor Cav Jorge Ferreira**  
Cmtd do GAM/BrigInt  
rc6.cmdtgam@mail.exercito.pt





## AS FUNÇÕES DE COMBATE, UM ESTUDO DE CASO – A BRIGINT



### Introdução

Na continuação do artigo anterior sobre a temática das funções de combate, iremos passar da abordagem conceptual para a prática, apresentando um estudo de caso sobre a Brigada de Intervenção (BrigInt), na sua vertente organizacional.

Na sequência das atualizações doutrinárias recentemente implementadas no Exército, que refletem mudanças e alterações com influência no emprego de forças militares, indo ao encontro do paradigma das operações em todo o espectro, pretendemos verificar de que forma a atual estrutura de comando e estado-maior da BrigInt se adapta aos pressupostos organizacionais subjacentes às funções de combate. De igual forma, sistematizaremos as unidades da BrigInt por funções de combate.

### As unidades da BrigInt

Considerando o significado de funções de combate, relembramos que cada uma delas congrega um conjunto de atividades militares afins e representa um grupo de tarefas e sistemas (pessoas, organizações, informação e processos) unidos por uma finalidade comum que os comandantes combinam de forma a gerar potencial de combate.

Por inerência da sua natureza, capacidades e conceito de emprego<sup>(1)</sup>, atendendo ao significado de cada uma das funções de combate, podemos organizar as unidades da BrigInt<sup>(2)</sup> de acordo com a figura 1, salientando no entanto que algumas unidades enquadram-se em mais do que uma função de combate.

Observando a figura 1, facilmente se depreende a associação das unidades às diferentes funções de combate, no entanto, como o ERec e a CEng aparecem com dupla função, delimitaremos a

nossa explicação a estes dois casos. O Cmd da BrigInt, não sendo uma unidade constituída e apesar de aparecer associado à CCS no organograma da figura 1, está integrado na função “comando-missão”.

A função de combate “movimento e manobra” está associada às unidades com capacidade de execução de fogos diretos e combate próximo. O ERec enquadra-se nesta função porque, em economia de força, pode conduzir operações ofensivas<sup>(3)</sup> e defensivas<sup>(4)</sup>. Nas tarefas de transição, enquanto elemento de segurança, pode vigiar, guardar ou cobrir<sup>(5)</sup>, participar na segurança da área da retaguarda<sup>(6)</sup>, constituir-se como força de ligação e ainda, no âmbito das mesmas tarefas, ser empregue na substituição de unidades.

A função de combate “informações” integra todas as tarefas e sistemas que permitem compreender o ambiente operacional. No âmbito do ciclo de produção de informações, durante a fase de aquisição o ERec é a principal capacidade para o esforço de pesquisa da BrigInt, podendo integrar um sistema IVR mais abrangente.

Relativamente à engenharia, dos quatro objetivos do seu sistema, claramente identificamos dois que se enquadram na função de combate “movimento e manobra”. De facto, no âmbito da mobilidade, a CEng pode efetuar tarefas de transição de redução de obstáculos e transposição de cursos de água na preparação de uma operação ofensiva, assim como trabalhos de barragens e destruições (no âmbito da contramobilidade) integrados numa operação defensiva.

A CEng também se enquadra na função de combate “proteção”<sup>(7)</sup>, pois, no sistema de apoio à proteção ou sobrevivência, tem capacidade para executar fortificações na construção e reforço de posições de combate. No sistema de apoio geral de engenharia, quando reforçada com módulos específicos, pode efetuar inativação de engenhos

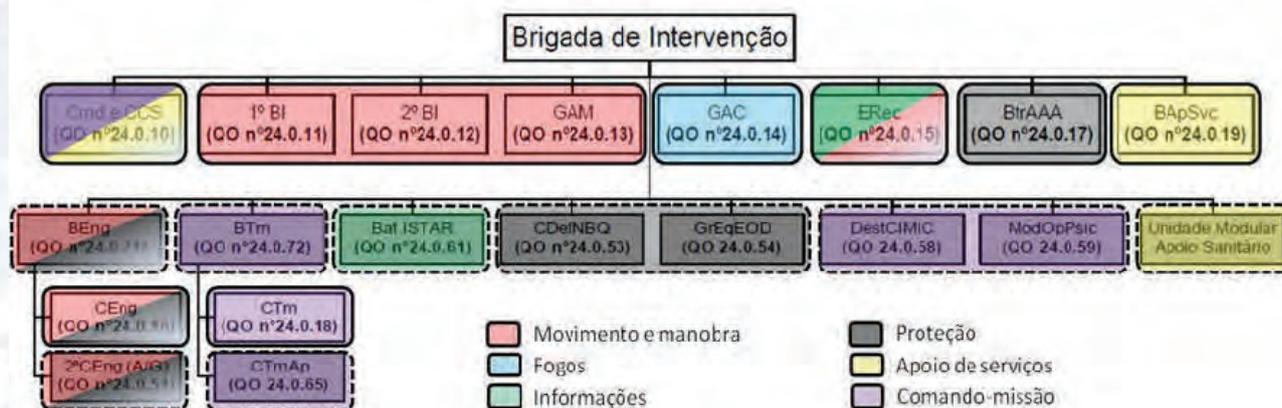


Figura 1 – Organização da BrigInt por funções de combate.



explosivos, preparação e proteção de áreas logísticas ou mesmo descontaminação NBQ.

Outras considerações poderiam ser feitas na sistematização das unidades da BrigInt por funções de combate. Por exemplo, o Pel PE da CCS enquadra-se na função “proteção” e o GAC, unidade por excelência da função “fogos”, tem capacidade para efetuar o obscurecimento do campo de batalha através do emprego de fumos (de cegamento ou mascaramento), na função “movimento e manobra”. No entanto, julgamos que as competências centrais destas unidades adequam-se à correlação apresentada anteriormente.

### O comando e estado-maior da BrigInt

Tendo como referência o QO Nº 24.0.10 de julho de 2010, iremos apresentar uma possível organização do comando e EM da BrigInt em Posto de Comando, incluindo as estruturas a ativar em situação de treino ou emprego operacional e considerando como distintos os cargos em acumulação de funções. Como base, consideramos a abordagem conceptual preconizada pelo ATTP 5-0.1 de setembro de 2011 do Exército Norte-americano, apresentada graficamente na figura 2.

Com é sabido, o estado-maior pessoal não se enquadra nesta lógica organizacional, por isso, o nosso propósito prendeu-se apenas em reorganizar o estado-maior coordenador e técnico em células funcionais e integradoras, tendo como ponto de partida, não a descrição formal dos diferentes cargos previstos em QO mas, o conhecimento empírico das atribuições dos mesmos. Assim, delimitaremos a nossa explicação aos aspetos mais relevantes e que eventualmente suscitam maiores dúvidas, não analisando a exequibilidade<sup>(8)</sup> do modelo apresentado na figura 3.

Relativamente às células integradoras, o foco da Brigada é a célula de operações correntes. Esta, de forma permanente e sob orientação do chefe de estado-maior, sincroniza e coordena com as células funcionais todos os aspetos necessários para a preparação, execução e avaliação de uma operação, incluindo o planeamento imediato para a difusão de ordens parcelares, em função de evoluir da situação. Tem que ter a capacidade de operar ininterruptamente através do COT<sup>(9)</sup>, com militares dedicados para guarnecer o mesmo, e eventualmente outros provenientes das células funcionais, de acordo com a especificidade da operação em curso. O núcleo desta célula integradora provém do G-3 (excluindo o Oficial Info Ops) e da célula funcional de “movimento e manobra”, acrescida do TACP<sup>(10)</sup> e da célula de gestão do espaço aéreo (separada da célula de defesa aérea).

A célula de planos é, obviamente, guarnecida pelo G-5 que, à semelhança da célula de operações correntes, coordena com as células funcionais quando é necessário planear uma operação. Aqui a questão que se coloca é relativa ao G-7, uma vez que consideramos as suas atribuições mais adequadas para o planeamento de exercícios do que propriamente para o planeamento e condução de treinos específicos inerentes à preparação de uma operação, podendo esta ser uma competência das operações correntes, no âmbito da supervisão e controlo. De referir que na organização do estado-maior das Brigadas do Exército Norte-americano, S-7 é a secção das atividades de informação e influência<sup>(11)</sup>, como tal, parte integrante da célula de “comando-missão”.

No que diz respeito às células funcionais,

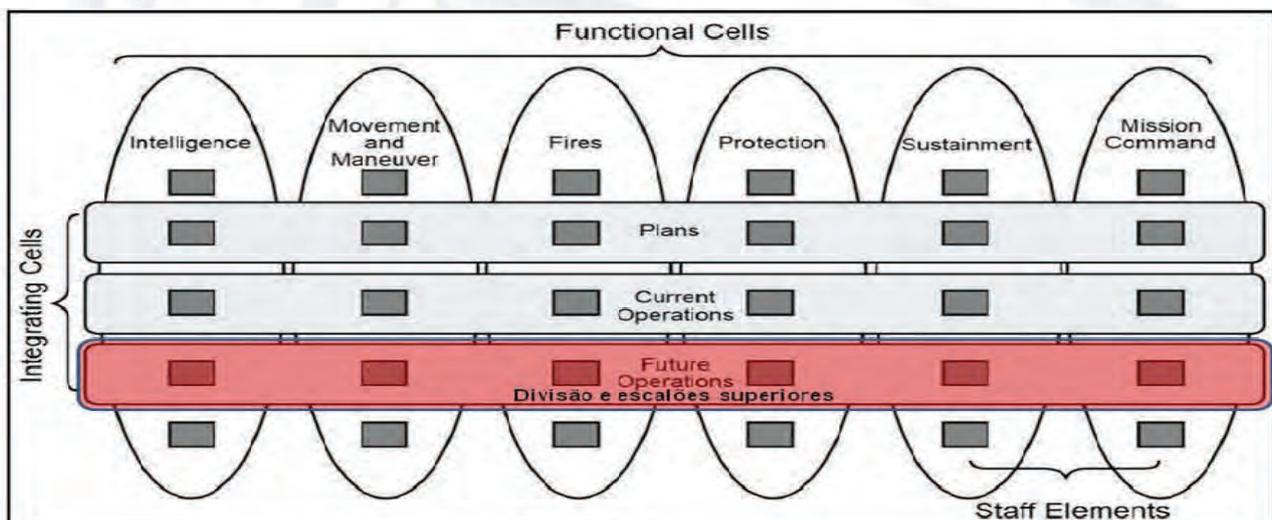


Figura 2 – Organização de Postos de Comando por funções de combate.



entendemos que os aspetos de segurança estão relacionados com a função de combate “proteção” e não com a de “informações”. Como tal, faz sentido que o Posto de Controlo de Matérias Classificadas deixe de fazer parte do G-2 e integre a célula de “proteção”. De igual forma, a célula de apoio à manobra deve ser separada, passando o elemento Preboste para a célula de “proteção”. As restantes células funcionais não oferecem dúvidas sobre a sua constituição.

Por último, mantivemos os elementos da gestão da informação na chefia do estado-maior, tal como previsto no QO citado anteriormente. Estes elementos, organizados em célula neste modelo, deverão ser os responsáveis pela gestão dos fluxos de informação internos e externos, implementação e supervisão do battle rhythm, particularmente do report system definido. Esta matéria terá que ser

Através deste modelo teórico, procuraremos apresentar algumas vantagens na organização por funções de combate.

A flexibilidade tática assenta no conceito de armas combinadas aos mais baixos escalões e numa liderança descentralizada que possibilite uma constante adaptação à evolução dos acontecimentos. Através da metodologia do planeamento colaborativo entre escalões de comando, a adaptabilidade operacional pressupõe a existência de equipas multidisciplinares permanentes, que apoiem o comandante na compreensão do ambiente operacional, na adaptação e antecipação de transições, mantendo o ímpeto e a iniciativa. O desiderato é aumentar a sincronização na capacidade da compreensão situacional e rapidez para contrair o nosso ciclo de decisão e expandir o do adversário. As transições, o ritmo e o faseamento da operação terão que ser ponderados em função do alcance operacional da força, sendo que, para uma unidade de escalão brigada a sequenciação deve prevalecer à simultaneidade, sendo desejável empenhar-se na condução de um tipo de operação de cada vez.

Por outro lado, a filosofia do comando-missão induz à conduta das operações através da execução descentralizada baseada em ordens tipo-missão, que incluem, para além da intenção do comandante, um conceito de operação descrito por funções de combate e o mínimo necessário de medidas de coordenação para evitar demasiados constrangimentos à iniciativa. Assim sendo, torna-se necessário aumentar os mecanismos de supervisão e controlo na fase de preparação, nomeadamente através de treinos, inspeções de pré-combate e bríngues de confirmação. De igual forma, na fase de avaliação é cada vez mais premente mensurar o desenvolvimento das operações, através de medidas de eficácia (MOE) dos efeitos alcançados e pelas medidas de desempenho (MOP) das ações das nossas forças. No nosso entender, uma ligação funcional nestas matérias simplifica e agiliza a ação do EM na condução do processo operacional.

Toda esta argumentação é sustentada pela correlação funcional de forças com estruturas multidisciplinares permanentes de EM. Apresenta vantagens de sincronização, rapidez e coordenação na direção e conduta do processo operacional. As funções de combate não podem ser vistas de forma estanque e independente, antes

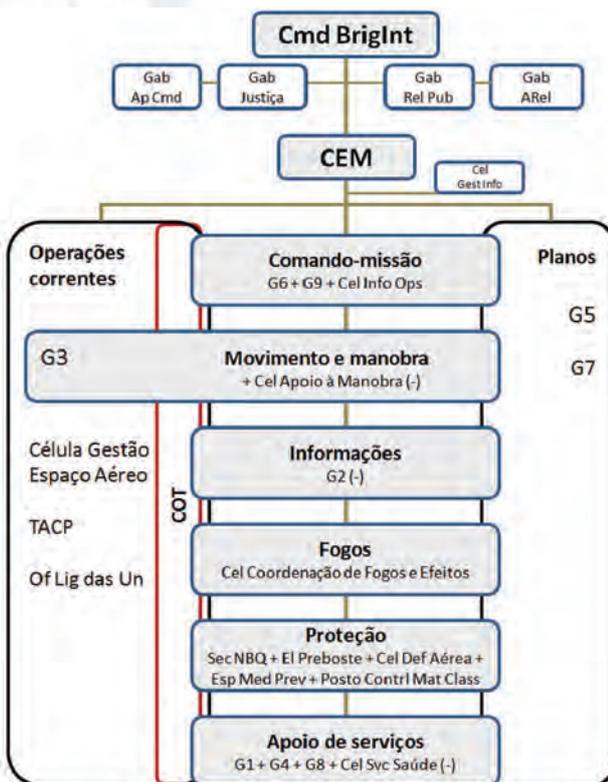
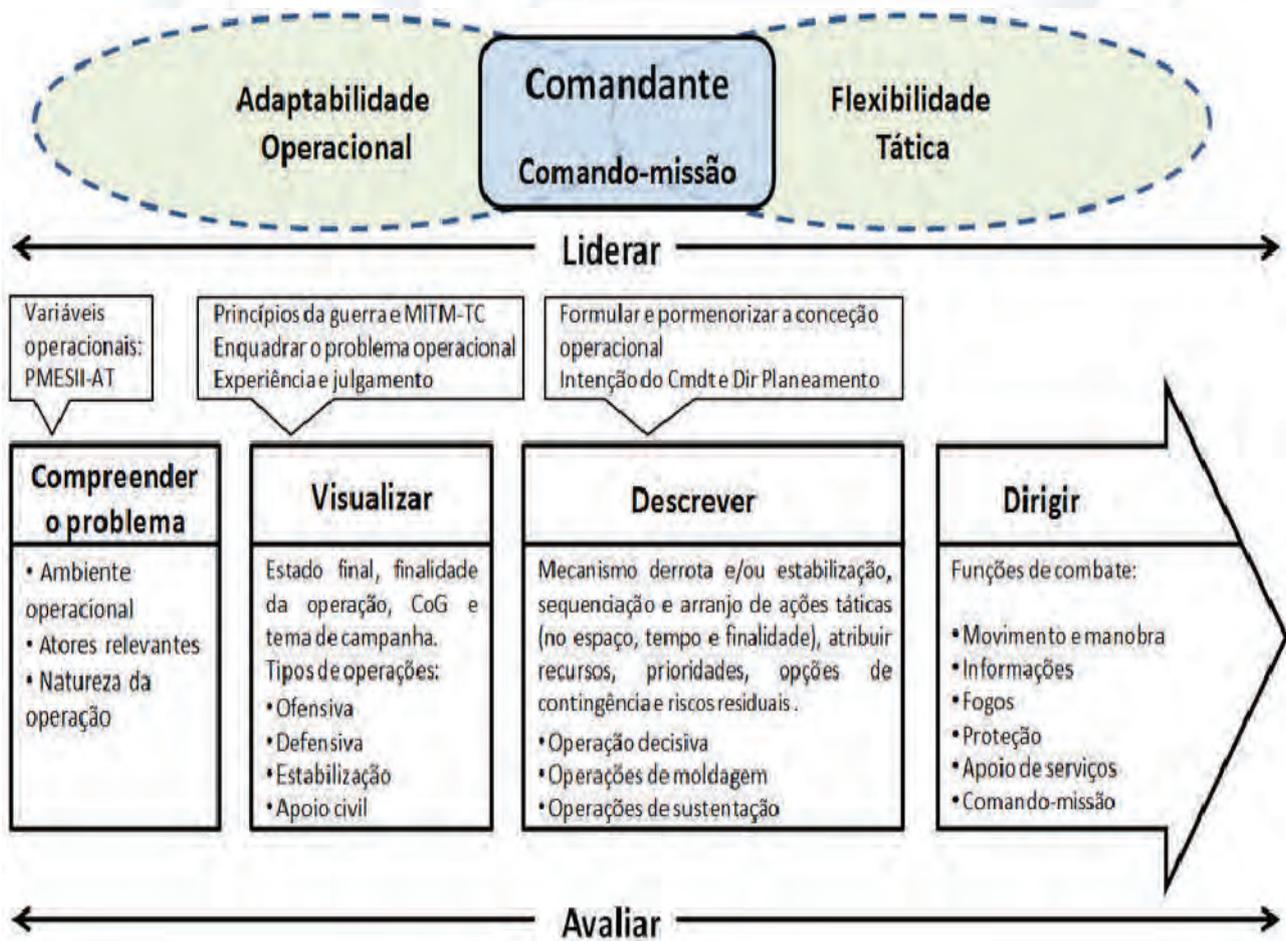


Figura 3 – Organização do Cmd e EM da BrigInt por funções de combate.

devidamente concertada com as atribuições do COT.

### Conclusões

É inquestionável a importância que tem vindo a ser dada à atualização doutrinária, em função da crescente complexidade do ambiente operacional. Neste contexto, é enfatizado o papel do comandante na direção do processo operacional, através do balanceamento adequado entre a arte do comando e a ciência do controlo (figura 4).



pelo contrário, consideramos que é a sua adequada integração e combinação que facilita e permite ao comandante gerar e aplicar o potencial de combate necessário para cumprir a missão, seja de emprego operacional ou em situação de guarnição. Para este último caso, sendo o objeto e os assuntos de planeamento diferenciados do anterior, o processo de tomada de decisão militar mantém-se, pelo que, o desafio é ajustar os fluxos e os respetivos intervenientes à estrutura organizacional.

**Maj Inf Paulo Roxo**  
Adj G3/BrigInt  
roxo.pcp@mail.exercito.pt

- (1) Genérico, vertido nos quadros orgânicos (QO) em vigor.
- (2) As unidades orgânicas e as eventuais de reforço das Forças de Apoio Geral.
- (3) Nomeadamente, tarefas no âmbito do reconhecimento em força (se integrado numa unidade de escalão superior) ou ataque imediato.

- (4) Contribuindo na defesa de um setor ou posição de combate e nas tarefas de retardamento.
- (5) Ambas, se integrado numa unidade de reconhecimento de escalão superior.
- (6) Vocacionado para se constituir como força de intervenção contra ameaças de nível III.
- (7) A "proteção" relaciona tarefas e sistemas que visam minimizar a vulnerabilidade do pessoal, instalações, material, operações e atividades.
- (8) Resultante da ponderação da eventual insuficiência de pessoal e cargos, necessidade de incorporar outras atribuições de natureza diversa cometidas à BrigInt e a evidente contextualização operacional (uma vez que os ajustes organizacionais são mission-tailored).
- (9) Independentemente das competências definidas para o COT na gestão operacional e nos fluxos de informação (onde se inclui, naturalmente, o report system instituído).
- (10) Tactical Air Control Party. De acordo com o FM 3-90.6 de setembro de 2010, o TACP faz parte da célula de fogos, apenas passando para a célula de operações correntes no Posto de Comando Tático, caso este seja constituído.
- (11) Genericamente considerada como a anterior designação de Info Ops.



## O FUTURO DAS UNIDADES DE RECONHECIMENTO

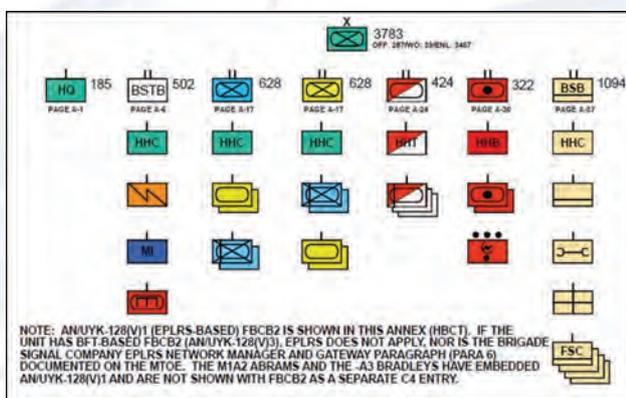


### Introdução

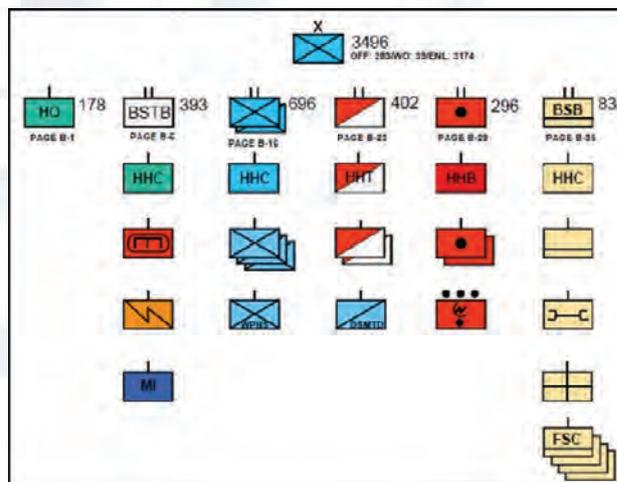
Muitas alterações ocorreram desde o fim da Guerra Fria e tiveram implicações a nível mundial, na organização e doutrina dos Exércitos, designadamente nas Unidades de Reconhecimento (UnRec). Em 1996 foi publicado o FM 17-95 (Cavalry Operations) que explicava a doutrina para as UnRec para as Forças Americanas dos anos 90. Em 2006 foi publicado o FM 3-20.96 (Reconnaissance Squadron) que explica a doutrina para as UnRec que pertencem ao Exército Modular dos Estados Unidos da América (EUA), pós 2004, consubstanciado em três tipos de Brigada: a Heavy Brigade Combat Team (HBCT), a Stryker Brigade Combat Team (SBCT) e a Infantry Brigade Combat Team (IBCT).

A nível nacional, decorrem estudos no Estado-maior do Exército (EME) sobre a revisão do Sistema de Forças Nacional – Componente Operacional (SFN-COp), com implicações diretas nas UnRec. A COp contempla um Esquadrão de Reconhecimento (ERec) por Brigada.

Pretende-se, com este estudo, apresentar contributos válidos para o enriquecimento pessoal e para a discussão que existe em torno das UnRec. O debate sobre estas Unidades tem-se centrado em dois pontos fulcrais: manutenção dos ERec nas Brigadas (ao invés da tendência de outros exércitos



**Figura 1 - Organograma da HBCT**  
 Fonte: adaptado de FKSM 71-8 – Armor / Cavalry Reference Data (May 2011)



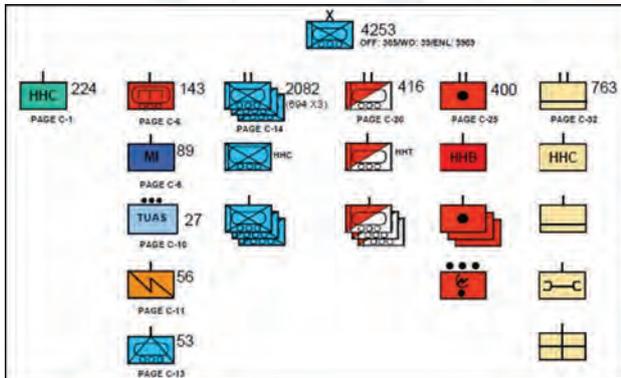
**Figura 2 - Organograma da IBCT**  
 Fonte: adaptado de FKSM 71-8 – Armor / Cavalry Reference Data (May 2011)

de referência que optaram pelo Grupo de Reconhecimento (GRec)); manutenção da finalidade das UnRec (continuem a operar nas Funções de Combate Manobra e Movimento e Informações, ao invés da tendência de outros exércitos de referência que optaram por operar na Função de Combate Informações).

O objeto de estudo deste artigo é a organização das UnRec. Tomou-se como referência o mesmo, a organização e doutrina das UnRec do Exército dos EUA e da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). O objetivo deste trabalho é analisar o escalão e a finalidade, em termos de Funções de Combate, das UnRec para o Exército Português. No final deste artigo apresentaremos uma proposta de organização para uma possível Unidade de Reconhecimento para o Exército Português e responderemos à Questão Central: Qual é o escalão e a finalidade para as UnRec do Exército Português?

### 1. Considerações nacionais relevantes

A nível nacional existe um conceito de emprego de Forças que assenta em três Comandos de Brigada, em que cada uma possui três Unidades de Manobra e os respetivos apoios. Com esta organização pretendeu-se garantir a capacidade de emprego de Armas Combinadas (Infantaria e carros de combate).



**Figura 3 - Organograma da SBCT**  
 Fonte: adaptado de FKSM 71-8 – Armor / Cavalry Reference Data (May 2011)

A Brigada de Intervenção (BrigInt) e a Brigada Mecanizada (BrigMec) possuem um ERec que está preparado para executar operações em todo o espectro de operações militares, no âmbito nacional ou internacional, de acordo com a sua natureza (QO 24.0.05, 2009: 2; QO 24.0.15, 2009: 2). A Brigada de Reação Rápida (BrigRR), também, possui um ERec que está preparado para conduzir operações de reconhecimento e segurança com a finalidade de preservar a capacidade de combate da Brigada (QO 24.0.26, 2009: 2).

A resposta nacional para o compromisso máximo para a OTAN é concebida numa ótica de avaliação e composição de Forças entre a BrigInt e a BrigMec. O contributo do Exército para a Força de Reação Imediata (FRI) é efetuada à custa da BrigRR. Existe ainda a necessidade de aprofundamento do conceito de modularização face às limitações impostas ao nível de efetivos.

Existem três pontos fundamentais que vão afetar o reequipamento da BrigInt: a denúncia do contrato e consequente cancelamento do Programa da Viatura Blindada de Rodas (VBR) PANDUR II 8x8 entre o Governo Português e a empresa General Dynamics, implicou a suspensão do fornecimento total das VBR inicialmente previstas; não foi lançado qualquer concurso para a aquisição de VBR PANDUR II 8x8 MGS; e no âmbito do reequipamento estão suspensos os novos programas no quadro da “Lei de Programação

Militar”. Desta forma, a incerteza ou improbabilidade da aquisição das VBR PANDUR II 8x8 MGS, VBR PANDUR II 8x8 Anti Tank Guided Missile (ATGM) e VBR PANDUR II 8x8 Mortar Carrier Vehicle (MCV), entre outras, vai ter uma influência direta no emprego operacional do ERec e da própria BrigInt.

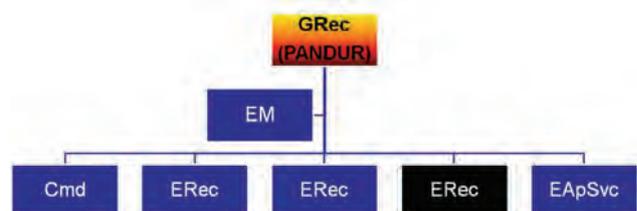
## 2. Doutrina

A doutrina do Exército Português assenta na doutrina de referência que é a dos EUA e da OTAN. Ao abordar o futuro das UnRec no Exército Português, no que respeita ao escalão e conceito de emprego, é fundamental abordar a Função de Combate, Movimento e Manobra e a Função de Combate Informações, bem como o conceito de Reconhecimento.

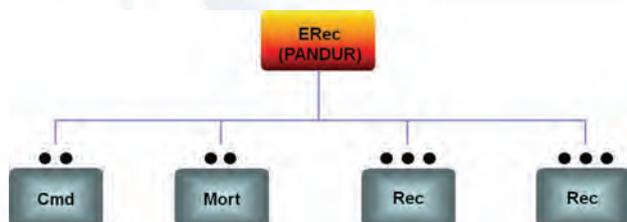
### 2.1 Funções de Combate

De acordo com a Publicação Doutrinária do Exército 3.0 (PDE 3-00) Operações, existem seis funções de combate: movimento e manobra, comando-missão, informações, fogos, proteção e apoio de serviços. Entende-se que uma função de combate é um grupo de tarefas e sistemas (pessoas, organizações, informação e processos) unidos por uma finalidade comum que os comandantes aplicam para cumprir missões operacionais e de treino (2012: 2.22 e 2.24).

A Função de Combate Movimento e Manobra é composta pelas tarefas e sistemas que movimentam Forças para alcançar uma posição de vantagem em relação ao inimigo. A Manobra é o emprego de Forças através da combinação do fogo e movimento para alcançar uma posição de vantagem em relação ao inimigo de forma a cumprir uma missão (PDE 3-00, 2012: 2.28).



**Figura 4 - Organograma do GRec**  
 Fonte: elaboração própria do autor



**Figura 5 - Organograma do ERec**  
*Fonte: elaboração própria do autor*

A Função de Combate Informações é composta pelas tarefas e sistemas que facilitam a compreensão do ambiente operacional, inimigo, terreno e considerações de âmbito civil. Inclui as tarefas associadas à vigilância e ao reconhecimento e é orientada pelas Necessidades de Informação Críticas do Comandante (CCIR). Mais do que a recolha e obtenção de informação, é um processo contínuo que envolve a análise do material recolhido de todas as fontes e a condução de operações que visem o desenvolvimento da situação (PDE 3-00, 2012: 2.29).

### 2.2 Reconhecimento

A doutrina base do Reconhecimento é a doutrina americana que assenta no FM 3-20.96 (Reconnaissance Squadron), cuja finalidade é fornecer considerações de doutrina, organização e operações de Reconhecimento às UnRec das Brigade Combat Team (BCT). O FM 3-90.6 define Reconhecimento como “operações realizadas para obter, por observação visual ou outros métodos de deteção, informação sobre as atividades e os recursos de um inimigo ou potencial inimigo, ou para assegurar os dados sobre as características meteorológicas, hidrográficas, ou geográfica e da população indígena de uma área particular” (2010: 3.2). O PDE 3-00 Operações refere que o Reconhecimento “É definido, em termos ISTAR, como uma missão destinada a obter notícias através da observação visual ou outros meios de deteção, relativas às atividades e recursos do inimigo, potencial ou não, bem como obter dados sobre as características meteorológicas, hidrográficas ou geográficas de uma determinada área” (2012: 10.1).

### 3. O caso dos EUA e da OTAN

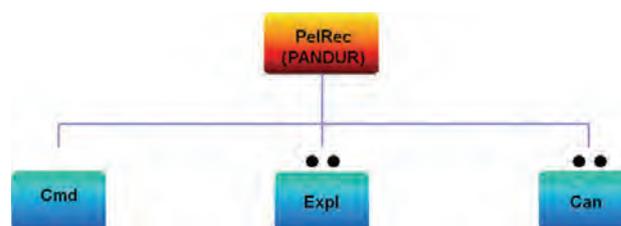
Para este artigo apresentam-se apenas os casos dos EUA e da OTAN por se constituírem como referência para o Exército Português ao nível da organização e da doutrina.

#### 3.1 EUA

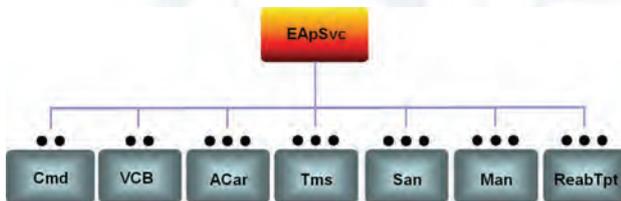
O Exército dos EUA possui as BCT, que são atribuídas ao Comando da Componente Terrestre (Land Component Commander - LCC) ou ao Comando de uma Força Tarefa Conjunta (Joint Task Force - JTF), e são estas que possuem a capacidade de combate próximo. Estas Brigadas combatem em todo o espectro de operações, empregando todas as vantagens táticas de uma Força de Armas Combinadas (FM 3-90.6, 2010: 1.1).

A HBCT, a SBCT e a IBCT são os três tipos de Brigadas que o Exército dos EUA possui e são o escalão mais baixo de Armas Combinadas que pode ser utilizado de forma independente. Todas possuem Unidades de manobra, Fogos, Reconhecimento, Sustentação, Informações, Polícia Militar, Transmissões e Engenharia (FM 3-90.6, 2010: 1.6).

No que diz respeito às UnRec, as três Brigadas possuem um GRec. Os motivos destas Brigadas possuírem um GRec, e não um ERec, devem-se às mudanças que aconteceram nos últimos anos, nomeadamente, no Ambiente Operacional, que alterou a Área de Responsabilidade e a Área de Operações (AOp) da Brigada. Face a estas mudanças, as Brigadas necessitam de meios para executar a sua missão e de uma Força com maior capacidade de Reconhecimento que lhe assegure o êxito nas suas operações.



**Figura 6 - Organograma do PelRec**  
*Fonte: elaboração própria do autor*



**Figura 7 - Organograma do EApSvc**  
**Fonte: elaboração própria do autor**

Neste tipo de Brigadas modulares (BCT), os GRec são utilizados na Função de Combate Informações, a sua tarefa fundamental é o Reconhecimento, no entanto, podem executar Tarefas de Segurança (obter informações e evitar a surpresa ao Grosso da Força), são altamente móveis, relativamente leves e de organizações flexíveis otimizadas para missões de reconhecimento (FM 3-90.6, 2010: 1.6 a 1.13; 5.1; 6.2).

O GRec da HBCT é constituído por um Esquadrão de Comando (Headquarters and Headquarters Troop – HHT) e por três ERec a dois Pelotões de Reconhecimento (PelRec) (cada PelRec é constituído por 3 M3A3 – Cavalry Fighting Vehicle (CFV) – e por 5 M1151A1 HMMWV).

O GRec da IBCT é constituído por um Esquadrão de Comando (HHT), por dois ERec motorizados a três PelRec (cada PelRec é constituído por 6 M1151A1 HMMWV) e um ERec apeado.

O GRec da SBCT é constituído por um Esquadrão de Comando (HHT) e por três ERec, a três PelRec (cada PelRec é constituído por 4 M1127 – Striker Reconnaissance Vehicle).

Dada a sua missão e organização, o GRec das BCT é empregue, essencialmente, na função de combate Informações, contudo, caso seja reforçado pode cumprir, também, missões no âmbito da função de combate Movimento e Manobra.

### 3.2 OTAN

Ao nível da OTAN, as UnRec podem ser utilizadas como Forças de Combate ou como

Forças de Apoio de Combate. O seu objetivo principal é a obtenção de informação (do Inimigo e do Terreno). Apoiam as Informações, integram-se

na Função de Combate Informações e, normalmente, não combatem pela informação. Uma Unidade de Reconhecimento que tem por missão a obtenção de informações é uma Força de Apoio de Combate. Uma Unidade de Reconhecimento que tem uma missão mais agressiva, como Guarda de Flanco, é uma Força de Combate (ATP-3.2.1, 2009: 3.3 e 3.19).

### 4. Perspetiva futura

Face às doutrinas de referência, ao ambiente operacional e à evolução “natural” das UnRec consideramos que as UnRec do Exército Português deverão integrar a Função de Combate Informações e o seu escalão deverá ser Grupo. Face a esta alteração de paradigma, ou seja, a alteração do escalão das UnRec, de Esquadrão para Grupo e de a finalidade estar associada, exclusivamente, à Função de Combate Informações e não às Funções de Combate Movimento e Manobra e Informações, concebemos uma organização que poderá contribuir para o debate do Reconhecimento no Exército Português. No entanto, convém referir, que tal como os GRec das Brigadas modulares americanas, também, o futuro GRec do Exército Português poderia executar missões em proveito da Brigada na Função de Combate Movimento e Manobra desde que seja reforçado.

Foram utilizados os seguintes pressupostos neste estudo: a doutrina e organização dos EUA e da OTAN são a referência para o Exército Português; os equipamentos existentes no GAM/BrigInt e no ERec/BrigInt são os únicos existentes para o levantamento de um GRec; e o GRec será empregue na Função de Combate Informações.

Esta **modalidade de ação** foi elaborada com base em viaturas existentes na BrigInt, provenientes do GAM e do ERec da BrigInt. O GRec é constituído, fundamentalmente, por VBR PANDUR II 8x8 e é constituído por Estado-Maior, Comando, três ERec (com apenas dois ERec levantados) e Esquadrão de Apoio e Serviços (EApSvc).



O **Estado-Maior** tem na sua organização duas VBR PANDUR II 8x8 Command Post Vehicle (CPV) e uma VBR PANDUR II 8x8 Infantry Carrier Vehicle (ICV). O Comando tem na sua organização duas VBR PANDUR II 8x8 ICV.

Cada ERec é constituído por Secção de Comando, Secção de Morteiros e por dois PelRec.

A **Secção de Comando** tem na sua organização uma VBR PANDUR II 8x8 CPV e uma VBR PANDUR II 8x8 ICV. A **Secção de Morteiros** tem na sua organização duas Viaturas Blindadas Ligeiras (VBL) CHAIMITE PORTA MORTEIRO (V600). O PelRec é constituído por Comando, Secção de Exploração e por Secção Canhão.

O **Comando** do PelRec tem na sua organização uma VBR PANDUR II 8x8 ICV. A **Secção de Exploração** tem na sua organização duas VBR PANDUR II 8x8 Remote Weapon Station (RWS). A **Secção Canhão** tem na sua organização duas VBR PANDUR II 8x8 Infantry Fighting Vehicle (IFV).

O EApSvc é constituído por Secção de Comando, Secção de Vigilância do Campo de Batalha (SecVCB), Pelotão Anticarro (PelACar),

Pelotão de Transmissões (PelTm), Pelotão sanitário (PelSan), Pelotão de Manutenção (PelMan) e Pelotão de Reabastecimento e Transportes (PelReabTpt).

A SecVCB tem na sua organização quatro VBR PANDUR II 8x8 Reconnaissance Vehicle (VCB). O PelACar tem na sua organização quatro VBR PANDUR II 8x8 Anti Tank Guided Missile (ATGM). O PelSan tem na sua organização três VBR PANDUR II 8x8 Medical Evacuation Vehicle (MEV). O PelMan tem na sua organização três VBR PANDUR II 8x8 Recover Vehicle (RV) e três viaturas M816.

Tendo em consideração o número de viaturas necessárias para o levantamento do GRec e o número de viaturas existentes no GAM e ERec da BrigInt verifica-se que as principais faltas devem-se às viaturas não adquiridas, como sejam o caso das ATGM, das MGS e outras.

## Conclusões

As referências doutrinárias e organizativas (EUA e OTAN) apontam para Forças de Reconhecimento de maior escalão e com mais capacidades, estando a ser dotadas de mais meios cinéticos e não cinéticos. Nas Brigadas modulares dos EUA, o escalão das UnRec é o Grupo.

O Reconhecimento é uma atividade realizada para obter informação sobre as atividades de um inimigo, ou outro adversário, terreno e condições ambientais e da população indígena de uma determinada área.

O emprego das UnRec deve ser efetuado em estreita ligação com o Ciclo de Produção de Informações e integrada com o Plano de Informações, Vigilância e Reconhecimento (IVR).

Face ao apresentado e com a finalidade de responder à Questão Central, consideramos que as UnRec devem ter a sua finalidade, intimamente, ligada à Função de Combate Informações e o escalão deve ser o de Grupo de Reconhecimento. No entanto, as UnRec podem operar no âmbito da Função de Combate Movimento e Manobra, desde que sejam reforçadas com os meios necessários e adequados a essa finalidade.

A modalidade de ação apresentada permite constituir um GRec, apenas com os meios disponíveis no Exército Português (com base nas VBR PANDUR II 8x8), embora com as limitações apresentadas em termos de algumas viaturas.

**Maj Cav Helder Coelho**

*Of Adj BrigInt/G3*

*coelho.hjb@mail.exercito.pt*

## Bibliografia

ATP-3.2.1 – *Allied Land Tactics* (2009);  
FKSM 71-8 – *Armor / Cavalry Reference Data Brigade Combat Teams* (May 2011);  
FM 3-20.96 – *Reconnaissance Squadron* (2006);  
FM 3-90.6 – *Brigade Combat Team* (2010);  
PDE 3-00 *Operações* (abril de 2012);  
*Plano de Médio e Longo Prazo* (2007-2024);  
QO 24.0.05 do ERec da BrigMec (2009);  
QO 24.0.15 do ERec da BrigInt (2009);  
QO 24.0.26 do ERec da BrigRR (2009);  
SFN – *Reunião de Trabalho na Academia Militar em 21 de Janeiro de 2013.*



## RECENSÃO

“TRANSFORMING COMMAND: THE PURSUIT OF MISSION COMMAND IN THE U.S., BRITISH AND ISRAELI ARMIES, BY EITAN SHAMIR.”



### Referência bibliográfica da obra

O livro *Transforming Command: The pursuit of mission command in the U.S., British and Israeli Armies*, apresenta a evolução do conceito alemão de *Auftragstaktik*, traduzido e interpretado como comando-missão. Escrita por

Eitan Shamir e publicada em 2011 pela Stanford University Press, em Stanford California nos EUA, a obra está organizada em quatro capítulos: *The Theory and History of Mission Command*, *Alternative Traditions of Command*, *Transforming Command* e *Conclusions and Implications*.

### Dados do autor

Eitan Shamir é Coronel na reserva das Forças de Defesa de Israel (IDF). Do seu percurso militar destaca-se a prestação de serviço na Brigada Para-queda e uma comissão, como oficial na reserva, na Unidade de Psicologia Organizacional das IDF. Atualmente desempenha funções como Professor no Departamento de Ciência Política na Universidade Bar-Ilan e Investigador do Centro de Estudos Estratégicos Begin-Sadat. Antes da sua posição académica, Eitan Shamir chefiou o Departamento de Doutrina para a Segurança Nacional no Ministério dos Assuntos Estratégicos, órgão do Gabinete do Primeiro Ministro de Israel. Colaborou com o Centro de Estudos Interdisciplinares Militares (CIMS) das IDF onde as suas pesquisas e publicações abordaram temas como o comando, as reformas militares, estratégia e cultura militar.

É doutorado pelo Department of War Studies no King's College em Londres, mestre em Comportamento Organizacional pela Brigham Young University em Provo Utah nos EUA e licenciado em Ciência Política pela Universidade de Telavive em Israel.

### Ideia do texto

Este livro aborda o comando-missão enquanto filosofia de comando que requer e promove a iniciativa em todos os escalões. Encoraja os subordinados a explorar oportunidades, investindo-os de autoridade para tomar a iniciativa e aplicar os julgamentos necessários para as suas decisões, na prossecução dos objetivos definidos. O alinhamento é mantido através da compreensão inequívoca da intenção do comandante, havendo no entanto duas pré-condições: a confiança mútua entre comandantes e a garantia de que os subordinados têm a habilidade e a competência para atuarem criativa e adequadamente sem supervisão, quando confrontados com situações inesperadas.

O conceito do comando-missão foi implementado com sucesso pelo exército alemão e tentou ser ou está a ser implementado nos exércitos americano, britânico e israelita. No entanto, verificam-se algumas dificuldades na adoção integral do modelo original, por um lado, por razões endógenas de resistência à mudança, própria das grandes instituições, e por outro lado, este conceito resultou de um contexto estratégico e cultural específico, que promoveu o seu surgimento, desenvolvimento e incorporação sistematizada.

### Resumo do texto

No primeiro capítulo, *The Theory and History of Mission Command*, o autor começa por enquadrar e caracterizar o conceito de comando-missão, apresentando-o, não como uma técnica de difusão de ordens mas, como uma solução organizacional e estilo de liderança, cujo objetivo foi minimizar os efeitos do crescente e evidente sucesso do exército francês liderado por Napoleão (1769-1821), precursor da designada guerra da manobra. O General Gerhard von Scharnhorst (1755-1813), comandante do exército prussiano por essa altura, é tido como o reformista desta escola de pensamento e moldou toda uma geração de oficiais prussianos, através da recentemente criada Academia Militar de Berlim.

As ideias de Scharnhorst, após a derrota na Batalha de Jena-Auerstedt (1806), deram origem à criação do famoso estado-maior prussiano, e à criação de um sistema de formação que habilitasse os oficiais a liderar as suas unidades com criatividade e alguma autonomia. Aos subordinados dava apenas a informação e os recursos necessários, a missão e a intenção, garantindo a liberdade de acção necessária para promover a iniciativa e o alcançar do estado final desejado. Este pensamento denota já princípios daquilo que posteriormente Moltke, o “velho”, institucionalizou como *Auftragstaktik*.

Quando os alemães associaram a *Auftragstaktik* à inovação tecnológica, nomeadamente através da integração da velocidade com o poder de choque dos carros de combate e sistemas de comunicação inovadores, criaram as condições necessárias para explorar as oportunidades do campo de batalha. Estas permitiam, mais que a aniquilação física, desorganizar todo o sistema de comando e controlo do oponente, como foi evidente no início da II GM com a *Blitzkrieg*, levando a guerra da manobra a dimensões nunca antes exploradas.

Conclui o autor que, o exercício descentralizado do comando foi praticado por muitos líderes militares ao longo da história, todavia, fruto de



circunstâncias específicas, foi o exército prussiano que o desenvolveu e sistematizou como sendo intrínseco à cultura militar, tendo perdurado várias gerações e servido de exemplo para as forças armadas ocidentais contemporâneas.

No segundo capítulo, *Alternative Traditions of Command*, Shamir procura identificar as tradições diferenciadas de comando nos três exércitos em estudo antes da adoção do comando-missão, através da análise de eventos históricos relevantes, líderes proeminentes, assim como de outros fatores que influenciaram este processo evolutivo, tais como o carácter nacional e a posição geoestratégica de cada um deles.

Inicia a análise pelo exército norte-americano e começa por referir as suas origens nas dez companhias de “atiradores especialistas”, formalmente criadas pelo Congresso Continental em 14 de junho de 1775, sendo George Washington o comandante deste novo exército. Por esta altura, os americanos rejeitavam a ideia de um exército numeroso e profissional, preferindo milícias ao nível dos estados, com o pressuposto que a profissão militar não requeria educação específica. Esta abordagem manteve-se inalterada até ao período da Guerra Civil (1861-1865), apesar da criação em 1802 da academia de West Point, enquanto escola de engenharia para oficiais, onde a influência do teorizador Antoine Jomini era evidente. O modelo de formação, ao contrário do alemão, era baseado na memorização e não incentivava a procura de novos conhecimentos de natureza militar, tais como o planeamento de operações, o trabalho de estado-maior nem tão pouco a criação de doutrina comum.

Com a Guerra Civil americana surgiram os combates em grande escala envolvendo os exércitos do Norte e do Sul, sendo considerada a primeira guerra a combinar a doutrina napoleónica com as inovações resultantes da Revolução Industrial. Prevalcia a arte e o engenho ocasional, o amadorismo e o improviso eram a regra. Nas duas décadas seguintes assistiu-se a uma redução do exército até cerca de 30.000 militares, fundamentalmente encarregues da fiscalização e do policiamento do Oeste e da subjugação das tribos nativas.

No início do século XX, com o Presidente Theodore Roosevelt, foram encetadas algumas reformas, nomeadamente ao nível do ensino, com a criação do Fort Leavenworth General Service and Staff College e do Army War College em Washington DC, para formar os oficiais de estado-maior, habilitando-os em matérias como as relações internacionais, a economia e a gestão, procurando, porém, um sistema de controlo

centralizado à semelhança dos modelos de gestão empresarial.

Entre as duas grandes guerras, o exército americano remeteu-se ao conservadorismo e aos oficiais eram dadas tarefas de gestão, tais como a mobilização, a organização e assuntos logísticos, até que, quando entram formalmente na guerra em 1941, reconhecem que o modelo alemão de comando-missão tinha vantagens em relação ao seu. Após uma análise apressada sobre o tema, começam a produzir manuais doutrinários baseados em processos de gestão empresariais baseados em dados estatísticos. A confiança na superioridade dos recursos e no poder de fogo perdurou durante décadas, tendo tido o seu apogeu na guerra do Vietname, com os resultados sobejamente conhecidos de falta de criatividade e flexibilidade tática e recorrentes problemas de liderança, apesar de uma gestão eficiente dos recursos.

Relativamente ao exército britânico, este foi relegado frequentemente para um plano secundário em relação ao poder marítimo, uma vez que a Grã-Bretanha sempre se afirmou enquanto potência talassocrática por excelência. No entanto, a atuação do exército foi fundamental nos longínquos teatros de operações do império colonial britânico.

Dos diversos líderes britânicos, o autor destaca o duque de Wellington pela forma como exercia a sua ação de comando, baseada na confiança mútua e na motivação resultante do sistema regimental instituído, que atravessava gerações e fomentava a intimidade e a familiaridade entre as fileiras. No entanto, a norma entre o corpo de oficiais, quase exclusivamente associados à aristocracia, era a disciplina férrea e a ausência de inovação intelectual.

Em função das experiências coloniais e apesar do conservadorismo vigente, o exército britânico revelou ser bastante eficaz nos conflitos que ocorreram até ao início do século XX, revelando uma adaptabilidade assinalável. Contudo, com o desenrolar da primeira grande guerra, o modelo instituído era altamente centralizado, donde resultavam ordens demasiadamente detalhadas.

Na II GM assistiu-se a uma alteração na abordagem ao emprego das forças militares, privilegiando a manobra e a iniciativa, requerendo para tal uma alteração aos procedimentos de comando, tornando-os menos rígidos e mais simples. O General Montgomery, enquanto referência incontornável da liderança britânica, manteve o modelo detalhado de difusão de ordens deixando muito pouca iniciativa aos seus subordinados. No entanto, teve a percepção e a habilidade de ajustar os seus planos de acordo



com o evoluir da situação, demonstrando uma flexibilidade consentânea com os princípios do comando-missão. O pós-guerra não teve os desenvolvimentos que se anteviam na adaptação do modelo alemão, pelo menos no imediato.

Este capítulo termina com a análise das IDF, que tentaram adotar a doutrina da escola alemã da forma mais fidedigna, apesar de não ter sido introduzida formalmente e de forma sustentada. A liderança pelo exemplo era a norma, as operações eram alvo de um planeamento minucioso e as acções táticas coordenadas de acordo com a intenção do comandante, procurando manobrar para atacar as vulnerabilidades do opositor.

Com a estabilização das fronteiras, as chefias militares israelitas não consideraram importante estender a profissionalização das suas fileiras, nem o investimento na formação e no ensino dos seus militares. Contudo, nas décadas de 60 e 70 do século passado, o General Yitzhak Rabin identificou o problema e reformou a doutrina e o treino, uniformizando a terminologia militar, requisito essencial do comando-missão. Com o passar do tempo e a adoção de uma postura estratégica mais defensiva com relevo para a superioridade tecnológica, levou a que a proficiência inicialmente demonstrada pelas IDF estagnasse e o comando-missão praticamente abandonado.

No capítulo terceiro, *Transforming Command*, o autor aborda o processo que conduziu à adaptação do comando-missão pelos três exércitos, identificando o contexto e as circunstâncias que conduziram à sua incorporação no corpo doutrinário de cada um.

No exército norte-americano, o fim da guerra do Vietname e o advento do palco europeu para fazer face à superioridade quantitativa da ameaça soviética, ditou a necessidade da mudança doutrinária, levada a cabo nos anos 70 e 80. Logo em 1971 foi criado um órgão conjunto para o treino e doutrina (TRADOC), que, com o General William DePuy na chefia, levou à publicação em 1976 do FM 100-5 Operations. No entanto, apesar de ser notória a tentativa de aproximação ao conceito germânico, assentava ainda em pressupostos atricionistas, nomeadamente o conceito de “active defense”, com relevo ao poder de fogo e ao domínio físico, em detrimento da manobra e do domínio psicológico da guerra. Este manual foi alvo de debate e contestação, inclusive por teorizadores como William S. Lind que defendia os conceitos da guerra da manobra e princípios como a iniciativa, profundidade, agilidade e sincronização. A revisão deste manual em 1982 e posteriormente em 1986, levada a cabo pelo novo chefe do TRADOC

General Don Starry, introduziu conceitos novos, como o “airland battle” e a arte operacional, constituindo um marco na adaptação do comando-missão, ainda que formalmente só apareça no léxico militar em 1995 com o Army Doctrine Publication – Command.

No caso britânico, o processo reformista doutrinário está associado quase exclusivamente ao Field Marshal Sir Nigel Bagnall, que tinha a convicção que só uma doutrina manoverista poderia parar uma invasão soviética na Europa. Enquanto comandante do 1º Corpo Britânico na Alemanha em 1981, estabeleceu um grupo informal de discussão, o comitê de doutrina tática (TDC), cujo pensamento influenciou toda uma geração de oficiais britânicos. Apesar de ter havido alguma relutância na implementação do conceito de comando-missão, a própria semântica foi alvo de diversas interpretações, tendo o termo original sido traduzido por controlo direto por autores consagrados como Simpkin, os seus princípios passaram a fazer parte do ensino militar, nomeadamente com a criação em 1987 do Command and Staff Course e da publicação doutrinária de 1989 – *Design for Military Operations*. A adaptação britânica difere da americana fundamentalmente por privilegiar a interoperabilidade e iniciativa aos mais baixos escalões, em detrimento da dependência quase total na tecnologia, no apoio aéreo e no conceito de “deep penetration” defendido pelos norte-americanos.

Nas IDF, a 1ª Guerra do Líbano em 1982 e a Intifada palestina (1987-93) serviram de catalisador para a reflexão que se seguiu, uma vez que as IDF foram associadas a falta de profissionalismo e a um sistema de comando demasiado rígido. Neste caso, todo o processo de adaptação do conceito de comando-missão está associado a uma personalidade, o Coronel Haman Shai. Este oficial de transmissões na reserva fez parte de um grupo de trabalho em 1982, para desenvolver um sistema tecnológico para um modelo de comando e controlo que pudesse colmatar as deficiências identificadas nas recentes experiências das IDF. Nesta sequência, a investigação decorreu para um conceito mais abrangente, indo ao encontro do comando-missão, assente em quatro pilares: a doutrina teria que ser mais flexível, baseada em princípios e não em regras; os procedimentos de comando e controlo deveriam dar latitude suficiente para a criatividade e iniciativa dos subordinados; o EM deveria ser organizado segundo o modelo alemão, privilegiando a rapidez no processamento da informação para uma compreensão integrada da



situação; e por último, destacar o papel do comandante em todo o processo. Segundo Shai, tais princípios deveriam ser progressivamente assimilados através da educação militar e do treino das forças.

Após análise de intervenções mais recentes e, como tal, posteriores à adoção do conceito de comando-missão pelos três exércitos em estudo, o autor conclui que, no caso israelita e britânico foram parcialmente bem-sucedidas, e que no caso americano subsistem algumas lacunas, apesar da persistente tentativa de o fazer, colidindo, no entanto, com a sua cultura pelo “check list” e pela “micromanager”.

Em Israel, o modelo baseado na superioridade tecnológica e na doutrina da superioridade aérea como panaceia para a resolução de conflitos revelou-se um fracasso, como a 2ª Guerra do Líbano assim o demonstrou. O exército britânico, por outro lado, perdeu parte da sua reconhecida agilidade e flexibilidade tática, adotando EM demasiado rígidos e inflacionados, à semelhança dos americanos.

Numa análise final, o autor conclui que apesar do conceito de comando-missão ter sido adotado através do ensino, do treino e da doutrina, os americanos, britânicos e israelitas provaram ser incapazes de fugir às suas fortes tradições de comando. Aliás, as IDF foram consideradas como as que originalmente utilizaram o comando-missão quase na perfeição e nos dias que correm têm sido incapazes de recuperar essa experiência.

No quarto capítulo o autor apresenta as suas conclusões, reiterando que os três exércitos em análise tiveram a clara perceção que o conceito de comando-missão funciona como um multiplicador do potencial de combate. As suas diferentes adaptações resultaram de distintas condições socioeconómicas e contextos estratégico, cultural e histórico também eles diferenciados. No entanto, os três casos evidenciam a necessidade de alterações culturais profundas e a aversão que as grandes instituições têm à mudança organizacional. Refere o autor que é mais fácil aprender a resistir à mudança, do que encorajar a mesma.

No caso norte-americano prevalece o sentimento histórico de que a superioridade dos recursos, da tecnologia e conseqüentemente do poder de fogo, são o fator decisivo para o sucesso. De facto, o dilema na atual conflitualidade consiste em encontrar o equilíbrio adequado entre o perigo da exposição mediática dos efeitos indesejados (com o pretexto de ser mais provável de acontecer num modelo de comando descentralizado) e o controlo centralizado das operações assente no conforto da superioridade tecnológica.

Nas IDF, as condições geoestratégicas similares às da Prússia nos finais do século XIX (na génese do conceito de comando-missão) favoreceram a sua implementação, como se reconhece no sucesso das campanhas de 1956, 67 e 73. Naqueles conflitos, os subordinados foram encorajados a ter iniciativa, serem criativos e assumir riscos com a cobertura da cadeia de comando. No entanto, não foi um processo sistematizado pela doutrina e pelo ensino militar, mas uma inevitabilidade ditada pela sobrevivência e concretizada pela experiência de líderes militares hábeis. De tal forma que, na discussão e análise da 2ª Guerra do Líbano onde foi evidente a descontinuidade deste pensamento, agravada pela integração de teorias como o planeamento baseado em efeitos, alguns autores defenderam efusivamente a necessidade do regresso às origens, bem patenteada em 2009 no livro “Back to Basics” do TCor Farquhar.

Para os britânicos, as variações ao comando-missão foram fruto do seu secular sistema regimental, da experiência colonial e na Irlanda do Norte, e do relevo do poder marítimo em detrimento do terrestre, apesar da ameaça soviética no palco continental europeu durante o período da guerra fria. Assim, é de certa forma consensual afirmar que o seu conceito de comando-missão é mais adequado para conflitos de baixa intensidade e de contra-subversão, do que para a guerra da manobra em operações de grande envergadura.

#### **Pontos fortes e fracos**

O livro apresenta-se bem estruturado, consistente na argumentação, abordando o tema de uma forma lógica, tendo sido fundamental a apresentação inicial do modelo alemão para o leitor enquadrar todo o estudo posterior.

Os pontos fortes da obra são evidenciados pela pertinência e atualidade do tema, pela estruturação da obra com recurso a exemplos históricos, incluindo os mais contemporâneos, e pela objetividade demonstrada apesar do envolvimento do autor num dos casos em análise. A linguagem utilizada é de fácil compreensão e o autor não se dispersa do foco da sua investigação, apresentando argumentos de outros autores consagrados.

Como pontos fracos aponta-se o facto de por vezes ser um pouco repetitivo nos conceitos e na argumentação. Por outro lado, na análise efetuada às diferentes campanhas militares para sustentar modelos de liderança e de comando, poderia ter aprofundado o enquadramento estratégico-militar dos respetivos países.

**Maj Inf Paulo Roxo**

*Adj G3/BrigInt*

*roxo.pcp@mail.exercito.pt*



## A BRIGINT NA NATO RESPONSE FORCE 2014



### Antecedentes

A apresentação do conceito de *NATO Response Force* (NRF) foi efetuada pelos Estados Unidos da América no verão de 2002 ao Conselho do Atlântico Norte (NAC).

Esta ideia inovadora, que surpreendeu os restantes países membros, tornou-se rapidamente a prioridade da *NATO Force Structure* que, por via disso, ganhou uma nova credibilidade junto do Pentágono. Em Novembro do mesmo ano, na Cimeira de Praga, a ideia foi aprovada pelos chefes de estado e, seis meses depois, o NAC definiu o respetivo conceito militar.

### Conceito Militar

O conceito militar da NRF foi aprovado pelo NAC em abril de 2003. Seguiu-se a execução do Plano de Implementação até novembro de 2006, data em que foi declarada a Final Operational Capability (FOC), na Cimeira de Riga.

A NRF é uma Força conjunta (e combinada) constituída entre 25 a 30.000 militares, com a capacidade de ser projetada com um pré-aviso de 5 a 30 dias e que será organizada de acordo com a missão, garantindo contudo, a capacidade de, como *Initial Entry Force*, participar em operações de alta intensidade com autonomia logística de trinta dias. A estrutura da NRF fica baseada em três pilares:

- Operational Command and Control* – Elemento de Comando e Controlo garantidos por um *Joint Force Command* (JFC) e um *Joint Force Headquarters* (JFHQ) garantido pela *NATO Command Structure* (NCS);
- Immediate Response Forces* (IRF) – Forças e meios com elevada prontidão, com um período de aprontamento nacional (*National Preparation Phase*) de 6 a 12 meses, um período de aprontamento multinacional (*NRF Preparation Phase*) de 6 meses e um período de *stand-by* de 12 meses, com possíveis empenhamentos em múltiplos exercícios e ações de treino nos períodos de aprontamento internacional e de *stand-by*. Estas Forças mantêm-se em elevada

prontidão (5-30 dias) e com capacidade de auto-sustentação de 30 dias;

### c. *Response Forces Pool* (RFP):

(1) *RFP Designated*: Forças e meios adicionais, que à data do NTM completaram o processo de certificação encontrando-se disponíveis para entrarem em operações;

(2) *RFP Earmarked*: Forças e meios adicionais, que à data do NTM encontram-se com os ACO *Force Standards* concluídos, encontrando-se disponíveis para iniciarem o processo de certificação NATO.

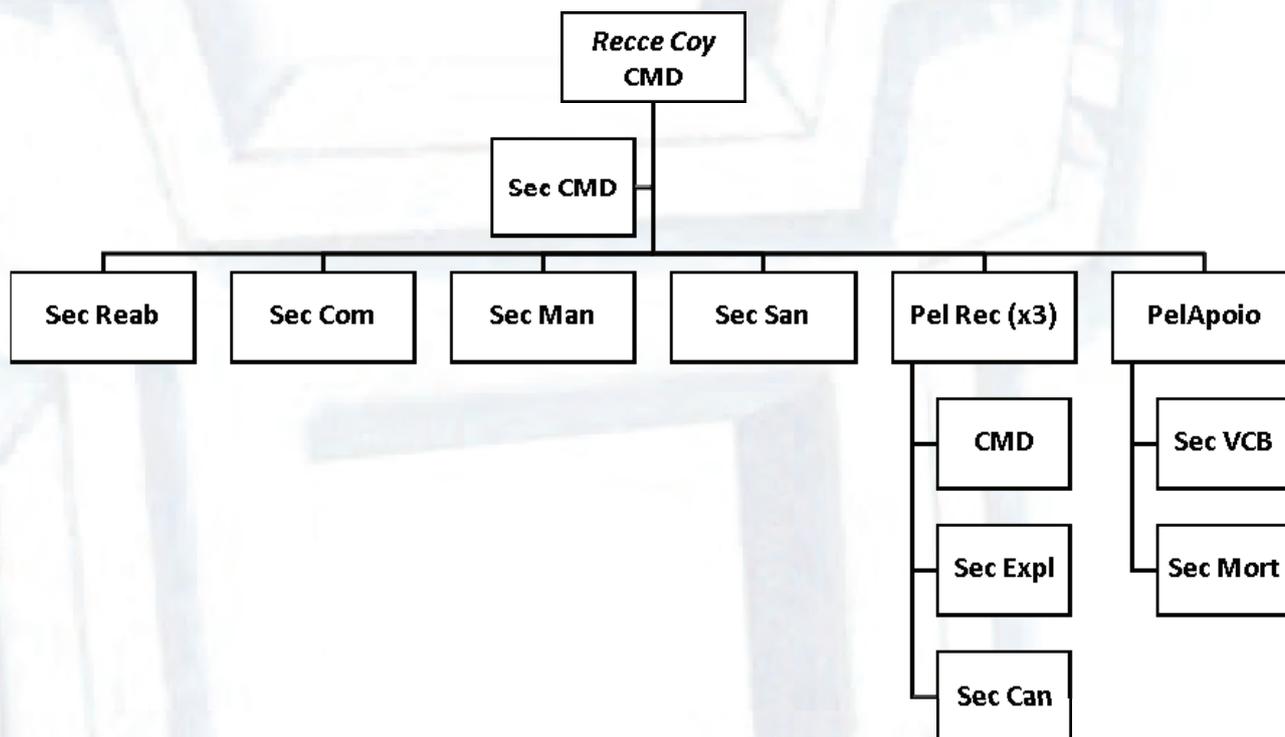
Para cada operação é gerada uma força a partir do conjunto das unidades constituintes da NRF, sendo que o seu núcleo será oriundo da componente IRF. As RFP – *Designated* constituir-se-ão como as forças imediatas de reserva das IRF, razão porque deverão ter um grau de prontidão adequado em sintonia com a da componente IRF.

A NRF foi empenhada por duas vezes (e únicas até ao momento), ambas em 2005, em operações de ajuda humanitária, sendo a primeira por ocasião do furacão Katrina e a segunda no apoio às vítimas do sismo no Paquistão.

### A participação portuguesa na NRF 2014

Recentemente, foi assumido por Portugal perante o Supreme Headquarters Allied Powers Europe (SHAPE), o compromisso de oferecer forças dos três Ramos à IRF da NRF 2014, sendo que, pela Marinha será disponibilizado uma Fragata e aproximadamente 200 militares, pela Força Aérea 6 F-16 e cerca de 140 militares e para o Exército, um





Esquadrão de Reconhecimento ou uma Reconnaissance Coy (Recce Coy), com 140

**Figura 1 – Organização da Recce Coy**

militares. Durante o ano de 2013, a IRF/NRF 2014 efetua o seu aprontamento, sendo o 1º semestre reservado para a *National Preparation Phase* e o 2º para a *NRF Preparation Phase*, entrando em *Stand-By* durante o ano de 2014.

O Exército decidiu participar na NRF 2014 com uma Recce Coy, apoiada no Esquadrão de Reconhecimento da BrigInt e com uma Estrutura Operacional de Pessoal com 142 militares, organizada de acordo com a figura abaixo apresentada.

A Recce Coy encontra-se integrada no Land Component Command (LCC), através de uma Brigada afiliada ao *Rapid Reaction Corps – France* (RRC-FR), sediado em Lille na dependência direta do *Joint Force Command BRUNSSUM* (JFCBS).

Para a NRF 2014, estão reservadas algumas tarefas passíveis de serem realizadas: *Peace Support Operations*, *Collective Defense* e *Disaster Relief*.

Para o desempenho destas tarefas, a Recce Coy deverá ter presente os seguintes requisitos: Grau de Prontidão: *High Readiness Force* (HRF),

CAT 03, (7 dias Notice to Move (NTM)); pessoal com um efetivo nunca abaixo dos 90% e equipamento, no mínimo a 90%; Deverá ser autossustentável por um período Inicial de 30 dias apoiada por um *National Support Element*.

De forma a dar resposta à Missão destinada à Recce Coy/NRF2014, estão-se a ultrapassar diversas etapas, quer na área da formação, quer no Treino Operacional, ou ainda no plano administrativo-logístico. Tem-se procurado realizar o Treino Operacional em ambiente de elevada exigência física e rusticidade, criando automatismos e desenvolvendo o espírito de corpo. Para o efeito, para além do treino operacional aos diversos escalões, a começar na TIC, foram e vão ser realizados exercícios para validar a formação e treino, testando os conhecimentos adquiridos, quer individuais, quer coletivos, pretendendo com isto, atingir-se os objetivos do Treino Operacional, garantindo que todos os militares possuem os conhecimentos adequados ao seu cargo, podendo assim executar corretamente todas as tarefas inerentes ao mesmo.

**Cmd/Erec/NRF 2014**  
rc6.erec@mail.exercito



## O SISTEMA VBR PANDUR II E A MODERNIZAÇÃO DO EXÉRCITO



*“Sempre que em futuras guerras a batalha ocorrer, as tropas blindadas irão desempenhar o papel principal”*

**Heinz Guderian**

### 1. Introdução

Quando, há cerca de uma década, o Exército iniciou o programa de implementação do Sistema VBR PANDUR II 8x8, estávamos perante o maior e mais ambicioso projeto de modernização do sistema de armas da componente terrestre das nossas Forças Armadas. Assente numa conceção abrangente e numa plataforma blindada de rodas 8x8, o projeto PANDUR apresentava-se como a adesão definitiva do Exército à era digital, colocando-o a par dos mais modernos sistemas de armas dos exércitos congéneres.

Não se pretende com este pequeno texto fazer uma avaliação acerca da implementação deste projeto. Pretendemos apenas, e enquanto utilizadores deste sistema de armas, tecer algumas considerações sobre alguns aspetos que nos parecem constituir algumas das mais valias da introdução da VBR PANDUR no cenário dos meios de combate do Exército.

### 2. O salto tecnológico

A existência de viaturas blindadas no sistema de forças do Exército é uma realidade com a qual convivemos há várias gerações. No entanto, e depois do esforço nas “velhas” Chaimite, a prioridade passou para a obtenção de plataformas mecanizadas, com base na plataforma da família M113, que equipam atualmente as forças da Brigada Mecanizada.

Assiste-se, ainda hoje, a uma tendência para comparar os dois sistemas de armas. Embora legítima, esta discussão comparativa entre um sistema de lagartas com um sustentado em rodas, peca por estabelecer uma comparação com base nomenclatura diferente, por confrontar duas tipologias de forças distintas, com valências próprias e com uma base tecnológica que dista na sua conceção quase meio século. As forças de lagartas caracterizam-se por ser mais “musculadas” com maior poder de

choque, e, essas VBTP devem coexistir no campo de batalha com outros sistemas de lagartas - os carros de combate (CC). As forças de rodas sustentam a sua existência num combate mais flexível e dinâmico, associado a uma mobilidade superior, podendo ser também empregues com plataformas de maior poder de fogo (CC ou Autometralhadoras, ex.).

De uma forma simplista e estabelecendo uma comparação técnica entre as duas viaturas blindadas base (M113 e PANDUR II ICV 8x8), considerando-se a tabela comparativa de dados técnicos que apresenta seguidamente, assim como alguns órgãos e equipamentos que complementam a estrutura de cada uma, verifica-se que a plataforma PANDUR representa acima de tudo um salto tecnológico que ultrapassa a simples lógica dos dados técnicos. Para materializar esta constatação bastará basear a comparação em apenas quatro dos factores essenciais para o combate moderno: o poder de fogo, a protecção, a mobilidade e a integração digital.

Avaliando o **poder de fogo** destas duas plataformas blindadas, estas baseiam-se na Metralhadora Pesada Browning 12.7mm, operada através dum berço por um apontador, que em ambos os casos se encontra desprovido de torre de **protecção** blindada. Neste parâmetro as diferenças são irrelevantes, mesmo com um hiato de 50 anos de conceção.

No que concerne à protecção, ressalta um elemento fulcral, a blindagem. Esta é superior na VBR PANDUR II, em grande parte devido à existência das placas de cerâmica “ADD-ON”, mas também à capacidade anti-mina que o casco dispõe, e que lhe permite protecção contra tiro tenso até 14,5mm, contra estilhaços de granadas de 155mm a 25 metros e o rebentamento de minas AC até 8kg. Este incremento na protecção revela-se fundamental face a ameaças que utilizam meios cada vez mais precisos e não convencionais, como sejam as armas sniper e os EOD. Ainda dentro da protecção, devemos considerar ainda a mais valia dos sistemas de detecção de ameaça (Threat Detection System-TDS) vocacionado para detectar aquisição de alvos por parte dos meios laser anti-carro inimigos, que a PANDUR II possui, bem como o “Thermal Identification Beacon” (TIB), que, permite em ambiente de visibilidade reduzida a identificação das nossas forças, reduzindo desta forma a possibilidade de fratricídio. No que diz respeito à protecção nuclear biológica e química (NBQ), o M113 possui o estojo M14 que lhe permite operar em ambiente biológico e químico. A PANDUR tem também essa capacidade devido à utilização de um Filtro NBQ colocado no sistema de



Características	M113	PANDUR II
Motor	Diesel/2tempos/210 cv	Turbo Diesel/ 4 tempos/ 455 cv
Velocidade máxima	64km/h	110km/h
Consumos Depósito /Autonomia	80L aos 100km 360 L / 450Km	60L/100km (E); 100L/100 (TT) 377 L / 560 km
Sistema eléctrico	2 baterias de 12v	2x12v (motor) + 2x12v(equipamentos)
Peso	9 ton	18,5 ton
Blindagem	Tiro tenso até 7,62mm / estilhaços de granadas de morteiro	Tiro tenso até 14,5mm / estilhaços de granadas de 155mm a 25metros / mina AC até 8kg
Passagem de trincheira	1,67 metros	2,2 metros
Obstáculos verticais	60 cm	60cm
Declive subida (máximo)	60%	70%
Inclinação lateral	30%	40%
Capacidade anfíbia	SIM	NÃO
Guarnição (EsqViat+EsqManobra)	2+11	2+8

ventilação da viatura. Podemos ainda associar a este factor de protecção, a existência de lançadores de potes de fumos na PANDUR, que pode proporcionar o lançamento de cortinas de fumo para poder mascarar o seu movimento.

Acima de tudo a PANDUR integra um conjunto de novos sistemas tecnologicamente mais avançados que permitem incrementar a sua protecção de forma directa e indirecta e que se adequa de forma mais eficaz aos desafios e riscos da nova conflitualidade.

Entrando no factor mais associado a qualquer viatura, devemos comparar a **mobilidade** destes dois sistemas. Verificando os dados técnicos na tabela comparativa, e embora se esteja a comparar um sistema de lagartas com um de rodas, podemos retirar que, face às possíveis condições do terreno, as diferenças nas capacidades de cada uma destas viaturas não é muito desequilibrada, embora com ligeira vantagem para a PANDUR. Contudo, a autonomia e a velocidade podem ser influenciadores decisivos na capacidade de resposta e prontidão de uma força, e, neste capítulo a PANDUR têm vantagem. No entanto, não deveremos basear-nos apenas na capacidade mecânica das viaturas para poder estabelecer uma conclusão dentro deste factor. Neste âmbito podemos trazer à superfície características como a ergonomia ou o conforto para a tripulação, com grande vantagem para a PANDUR, mas também outras particularidades, tais como as capacidades de operação em ambiente de visibilidade reduzida, que são combatidas pelo M113 ao utilizar o periscópio M19 que opera apenas na banda do infra-vermelho, utilizando para isso um farol acoplado ao casco dianteiro, e, por parte da

PANDUR ao utilizar um aparelho de visão nocturna (THEON NX-199) que se constitui como um intensificador de luz, não necessitando de farol para complementar o sistema. A existência de componentes na PANDUR como, o guincho (com motor independente e força de 96Kn), bem como dois sistemas eléctricos independentes, que em caso de emergência são conectados para arranque do motor, trazem uma clara mais valia a esta viatura, face ao M113 no que respeita ao factor mobilidade.

Contudo, o M113 face ao seu tamanho e ângulo de viragem (7m) mantém algumas vantagens relativamente à PANDUR que, em relação ao comprimento, tem quase o dobro e que face ao ângulo de viragem os valores são também superiores (15m). Outra característica que pesa positivamente para o lado do M113 é a sua capacidade anfíbia, que lhe permite ultrapassar cursos de água com corrente fraca e com ondulação inferior a 30 cm, factor este, inexistente na PANDUR II que só consegue ultrapassar um curso de água até 1metro de altura. No entanto e face aos cenários previsíveis de emprego, a flexibilidade da PANDUR que lhe é garantida pelo seu sistema de rodas representa uma clara vantagem para este sistema.

É, no entanto, no capítulo da **Integração Digital**, onde assistimos ao salto qualitativo mais evidente entre as duas plataformas. Em relação aos meios de comunicação, ambas as viaturas contemplam sistemas de intercomunicação entre a guarnição e meios TSF para comunicarem com a cadeia de comando. Contudo a capacidade dos meios são muito mais completos no sistema PANDUR devido à existência de um sistema de comunicações



apoiado num rádio moderno e com funções bastantes variadas (E/R 525). Este permite funções de tal forma múltiplas e inovadoras (ex: salto de frequência, envio de mensagens e de dados fotográficos), que num campo de batalha moderno e de constante alteração, permite até aos mais baixos escalões aceder a toda uma panóplia de dados. Mas ainda neste capítulo e relacionado com a capacidade de comando e controlo, as viaturas PANDUR possuem um sistema de GPS integrado que com a inclusão num sistema de comando e controlo, permite ao comando da força dirigir e mais rapidamente esclarecer a situação do dispositivo de forças que garante a obtenção e partilha, em permanência, de uma imagem operacional comum entre todas as viaturas presentes numa determinada operação.

A PANDUR enquadra assim o conceito do sistema de armas integrado numa era digital que, pode proporcionar aos mais baixos escalões uma interligação alargada (Wide) com todas as Funções de Combate, aliado ao incremento das suas capacidades de mobilidade e proteção, que lhe garante enormes possibilidades e acima de tudo lhe permite uma grande flexibilidade de emprego, apoiada numa rede estradal cada vez mais densa, dando assim as respostas mais adequadas face aos desafios do complexo e fluido ambiente operacional atual. Assim, muito mais que uma viatura de transporte de pessoal que permite, com grande mobilidade e proteção a aproximação aos focos de ameaça, a PANDUR é acima de tudo um sistema que permite visualizar, integrar e atuar no campo de batalha, conjugando o fator humano, com a sua esquadra de manobra e as enormes capacidades da viatura, que funcionam como um claro multiplicador das capacidades da Secção.

### **3. A utilização operacional – uma primeira avaliação**

Feita a integração deste sistema de armas no sistema de forças nacional, nomeadamente nos Batalhões de Infantaria da Brigada de Intervenção, uma primeira avaliação pode ser feita após o seu emprego num conjunto de tarefas enquadradas no treino operacional.



A primeira consideração que se pode fazer resulta da observação de uma rotura de mentalidades. O sistema PANDUR, com toda a componente tecnológica que lhe está associada, provocou a rotura com a abordagem que era feita aos equipamentos militares, considerados normalmente muito pouco complexos e em que as competências necessárias para os operar eram essencialmente de cariz mecânico e manual. Hoje as competências necessárias para tirar rendimento da plataforma PANDUR obrigam ao apelo de outro nível de competências e formação técnica e à adoção de uma mentalidade apoiada na tecnologia, com todas as vantagens a ela associadas. É com satisfação que verificamos a adesão dos nossos militares a esta nova mentalidade.

Associada a esta alteração de mentalidade está uma outra componente fundamental para o bom desempenho das organizações - a motivação. A adoção deste novo sistema de armas, com o enorme desafio que representa, tem funcionado como um elemento motivador dos militares a ele associado e como tal potenciador do produto operacional gerado, sendo ao mesmo tempo um fator agregador e de coesão da força.

Mas a grande mais valia que parece resultar deste sistema de armas está intimamente ligada ao incremento das suas possibilidades operacionais e à forma como estas se adaptam ao ambiente operacional moderno. A grande flexibilidade operacional resultante das suas características técnicas foi já amplamente testada, com resultados excelentes, num conjunto de exercícios dos encargos operacionais, de que se destaca o aprontamento do BattleGroup da EU e da Unidade de CRC recentemente concluído e os diversos exercícios da série Júpiter. A sua adequação às diversas tarefas relacionadas com o combate convencional, a versatilidade para o emprego nas



múltiplas tarefas das operações de apoio à paz, cada vez mais complexas e mesmo a sua resposta a novos desafios como seja a utilização nas operações de controlo de tumultos, mostram que a plataforma PANDUR tem o potencial necessário para responder de forma adequada às necessidades do emprego operacional que se estabelece como nível de ambição do sistema de forças do Exército.

Naturalmente que os resultados são ainda os possíveis consequência de um processo de fornecimento dos meios que tem sido caracterizado por alguma instabilidade. O fato de não se ter implementado o projeto na sua amplitude, com a descontinuidade das viaturas relacionadas com o apoio de combate, por exemplo, retira alguma coerência ao sistema que deverá ser baseado numa lógica organizacional modular e que levanta alguns problemas a resolver no futuro.

Esta situação, associada a alguns problemas relacionados com a manutenção têm criado uma imagem de vulnerabilidade e de foco de problemas neste sistema PANDUR. Com a experiência acumulada não concordamos com esta imagem. Naturalmente que alguns problemas existem e resultam essencialmente da implementação de um projeto inovador para o Exército e apoiado num protótipo. Estamos convencidos que à medida que o processo de lições aprendidas vai sendo implementado e o conhecimento da plataforma vai aumentando, estes problemas vão sendo dirimidos e reduzidos. A verificação prática tem-nos mostrado que à medida que aumenta o tempo de prática dos operadores com a plataforma e se privilegia uma colaboração estreita entre os diversos escalões de manutenção, as anomalias e avarias verificadas se reduzem consideravelmente. A utilização da PANDUR em ações de treino operacional de forma continuada é fundamental para a implementação deste processo, tal como é importante continuar a verter as boas práticas num conjunto de TTP's permanentes.

Mais crítico parece ser o desenvolvimento integral das capacidades resultantes da integração do sistema de Comunicações e Sistemas de

Informação (CSI). Estas estão ainda aquém das possibilidades que as plataformas permitem, pois o processo de incorporação dos meios de CSI tem sido lento e apenas com integrações e colaborações pontuais entre todos os atores relevantes neste processo. E o resultado do desenvolvimento integral destas capacidades é claramente a linha que separa uma viatura de transporte de pessoal dum sistema de combate integrado e em linha com a era digital.

#### 4. Considerações finais

A incorporação do sistema PANDUR no sistema de forças do Exército tem representado uma clara mais valia. Atrevemo-nos inclusivamente a afirmar que se tem constituído como a grande alavanca para a sua modernização e adaptação aos novos desafios tecnológicos das operações militares.

Para além do grande desenvolvimento que a plataforma PANDUR representa em termos de capacidades operacionais, de que se destaca a mobilidade, a proteção, a flexibilidade de emprego e a integração digital, este projeto está também a funcionar como um motor na transformação de mentalidades e enquanto elemento motivador e agregador.

Apesar das vicissitudes relacionadas com a sua implementação, o sistema tem provado ser um claro salto em frente nas capacidades operacionais do Exército. O esforço de agilização dos procedimentos de manutenção, a continuação do desenvolvimento das capacidades do sistema CIS e a integração das lições aprendidas, que têm resultado da sua permanente utilização no treino operacional, garantirão que a PANDUR, para além de uma viatura de combate de infantaria seja sobretudo um sistema de combate integrado e a imagem de um Exército moderno.

**TCor Inf António José Oliveira**

*Cmdt 1ºBI/BrigInt*

*oliveira.ajf@mail.exercito.pt*

**Ten Inf Daniel Gomes**

*Cmdt 1CAT/1BI/BrigInt*

*gomes.dfc@mail.exercito.pt*





## SEMINÁRIO CRC



Em 16 de Janeiro de 2013, a Brigada de Intervenção (BrigInt) planeou e conduziu um seminário, subordinado à temática das Operações de Controlo de Tumultos, procurando dar um contributo para a operacionalização da Diretiva N° 217/CEME/12, a qual estabelece o levantamento de uma unidade de escalão companhia (UEC), por Brigada, com capacidade de controlo de tumultos.

Com esta iniciativa pretendeu-se aproveitar as mais-valias resultantes do “know-how” adquirido pela BrigInt no aprontamento do Battle Group da União Europeia, bem como, durante o emprego do GAM/KTM/KFOR e do 1BI/KTM/KFOR, no teatro de operações (TO) do Kosovo, de que resultou uma inequívoca experiência operacional de controlo de tumultos, em ambiente operacional, que se revelou de significativa importância para este seminário, quer ao nível da partilha de conhecimentos, quer durante a discussão dirigida.

O referido seminário foi constituído por três painéis, visando:

- Abordar as experiências operacionais recentes no TO do Kosovo;
- Delinear linhas orientadoras e propostas para o desenvolvimento de um modelo de treino operacional, para uma UEC, com capacidade CRC (crowd and riot control);
- Apresentar contributos para uma possível organização, particularmente ao nível dos meios humanos e materiais, que uma unidade deste tipo deverá ter.

Neste evento, que contou com a presença do Excelentíssimo Comandante das Forças Terrestres, Tenente-General Carlos Jerónimo, durante a fase final de apresentação das conclusões e na cerimónia de encerramento, estiveram presentes representantes de diferentes Unidades, Estabelecimentos e Órgãos do Exército.

### **1º Painel – Experiência Operacional no TO do KOSOVO**

Neste painel foram apresentadas as experiências dos Comandantes do GAM/KFOR (25Set11 a 25Mar12) e do 1BI/KFOR, (26Mar12 a 26Set12) no Comando de uma Força Nacional Destacada (FND), no TO do Kosovo, nos aspetos considerados mais relevantes para a finalidade do seminário.

Para o efeito, as duas apresentações, de um modo geral, analisaram um conjunto diverso de assuntos, de que se destacaram o tipo e nível de ameaça, a organização, a missão e tarefas e o emprego operacional das respetivas FND, durante



a permanência no TO, numa perspetiva de identificar lacunas ou limitações que dificultaram o cumprimento da missão e contribuir com propostas para a edificação da capacidade que se pretendia levantar – a UEC, com capacidade de controlo de tumultos.

Durante a apresentação e debate a temática do CRC, foi analisada ao pormenor recorrendo à experiência e relatos operacionais dos dois Comandantes da KTM/TACRES/KFOR. Desta análise foi possível identificar os aspetos mais relevantes do primeiro painel, de que se destacam:

- A KTM continua a ser uma escola de vida e de quadros de excelência, pela experiência, meios disponibilizados, oportunidades de treino e de condução de operações reais em ambiente multinacional;
- A situação vivida no TO do Kosovo é única, fruto da instabilidade latente, da envolvente geográfica, étnica, política e social e, como tal, deve servir como exemplo pois é a única experiência real de CRC como parte de uma operação militar;
- Existem diversas áreas que podem e devem ser corrigidas de modo a garantir ao Comandante da FND e aos seus Militares cumprirem, sem limitações, as missões que lhe são atribuídas pelo Comando da KFOR, diminuindo as consequências físicas para os Militares Portugueses na missão;
- A importância dos relatórios de fim de missão e das Lições Identificadas apresentadas pelos Comandantes das FND, para a adaptação permanente da Força à situação do TO, de forma a garantir a proteção da mesma e a continuidade do êxito das operações sem baixas.

### **2º Painel – Preparação das FND e Modelo de Treino a Adotar**

Com este painel procurou-se encontrar contributos para a definição de um modelo de treino adequado à finalidade do seminário.

Para o efeito procurou trazer-se a experiência



do RL2 como Centro de Formação do Exército em CRC, assim como o modelo atualmente em vigor para ministrar a formação técnica de CRC, às diversas forças em aprontamento para se constituírem em FND, segundo a Diretiva 91/CEME/02 – Emprego de FND em Operações de Controlo da Ordem Pública.

Com outra intervenção procurou identificar-se um modelo que pudesse ser adaptado à finalidade pretendida – o levantamento de uma unidade de escalão companhia (UEC), com capacidade CRC, por Brigada – utilizando os modelos e referências doutrinárias enquadrantes, quer a nível nacional, quer ao nível da KFOR. Esta apresentação procurou ainda identificar as semelhanças entre os dois modelos referidos, que são mais do que as diferenças.

Como principais conclusões deste painel, considerou-se que o Modelo de Formação e Treino

Operacional a implementar requer:

- A existência de um corpo doutrinário enquadrante;
- Meios humanos e materiais adequados e organizados;
- Processo de formação e treino integrado e conduzido de forma sequencial e completo;
- Que neste modelo, o RL2 se constitua como EPR e Escola do Conhecimento CRC e garantir assim a Formação Inicial aos Graduados;
- Que o treino da Companhia deva ser faseado aos níveis pelotão e companhia e a validação do treino, fique a cargo do RL2;
- Que o treino permita a inclusão de valências que potenciam a capacidade da força como sejam as PsyOps, canhões de água, EOD, meios de engenharia, Combat Camera Team entre outras.

### **Painel 3 – Organizar uma Unidade CRC na BrigInt**

Neste painel procurou-se apresentar propostas genéricas das estruturas de pessoal e material, mais adequadas ao levantamento de uma UEC com capacidade CRC.

Para o efeito, os oradores deste painel tomaram como referência a FND no TO do Kosovo, de forma ter um padrão de comparação para a proposta a apresentar, tendo sido considerado que a realidade do Kosovo apresenta uma EOP e EOM insuficiente para fazer face a todas as solicitações que são feitas à FND. Uma UEC com capacidade CRC deverá dispor de efetivos em número superior e





poder utilizar outros meios e equipamentos conforme já referido anteriormente.

Deste painel destacam-se as seguintes conclusões:

- Há vantagens significativas em levantar e constituir esta capacidade, a partir de uma UEC, orgânica de uma UEB, do SFN, por garantir uma economia de meios humanos e materiais importantes, face aos recursos existentes;
- Os equipamentos, materiais e armamentos devem permitir o emprego progressivo dos meios, em termos de utilização da força, de forma proporcional ao adversário/ameaça;
- A Força deve possuir uma dotação de material de CRC para treino e uma segunda dotação para emprego operacional;
- O material da Companhia de CRC deve ser específico de cada unidade;
- Os recursos humanos, materiais para treino e operações não devem ser condicionados pelos recursos financeiros, pois estamos a tratar de situações em que a probabilidade de ocorrência de feridos, e mesmo o próprio risco de vida, é elevado.

No final desta atividade julga poder considerar-se que o seminário de Controlo de Tumultos, planeado e conduzido pela BrigInt, constituiu-se num importante fórum de discussão alargado, quer para a Brigada quer para os diversos representantes do Exército, que constituíram a audiência, ao longo de um dia que foi considerado positivo e profícuo, para a instituição que servimos.

Além da capacidade CRC foram analisadas as lições aprendidas/identificados (LA) pelos diversos oradores que integraram os três painéis, nas áreas da formação, treino e participação em FND.

Este Seminário abrangeu várias áreas de interesse e de experiências adquiridas que se



revelaram uma excelente forma de dinamizar discussões, troca de experiências e de conhecimentos no sentido de corresponder, de uma forma eficaz e eficiente, às determinações do Comando do Exército.

**TCor Cav Paulo Marques**  
Chefe G7/G9/BrigInt  
marques.pas@mail.exercito.pt





## A DIMENSÃO DE GÉNERO E OS PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DE PAZ



Antes de nos focarmos no tema central do presente artigo, torna-se necessário esclarecer que quando nos referimos à dimensão de género estamos a englobar a toda a sociedade – homens e mulheres – e as relações existentes entre os membros dessa sociedade. Pelo que, a problemática da promoção de género deve focar-se não apenas nas questões das mulheres, devendo antes envolver e preocupar-se com homens e mulheres. Em consequência deste facto, ao abordar-se a igualdade de género está a destacar-se, consequentemente, os direitos humanos, responsabilidades e oportunidades do ser humano, independentemente do sexo, e da necessidade de assegurar que esses interesses, necessidades e prioridades de homens e mulheres sejam tratados de igual forma. No mesmo sentido se pronuncia a ONU: “Gender roles are learned through socialization processes; they are not fixed but are changeable. Gender systems are institutionalized through education systems, political and economic systems, legislation, and culture and traditions. In utilizing a gender approach the focus is not on individual women and men but on the system which determines gender roles/responsibilities, access to and control over resources, and decision-making potentials.”(ONU, 2001).

Nas últimas décadas, a panóplia de iniciativas verificadas para trazer a dimensão de género para a agenda internacional, sobretudo para as questões relacionadas com os processos de paz e de instrumentos legais de proteção aos direitos humanos das mulheres, tem vindo a aumentar. Organizações governamentais e não-governamentais, atores internacionais, regionais e locais têm-se empenhado fortemente nesta tarefa, produzindo manuais, guidelines, treinos e outras iniciativas para alcançar os objetivos pretendidos – a igualdade de género e da participação de toda a sociedade, incluindo as mulheres, nos esforços de construção da paz.

O assunto entrou definitivamente para a agenda internacional através de documentos como a Declaração de Proteção das Mulheres em Emergências e nos Conflitos Armados (1974)<sup>(1)</sup>, a Convenção para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra as Mulheres (1979)<sup>(2)</sup>, a Declaração das Nações Unidas para a Eliminação

da Violência Contra as Mulheres (1993)<sup>(3)</sup>, ou a Resolução do Parlamento Europeu sobre as questões de género na resolução de conflitos e nos processos de construção de paz (2000).

Além destes, outros documentos também têm sido considerados para a compreensão, em diferentes momentos, sobre a relação existente entre o género e os Estudos da Paz, como as conferências do México (1975), de Copenhaga (1980) e de Nairobi (1985) que constituíram as iniciativas da ONU mais relevantes durante estas três décadas sobre esta temática. O princípio de Gender mainstreaming, definido em 1997 pelo Conselho Económico e Social das Nações Unidas (ECOSOC), constitui a estratégia que suporta o objetivo principal da igualdade de género no âmbito do desenvolvimento económico e social, através da integração de uma perspectiva de género. Isto é, através de um processo de avaliação das implicações quer em homens, quer em mulheres a todos os níveis (legislação, programas e políticas). Esta estratégia opera em duas dimensões distintas: por um lado, a integração das preocupações de igualdade de género nas políticas, programas e projetos; e por outro lado, as iniciativas que possibilitem a igualdade de género na participação ao nível do processo de tomada de decisão. Especificamente no domínio do *peacebuilding*, o princípio de *gender mainstreaming* consubstancia-se no alcance de um maior envolvimento e participação das mulheres, promovendo a igualdade de género como sendo um pré-requisito fundamental para alcançar a paz.

É neste contexto que a 31 de outubro de 2000, o Conselho de Segurança das Nações Unidas aprovou por unanimidade a Resolução 1325, na qual se reafirmou a importância da promoção da igualdade de género em todas as fases dos processos de construção da Paz e da promoção da segurança. Na verdade, esta resolução vem reconhecer os impactos específicos que os conflitos e as situações de insegurança têm sobre as vidas das mulheres, raparigas e meninas em todo o mundo, bem como dos esforços desenvolvidos para os combater e minimizar.

Com a Resolução 1325 criou-se uma base política internacional sustentadora da promoção e defesa da transversalidade da dimensão da igualdade de género na prevenção, gestão e resolução de conflitos armados, entendida no seu sentido mais lato e estrutural, com aplicação tanto



em países em conflito ou pós-conflito, como em países em paz, como é o caso de Portugal.

A Resolução 1325 coloca em evidência, de forma inequívoca, o papel da cidadania e da igualdade de género em todas as fases do processo de construção da paz, lançando uma nova perspetiva sobre as mulheres. Assim, as mulheres passaram a ser reconhecidas não apenas como vítimas que carecem de proteção, mas também e sobretudo como atores relevantes e capazes nestes processos, apelando, assim, a uma nova abordagem das políticas nesta matéria.

Entre outras questões relevantes relacionadas com a dimensão de género, a Resolução 1325 refere-se especificamente ao papel que as mulheres podem desempenhar nos processos de peacebuilding. Surgem então nesta Resolução do CSNU uma série de medidas com vista ao alcance dos objetivos mencionados. Nela podem ler-se, designadamente, medidas como a de solicitar ao Secretário-Geral, aos Estados-Membros e aos demais atores envolvidos nas negociações de paz, a inclusão da perspetiva de género nos acordos de paz e a garantia de aumento da representação das mulheres em todas as esferas da construção da paz; Expressa também a vontade do Conselho de Segurança de incorporar a perspetiva de género nas operações de paz, incentivando que os Estados se preocupem com a formação e a proteção das mulheres; e ainda é incentivado o respeito pelo direito internacional, bem como a adoção de medidas que impeçam a impunidade; por último, ainda realçada a necessidade de serem elaborados estudos e relatórios frequentemente que reflitam a realidade do impacto dos conflitos sobre as mulheres, bem como o papel destas na construção da paz.

Em simultâneo com a Resolução 1325 do CSNU, temos assistido ao trabalho de atores internacionais, como a UNIFEM e a UNFPA, que têm vindo a dar o seu apoio direto na implementação desta Resolução, orientando a comunidade internacional para a participação efetiva das mulheres em todos os processos de paz. O trabalho destas duas organizações tem-se centrado, essencialmente, na necessidade de apoiar as mulheres na participação nos processos de paz, nas negociações, promoção e inclusão da perspetiva de género nos acordos de paz, e bem assim, na efetiva implementação desses acordos. Têm-no feito através da publicação regular de

manuais e estudos como o "Women at the Peace Table: Making a Difference" (2000) – cujo enfoque é dado à análise da participação das mulheres nos processos de paz -, o "Getting It Right, Doing It Right: Gender and Disarmament, Demobilisation and Reintegration" – acerca da integração da perspetiva de género nos processos de Desarmamento, Desmobilização e Reintegração de combatentes; ou ainda, em 2004, "Women, Peace and Security: UNIFEM Supporting Implementation of Security Council Resolution 1325" - sobre o trabalho e empenho desta agência das Nações Unidas na implementação da resolução, que em muito têm auxiliado na resolução dos problemas existentes, assim como a apresentação de lições aprendidas, com vista à melhoria da sua implementação.

Também a União Europeia tem dado o seu contributo, nomeadamente, através de uma proposta que elaborou – "Comprehensive Approach to EU Implementation of UN Security Council Resolution 1325 and 1820 Women, Peace and Security", que veio a ser adotada pelo Conselho, em dezembro de 2008, na qual se propõe uma abordagem global. Ou seja, com esta abordagem, pretende-se intervir nas questões de género no âmbito da construção de paz através de três áreas chave: o diálogo político, a gestão de crises e a definição de estratégias específicas para proteger e dar poder às mulheres.

A dimensão de género tem vindo a assumir uma importância crescente, sendo porém uma realidade que o envolvimento ativo de mulheres no desempenho de cargos de decisão, nomeadamente de tomada de decisão no âmbito dos processos de construção de paz, constitui ainda uma franca minoria. Tal constatação, além de perpetuar a discriminação da igualdade de género, faz com que corramos o risco da exclusão desta dimensão nas diferentes esferas da vida política e pública de um país, nomeadamente em países que se encontram em processos de (re)construção da paz.

Como tal, é então necessário o reforço de mecanismos e iniciativas tendentes à implementação prática do que veio consagrar a Resolução 1325 do CSNU.

Por conseguinte, a par da resolução 1325 do CSNU, foram aprovadas mais três resoluções complementares – a resolução 1820, a resolução 1888 e a resolução 1889. A Resolução 1820 do



CSNU, aprovada em 2008, refere-se expressamente a "mulheres, paz e segurança", tendo como principal objetivo o reforço do já consagrado pela Resolução 1325, uma vez que vem reconhecer que a violência sexual é frequentemente um fenómeno que impede a restauração da paz e segurança internacionais. A Resolução 1888, adotada em 2009, vem reafirmar a importância de aumentar a representação das mulheres nos processos de mediação e de tomada de decisão relativamente à resolução de conflitos e à consolidação da paz. Fá-lo apelando a uma nova arquitetura das missões de manutenção da paz que coloque especial enfoque na proteção das mulheres e crianças, assim como vem estabelecer novas medidas no âmbito da violência sexual em situações de conflito armado, como por exemplo, a nomeação de um Representante Especial e de uma equipa de peritos em matéria de recurso à violência sexual nos conflitos armados. Finalmente, a Resolução 1889 do CSNU (2009) aconselha aos Estados membros da ONU e outros intervenientes a adotarem medidas adicionais com vista à melhoria da participação das mulheres durante todas as fases do processo de paz. Tendo vindo também sugerir aos organismos da ONU e dos seus Estados membros que recolham dados sobre as necessidades específicas das mulheres em situações pós-conflito e os analisem e avaliem de forma sistemática, com vista a elaborar-se um conjunto de indicadores que permitam acompanhar a implementação da RCSNU 1325, para melhor avaliar os progressos internacionais nesta matéria.

Além da aprovação e adoção destas resoluções, outras iniciativas têm vindo a ser realizadas, como por exemplo, em 2005, a conferência - "Women mediations: A peace practice" -, onde se analisou de que forma se têm envolvido as mulheres nos processos de paz. Nestas conferências têm participado mulheres diretamente envolvidas nos processos de negociação de paz na África do Sul, Sri Lanka, Guatemala e Irlanda do Norte, bem como representantes da UNIFEM e ativistas da Palestina, Israel, Irlanda do Norte, Afeganistão, Iraque, Guatemala, Estados Unidos, Sérvia, Bósnia e Herzegovina, ou Sahara Ocidental. Estes fóruns de discussão e análise têm ainda contado com a participação de alguns dos principais analistas internacionais e em muito têm ajudado na compreensão real do problema, assim como têm facilitado o surgimento e sugestão de medidas mais

adequadas para que o envolvimento das mulheres nos processos de paz seja melhor e maior. Também o Women's Peacemaker Programme of the International Fellowship of Reconciliation<sup>(4)</sup> veio permitir que mulheres com experiências de envolvimento em diversos conflitos pudessem discutir e partilhar problemas e encontrar soluções que as ajudem a melhor compreender a resolução de conflitos e a paz. O African Women's Committee on Peace and Development<sup>(5)</sup>, criado em 1999, em conjugação com o Femmes Africa Solidarité<sup>(6)</sup>, vieram possibilitar e promover a resolução de conflitos em vários países africanos, assim como, a Mano River Women's Peace Network<sup>(7)</sup>, que atua na Guiné, Serra Leoa e Libéria. Sabemos, porém, que em algumas circunstâncias, a invocação das questões de género tem-se afastado do seu verdadeiro espírito – o da resolução 1325. Tal tem vindo a acontecer para justificar certas ações internacionais distantes da verdadeira essência da dimensão do género nos processos de construção da paz. Na verdade, é necessária uma verdadeira integração dos princípios e do espírito da Resolução 1325, sendo por isso necessário efetivar e implementar as medidas nela contidas.

Como forma de colmatar a (quase) inexistência de mecanismos de acompanhamento e de avaliação da implementação da Resolução 2315 e suas Resoluções complementares, alguns dos países que já elaboraram os planos de ação nacional de implementação da Resolução 1325 – como a Áustria, Uganda e Libéria – incluíram neles indicadores de responsabilização nas esferas de participação das mulheres nos processos de paz, a prevenção, proteção e perseguição sexual violência e à promoção dos direitos das mulheres e jovens raparigas. Tal inclusão poderá servir como ponto de partida e de referência, com vista ao estabelecimento de mecanismos de supervisão e avaliação eficazes e fiáveis de outros países. Verifica-se então que, dos resultados já conhecidos referentes ao envolvimento das mulheres nos processos informais de construção de paz, elas são ainda muitas vezes excluídas dos processos formais de paz, não sendo representadas entre os decisores políticos e os líderes militares, ficando assim prejudicada a dimensão de género nestes processos.

A este respeito cumpre-nos agora salientar que, muitos têm sido os Estados que têm aprovado planos de ação nacional com o intuito de orientar a



implementação da resolução 1325 do CSNU. Assim, há já 16 países<sup>(8)</sup> que implementaram estes planos de ação nacional, havendo ainda alguns que estão em fase de elaboração dos mesmos.

Os planos nacionais de ação são considerados internacionalmente como o mecanismo mais eficaz para traduzir os objetivos e preocupações da Resolução 1325 e é neste âmbito também que Portugal assumiu a tarefa exigente e ambiciosa de aprovar o seu PNA 1325, com o objetivo de promover a inclusão da dimensão da igualdade de género em todas as fases dos processos de construção da paz e da promoção da segurança<sup>(9)</sup>.

O Plano Nacional de Ação desenvolve mecanismos de implementação, acompanhamento e avaliação dos objetivos e das medidas nele apresentadas, sendo naturalmente flexível à introdução de alterações e melhorias de acordo com os resultados alcançados.

Uma preocupação do Plano é a integração de uma perspetiva de implementação nacional, europeia e internacional, que inclua a dimensão da representação externa do Estado, designadamente no âmbito da dimensão da cooperação para o desenvolvimento. Realça-se, ainda, que Portugal tem envidado sérios esforços no sentido de implementar muitas das preocupações e medidas propostas pela Resolução, o que é visível na adoção de legislação nacional específica e nas iniciativas que os ministérios têm vindo a desenvolver.

Considerando o que acaba de ser dito, podemos concluir que inúmeras iniciativas têm vindo a relevar para que a dimensão de género no âmbito dos processos de construção de paz se torne cada vez mais efetiva e eficaz. Como exemplo disso é aprovação e implementação da Resolução 1325 do CSNU, bem como das resoluções complementares, através das quais grandes passos foram dados para a consagração da necessidade de igualdade de género nas questões de peacebuilding.

**Ten RC LD Rita Perdigo**  
Assessora Jurídica do Cmd BrigInt  
Perdigao.arr@mail.exercito.pt

*bem assim, de garantir especial proteção a mulheres e crianças pertencentes à população civil que sofrem estas violações.*

- (2) *Esta convenção entrou em vigor em 3 de Dezembro de 1981 e é considerada como o instrumento fundamental para o desenvolvimento dos direitos das mulheres.*
- (3) *Esta declaração veio representar um sério compromisso por parte dos Estados em relação às suas responsabilidades e também um compromisso da comunidade internacional em geral para a eliminação da violência contra as mulheres.*
- (4) *Fundada em 1997 tem como principal objetivo apoiar e capacitar mulheres ativistas de paz, defendendo a integração da dimensão de género nos processos de construção da paz. A sua ação centra-se na formação e educação, no estabelecimento de redes de partilha de experiências e conhecimentos, bem como uma série de iniciativas com vista à efetiva aplicação das Resoluções CSNU 1325, 1820, 1888 e 1889 (WWP 2012).*
- (5) *Este Comité tem vindo a contribuir para o reconhecimento de uma paz sustentável, permitindo às mulheres africanas disporem de um plataforma onde podem expressar e discutir as suas preocupações relativamente à promoção e desenvolvimento africanos. A sua originalidade assenta no facto de ser composto por 16 membros, dos quais uns são nomeados pelo governo e outros membros serem selecionados de ONGs africanas (AWCPD 2012).*
- (6) *Criada em Dezembro de 1996, esta ONG tem como intuito divulgar e promover o papel das mulheres africanas na vida política daquele continente, bem como a proteção dos direitos das mulheres e a prossecução de uma paz duradoura. Para tal, criaram uma série de iniciativas para a promoção e desenvolvimento de programas que visam a prevenção, gestão e resolução de conflitos, a proteção dos direitos das mulheres em África e o reforço da capacidade de liderança das mulheres (FAS 2012).*
- (7) *Com objetivo de alcançar a paz duradoura na sub-região do Rio Mano, que constitui o caminho para a consciencialização da dimensão de género e do desenvolvimento sustentável, foi criada esta rede, cuja primeira assembleia aconteceu em junho de 2001, que possibilita uma melhor compreensão sobre o estabelecimento da paz e da segurança e permite o reforço da participação das mulheres na prevenção e gestão de conflitos, bem como na (re) construção da paz (MRWPN 2012).*
- (8) *Os 16 países que já implementaram os seus planos nacionais são: Austria, Bélgica, Chile, Costa do Marfim, Dinamarca, Espanha, Finlândia, Holanda, Islândia, Libéria, Noruega, Portugal, Reino Unido, Suécia, Suíça e Uganda.*
- (9) *Neste âmbito, foi criado um Grupo de Trabalho com representantes do Ministério dos Negócios Estrangeiros (MNE), da Presidência do Conselho de Ministros (PCM), do Ministério da Defesa Nacional (MDN), do Ministério da Administração Interna (MAI) e do Ministério da Justiça (MJ), envolvendo os sectores governamentais relevantes. A Resolução do Conselho de Ministros nº 71/2009, veio a ser aprovada em de 25 de agosto de 2009, através da qual Portugal adotou uma série de medidas com vista à implementação da referida Resolução, que evidencia de forma inequívoca a igualdade de género e o papel da cidadania em todas as fases do processo de construção de paz, lançando uma nova perspetiva sobre as mulheres. Sendo o Plano Nacional considerado como o mecanismo eficaz para traduzir os objetivos e preocupações vertidas na Resolução do CSNU 1325, Portugal em meados de 2009 lançou mão deste mecanismo com o objetivo de implementar, acompanhar e avaliar os objetivos e as medidas nele apresentadas.*

(1) *Esta declaração foi proclamada pela AGNU pela resolução 3318, de 14 de Dezembro de 1974 com o principal objetivo de combater graves ataques às liberdades fundamentais e à dignidade da pessoa humana, em especial das mulheres e,*



## APOIO ENGENHARIA PAOM

### VIANA DO CASTELO



A diretiva 222/CEME/11, relativa à Beneficiação de Infraestruturas de Tiro, determina que as intervenções necessárias para a beneficiação daquelas infraestruturas sejam executadas recorrendo às Unidades de

Engenharia. Assim, coube ao RE3 a responsabilidade de recuperar a CT de Viana do Castelo.

De um modo geral, todas as infraestruturas se encontravam num avançado estado de degradação pelo que o Mapa de Trabalhos elaborado pela DIE contemplou as seguintes intervenções:

- Recuperar o edifício do telheiro e o fosso na linha de alvos dos 100m;
- Tratar o leito da CT no troço até aos 100m;
- Recuperar o espaldão frontal, através de crivagem, reposição de material e estabilização do talude;
- Reparar/reconstruir os muros diafragma, bem como os muros para-balas laterais, colocando o revestimento a madeira na face voltada para o telheiro;
- Execução de talude de terra até aos 100m, no bordo direito da CT e retificação do bordo esquerdo na mesma extensão;
- Remoção dos materiais perigosos - chapas de fibrocimento do telheiro e todos os pneus da área e transporte a local apropriado para recolha dos mesmos;
- Vedar o perímetro da CT com postes de madeira tratada e rede ovelheira encabeçada por arame farpado.

Para os trabalhos, que decorreram de 08 de outubro de 2012 a 27 de março de 2013, recorreu-se a um destacamento de construções com dupla vertente, constituído por 23 militares, de entre os



quais, um Oficial Subalterno, 3 Sargentos e 19 Praças.

**Alf RC Ruben Castro**

*Cmdt Pel de Construções Horizontais/2CEng A/G  
castro.crm@mail.exercito.pt*

### VILA REAL



Em Outubro de 2012, o RE3 deslocou um destacamento da Companhia de Engenharia da Brigada de Intervenção para o RI13, Vila Real. O edifício alvo da desconstrução apresentava dois sistemas estruturais distintos, com

uma área em planta aproximadamente de 263,30m<sup>2</sup>, sendo um deles constituído por paredes resistentes em alvenaria de pedra e cobertura suportada por asnas de madeira e o outro constituído por um sistema de pórticos de betão armado e paredes resistentes de pedra em que a cobertura assentava em vigas de madeira apoiadas nos pórticos de betão.

Este funcionava como Armazém/Oficina da unidade apoiada, pretendendo-se criar neste local um acesso à zona de lubrificação e lavagem das Viaturas Blindadas de Rodas (VBR) "Pandur".

Os trabalhos de demolição executados seguiram uma metodologia:

Fixação/Ajustamento de esticadores de suporte da cablagem de eletricidade aparente no alçado posterior do edifício (ou desvio temporário dos cabos) incluindo, se necessário, a proteção temporária dos cabos, de forma a permitir o desenvolvimento dos trabalhos de demolição sem causar danos neste elementos nem interromper o fornecimento de eletricidade aos edifícios adjacentes;

Remoção de todos os materiais e equipamentos existentes no interior do espaço a demolir e de todos os restantes elementos estranhos à estrutura (vidros, portas e janelas, portões, louças sanitárias, canalizações, cablagem à vista);

Demolição do revestimento em telha cerâmica da cobertura e do ripado em madeira;

Escoramento de todos os elementos degradados ou em vias de colapsar e o levantamento de aparelhos sanitários.



Demolição de tetos falsos, paredes divisórias simples e elementos de suporte vertical (paredes resistentes e pórticos de betão armado).

Trabalhos de construção:

Execução de alvenaria de blocos de cimento furados;

Assentamento de calçada em cubos de granito;

Salpico, emboço e reboco em paredes interiores e exteriores;

Execução de pintura de paredes exteriores e interiores;

Execução de beirado em telha tipo romana;

Execução e fornecimento de caleira do tipo "ACO DRAIN MULTILINE".

O efetivo do destacamento foi constituído por 1 Oficial, 2 Sargentos e 10 Praças. Foram utilizados vários equipamentos de engenharia (Multi Telescópica, Pá Carregadora de Rodas (VOLVO 4300), Mini Pá Carregadora (THOMAS), Atrelado Gerador Compressor (ATLAS COPCO), Grua (Groove) perfazendo um total de 828 Horas/Máquina e consumidos 1.553 litros de combustível. Envolveu também uma Viatura de Transporte de Pessoal (IVECO 40.12) e uma Viatura Basculante (IVECO 160) completando um total de 5.360 Km sendo consumidos 1.008 Litros.

Os trabalhos propostos foram realizados com o objetivo de maximizar o rendimento em obra, salvaguardando os requisitos de segurança e ainda as técnicas da boa arte de construir.

**Alf RC Filipe Abrantes**

Cmdt Pel Eng/CEng/BrigInt  
abrantes.fmpil@mail.exercito.pt

## BUÇACO



No passado mês de Novembro de 2012, a Companhia de Engenharia da Brigada de Intervenção do RE3, deslocou um Destacamento de Construções Verticais para o Museu Militar do

Buçaco. A intervenção visou 3 áreas distintas, nomeadamente:

- Reparação do telhado e pintura da Casa do Diretor;
- Reparação do muro e do pavimento do terraço das moradias anexas ao Museu;
- Desmatação da área envolvente ao Moinho de Sula.

A realização desta obra, situada em plena Serra do Buçaco, visou principalmente, a manutenção e conservação do Museu para o seu bom funcionamento e cumprimento da sua missão.

O Destacamento foi constituído, ao nível dos meios humanos, por dois Sargentos e doze praças, e ao nível dos equipamentos, por uma retroescavadora, uma viatura basculante e uma viatura táctica média. Num período de 13 semanas foram percorridos 4.090 quilómetros, consumidos 1.181 litros de gasóleo e realizadas 82 horas máquina.

Devido às condições atmosféricas não serem as adequadas, os trabalhos de reparação do telhado e pintura da Casa do Diretor, não foram ainda executados, sendo os mesmos realizados numa segunda fase quando as condições atmosféricas assim o permitirem.

Após conclusão das áreas restantes, e devido a essas condições restritivas, os trabalhos remanescentes foram suspensos a 29 de fevereiro do corrente ano.

**1Sarg Eng António Silva**

Cmdt Dest Eng Mil Buçaco/CEng/BrigInt  
silva.acm2@mail.exercito.pt





## AÇORES



Na sequência da visita de trabalho do Exmo TGen QMG à ZMA e do Despacho do Exmo Gen CEME, de 03JUN11, decorreu entre 11JUN12 e 14DEC12 a intervenção para a reabilitação, conservação e manutenção de infra estruturas militares na Zona Militar dos Açores (ZMA) por parte do RE3.

O RE3 destacou, numa primeira fase, o Pel Eng de Construções Verticais/2CEng/AGI, para o RG1, na Ilha Terceira e, numa segunda fase, um Pel Eng/CEng/BrigInt, para a Unidade de Apoio da ZMA, na Ilha de S.Miguel.

O Destacamento de Engenharia do RE3 na ZMA contou com a colaboração e empenho de 1 Oficial Subalerno, 7 Sargentos e 40 Praças, divididos pelas duas fases de intervenção.

Devido aos agentes erosivos que caracterizam todo o Arquipélago dos Açores, constatou-se a necessidade de intervenção a nível das coberturas dos edifícios e de algumas estruturas que se encontravam danificadas ou simplesmente carentes de manutenção.

### 1ª Fase – Ilha Terceira (RG1):



- Substituição parcial da cobertura do Edifício de Comando (400m<sup>2</sup>)
- Substituição da cobertura do Parque Auto (2000m<sup>2</sup>)
- Substituição da rede de abastecimento de água em Instalações Sanitárias
- Reabilitação interior de paredes e tetos do Rancho Geral

### 2ª Fase – Ilha de S.Miguel

- Reabilitação interior de 3 apartamentos no Prédio Militar N.º20;
- Reabilitação do W.C. do bar de Praças (UnApZMA).

Se da projeção de todos os militares que constituíram o Destacamento de Engenharia na ZMA, foram evidenciadas as saudades do conforto do lar e da família, também houve oportunidade para o intercambio de cultura que apesar da mesma nacionalidade, pouco têm em comum nos aspetos socio culturais.

Como tal, das várias atividades desenvolvidas destacam-se os passeios turísticos pela Ilha Terceira com o apoio logístico do RG1, a visita à Base das Lajes, a participação no Torneio de Futsal do RG1 onde conquistaram o 1º lugar, os passeios turísticos pela Ilha de S. Miguel com o apoio logístico da UnApZMA, entre churrascos e caminhadas que preenchiam os momentos em que a distância de casa parecia aumentar dia após dia. No final, depois de arrumadas todas as ferramentas, um pouco de cada um de nós por lá ficou.

**Alf RC Pedro Rodrigues**  
Cmtd do Pel/2CEng (A/G)  
rodrigues.pmg@mail.exercito



## APOIO ENGENHARIA PAOC

### ESPINHO



A Companhia de Engenharia da BrigInt, através de um Destacamento de Engenharia, prestou um apoio à Câmara Municipal de Espinho na regularização do areal da Praia de Espinho. Na realização deste trabalho, foram empregues dois tratores de lagartas, uma carregadora de lagartas, uma carregadora de rodas, uma viatura táctica média para transporte de pessoal e uma plataforma para transporte dos equipamentos. Em termos de recursos humanos, estiveram no terreno, um sargento a liderar a equipa, três operadores de equipamento pesado de engenharia e um condutor.

Os trabalhos de regularização das areias da Praia de Espinho consistiram em rebaixar e arrastar as areias que, devido aos temporais de Inverno, ficaram depositadas junto ao muro longitudinal da praia. Este trabalho permitiu melhorar as condições de uso da Praia de Espinho e da sua envolvente.

**Alf RC Hélder Pires**

*Cmdt Pel Equipamento/CEng/BrigInt  
pires.hr@mail.exercito.pt*



### VILA NOVA DE GAIA



A Companhia de Engenharia da Brigada de Intervenção, através de um Destacamento de Construções Horizontais, apoiou em Vila Nova de Gaia, o Clube Recreativo e Cultural Império de Vila Chã (CRC Império de Vila Chã) através de trabalhos de desmatção e regularização de um terreno, em Vila Chã – Valadares, entre 18 e 20 de março de 2013.

Na sequência do pedido de apoio por parte do CRC Império de Vila Chã, realizou-se a desmatção e regularização de um terreno com cerca de 15.000 m<sup>2</sup>, na referida localidade. Neste trabalho esteve envolvida uma equipa constituída por um Sargento e três Praças (duas das quais Operadores de Equipamento Pesado de Engenharia). Em termos de equipamento e viaturas foram utilizados um Trator de Lagartas, uma Viatura Táctica Média e uma Plataforma.

**Ten Eng João Soares**

*2ºCmdt/CEng/BrigInt  
soares.jlcf@mail.exercito.pt*





## LOGÍSTICA MILITAR *VERSUS* EMPRESARIAL PARTE 1



A logística é um conjunto de atividades que tem evoluído com os tempos, essencialmente pela necessidade de resposta às carências dos exércitos nos primórdios, até à gestão complexa de todo o tipo de mercadorias a nível global na atualidade, em que os consumidores (clientes) os pretendem no imediato. Este facto, associado a outras condicionantes que visam a competitividade, leva a uma constante evolução e adaptação cada vez mais rápida da logística, como sejam escassez de matérias-primas, custo de produção, armazenamento, gestão de stocks, otimização do transporte, satisfação do cliente (visa a sua fidelização), redução de custos, etc.

Importa portanto ter presente que o conceito de logística teve a sua evolução, tanto ao nível militar como empresarial, existindo permuta de experiência, conhecimento, técnicas e procedimentos entre ambos, como iremos ver de seguida.

### LOGÍSTICA MILITAR

O apoio às operações foi durante séculos garantido de uma forma expedita, normalmente através do "saque". No entanto, à medida que os efetivos aumentavam e a complexidade e sofisticação dos materiais exigiam um apoio mais qualificado, mais volumoso e oportuno, tornou-se necessário a criação de estruturas e procedimentos que garantissem, de uma forma contínua, o apoio às tropas, para além do que era possível conseguir no campo de batalha.

Só em 1837, pela primeira vez, essa necessidade aparece estruturada, de forma explicitada e sob um conceito específico - LOGÍSTICA.

Jomini questionava na sua obra "PRECIS DE L'ART DE LA GUERRE":

"É a logística unicamente uma ciência de detalhe? Ou será uma ciência geral, formando uma das partes mais essenciais da arte da guerra?"

Jomini optou pelo 2º enunciado e daí que, para este autor, à Logística competia tudo o que se



Fig 1 – Retrato de Antoni Henri Jomini

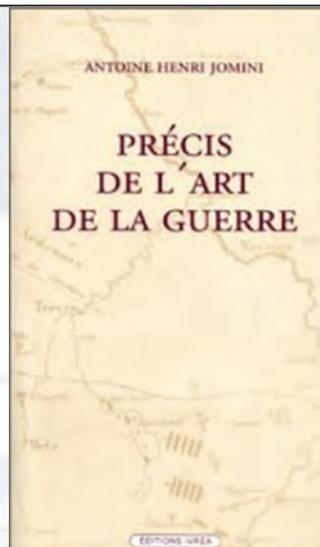


Fig 2 – Obra Précis de L'Art de la Guerre de Antoni Jomini

relacionava com a preparação e manutenção das campanhas.

Pelos critérios atuais temos consciência de que Jomini tinha um conceito demasiadamente abrangente da Logística. Nela incluía certas tarefas que são nitidamente da responsabilidade de outras áreas, nomeadamente das áreas das Informações, do Pessoal e das Operações.

Para Jomini a responsabilidade da logística (preparação e manutenção das campanhas) confundia-se com a responsabilidade de Estado-



Maior.

Apesar do autor extravasar a responsabilidade da Logística, tal como hoje é geralmente entendida, teve o grande mérito de reconhecer a importância dos apoios ao combate como condicionantes do sucesso das operações e deixar esses conceitos expressos em obras com crédito universal.

"Qu'on ne me parle pas de vivres" de Napoleão que, em tradução livre e um pouco atrevida poderíamos alargar para "Não me aborreçam com os abastecimentos" e o conceito que aquele "Senhor da Guerra" tinha de que "A Guerra alimenta a Guerra", estavam completamente ultrapassados.

Na Rússia, Napoleão reconheceu o seu erro. A falta de preocupação com os abastecimentos foi substituída pela fórmula "Os soldados marcham com o estômago" que traduz, efetivamente, o reconhecimento da importância do apoio logístico na concretização das operações.

Era a verificação de que por muito bem arquitetada que estivesse uma manobra, se nas suas fases cruciais faltassem os meios para a concretizar, o resultado seria o insucesso e consequentemente a derrota.

A 1ª Grande Guerra, pelas características que revelou, pelos enormes efetivos empenhados, pelos meios materiais envolvidos, pelo esforço de produção que exigiu e pelos consumos verificados, veio dar um impulso decisivo ao conceito de Logística e consolidar o reconhecimento da importância fundamental dos apoios às operações.

Concretizemos esta ideia em números que falam por si:

A França mobilizou durante a Guerra cerca de 8,4 milhões de homens. Tinha em 1918 mais de dez mil canhões na frente de combate, produziu mais de 300 milhões de granadas de Artilharia e, em 1918, de 21 de março a 11 de Novembro, na grande ofensiva final, foram consumidas cerca de 70 milhões de granadas de Artilharia.

A Logística começava a ter assento à mesa das Ciências do conhecimento militar.

É dentro desta realidade que em 1917, quando se colocava, aos EUA, a necessidade de apoiarem

o seu Corpo Expedicionário na Europa, o Tenente-coronel de Infantaria de Marinha dos EUA, George C. Thorpe afirmava: "A Estratégia e a Tática proporcionam o esquema para a condução das operações militares, enquanto que a Logística



Fig 3 – Canhão utilizado na 1ª Guerra Mundial



Fig 4 – Granadas utilizadas nos canhões

proporciona os meios para concretizar esse esquema". É um pouco, o retomar, de uma forma mais adaptada e consequente, da tese de Jomini.

É, mais uma vez, um conceito alargado de Logística: é a identificação da Logística com o conceito atualmente aceite para a Administração. Ou seja, garantir oportunamente todos os meios humanos, materiais e financeiros necessários à concretização da manobra idealizada pela Estratégia e pela Tática.

Se o Tenente-coronel Thorpe não foi feliz com a sua definição de Logística, é-lhe reconhecido o mérito de elevar a Logística (ou melhor a Administração), como hoje a entendemos, ao nível da Estratégia e da Tática, até então os únicos ramos do conhecimento militar.

Se a 1ª Grande Guerra trouxe o reconhecimento da importância da Administração, no seu conceito



alargado, para o resultado final do combate, a 2ª Guerra Mundial, veio consagrar a importância desse ramo dos conhecimentos militares.

Os enormes efetivos envolvidos, a enorme capacidade destruidora dos meios aéreos e a sua capacidade de atuarem em profundidade nas retaguardas inimigas, bem como o número e dispersão dos Teatros de Operações, obrigaram a um apoio colossal, quase sempre em condições adversas.

Qualquer estudioso deste conflito, por mais dileitante ou distraído, apercebe-se rapidamente que a sorte de inúmeras batalhas foi decidida a favor do exército, com superioridade do ponto de vista logístico e, não será exagero dizer que essa superioridade foi determinante no resultado final da Guerra.

Se foi decisiva a contribuição da Logística para o desfecho da 2ª Guerra Mundial, mais reforçado será o seu papel na medida em que:

- os sistemas de armas, pela sua sofisticação, foram sendo cada vez mais exigentes quanto à quantidade e qualidade do apoio;
- a capacidade de destruição dos armamentos for maior;
- os meios de deteção dificultarem, crescentemente, as operações de apoio;
- a flexibilidade e alcance dos vetores aéreos perturbarem mais profundamente as retaguardas.

Como resultante de toda esta evolução, será necessário, um maior volume de apoio, não só para dar resposta aos desafios que se levantam no Campo de Batalha moderno, como também, e fundamentalmente, para que haja a garantia que esse apoio chegará, em quantidade e qualidade, ao local próprio, no momento oportuno.

Os números que se referem de seguida são elucidativos da realidade relativa ao apoio logístico:

No século I AC, o soldado romano combatia e sobrevivia com cerca de 1 Kg de abastecimentos por dia. O aumento de consumos foi muito lento até 1870, porque também foi lento o desenvolvimento tecnológico e, nessa data, para um Exército, o

consumo rondava os 8 Kg/ homem/ dia. A partir de 1918, quando o consumo era de 18 Kg/homem/dia no escalão Teatro, o aumento foi galopante.

Assim, em 1943, apenas 25 anos depois, o consumo já rondava os 30 Kg/homem/dia no escalão Teatro e chegou a atingir os 100 Kg/homem/dia numa Divisão Blindada, no esforço. Na década de 70, nos conflitos regionais que se verificaram, o consumo foi de 70 Kg/homem/dia no escalão Teatro. E estudos prospetivos elaborados pelo Exército Francês, confirmados pelos EUA, preveem que num conflito convencional, no Teatro Europeu, os consumos ultrapassem os 100 Kg/homem/dia.

São números que, conjugados com a previsível mobilização de milhões de homens, se traduzirão em quantidades fabulosas de abastecimentos, que diariamente será necessário produzir, adquirir e distribuir.

" Qu'on ne me parle pas de vivres " morreu com o século XVIII. Agora, e cada vez mais, vivemos sob o conceito de "Manobra Possível", não em termos de Estratégia ou Tática, mas sim quanto aos meios necessários para a concretizar.

**Maj Cav Celestino Santana**  
Chefe G4/BrigInt  
santana.cmcg@mail.exercito.pt

#### **Bibliografia:**

ME601010 Logística - Noções Gerais,  
PDE 4-00 Logística, do CID, de Ago07

#### **Sítios na internet:**

<http://abrangelog.blogspot.pt/2011/01/conhecendo-um-pouco-sobre-historia-da.html>  
<http://abrangelog.blogspot.pt/2011/01/logistica-militar-versus-logistica.html>  
[http://portal.ipvc.pt/portal/page/portal/esce/esce\\_artigos/esce\\_log\\_passado\\_futuro](http://portal.ipvc.pt/portal/page/portal/esce/esce_artigos/esce_log_passado_futuro)  
<http://www.cargoedicoes.pt/site/Default.aspx?tabid=380&id=6336&area=Cargo>  
<http://www.coladaweb.com/administracao/supply-chain-management-parte-1>  
[http://www.edigital.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=93:a-logistica-no-ambito-da-historia&catid=56:logistica&Itemid=30////////](http://www.edigital.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=93:a-logistica-no-ambito-da-historia&catid=56:logistica&Itemid=30////////)  
<http://www.miebach.com/pt/noticias/?news=9fc31a8bb6a80168dcf9c59fdb37baa3>



## CDM'S FASES II (BRIGADA) E III (EXÉRCITO)



A Brigada de Intervenção tem como uma das suas múltiplas missões a organização, através das suas Unidades, das Competições Desportivas Militares (CDM) Fase II, e a organização da CDM BTT Fase III, assim como a participação nas CDM Fase III.

O objetivo desportivo das CDM Fase II é a seleção dos atletas que mais se vierem a destacar com o intuito de integrarem as equipas representativas da Brigada durante as CDM Fase III – Exército.

Não obstante a relevância do objetivo anteriormente referido, tanto para a manutenção como para o incentivo da prática desportiva, devemos sempre ressaltar o contributo substancial que o Exercício Físico em geral e as CDM em particular propiciam o desenvolvimento do espírito de corpo, complemento inalienável da formação militar de base, e fomentam o são convívio entre os militares que prestam serviço nas diversas Unidades da Brigada que, fruto da sua distribuição geográfica dispersa, estão amiúde impossibilitados da confraternização com os seus camaradas.

Durante o ano de 2013, a Brigada de Intervenção e as suas Unidades organizam e participam nas CDM nas modalidades de BTT, Corta-Mato, Duetlo BTT, Orientação e Tiro Desportivo conforme a seguinte calendarização:

EQUIPAS	ORIENTAÇÃO	DUATLO BTT	TIRO
RC6	2	1	1
RI14	4	3	2
RI13	1	2	6
UnAp/Cmd	3	4	4
RE3	5	5	3
RI19	6	-	5

Até ao momento realizaram-se as seguintes provas das CDM - Fase II:

- Orientação, organizada pelo RI14 de 18 a 20 de fevereiro;
- Duetlo BTT, organizado pela UnAp no período de 18 a 19 de abril;
- Tiro, organizado pelo RI19 no período de 13 a 17 de Maio.

O quadro seguinte resume as classificações finais obtidas por cada uma das Unidades da Brigada durante a Fase II:

Modalidade	Fase II/Brigada		Fase III/Exército	
	Org	Data	Org	Data
Orientação	RI14	18/20Fev	RA4	19/21Mar
Duetlo BTT	UnAp	18/19Abr	CMEFD	06/07Jun
Tiro	RI19	13/17Mai	EPI	27/31Mai
BTT	RI13	20/21Jun	RI13	27/28Jun
Corta-mato	RC6	10/11Out	UnAp/Cmd Pess	30/31Out

A Fase III (Exército) da CDM de Orientação decorreu de 19 a 21 de março na zona de Quiaios, concelho da Figueira da Foz, e de Pedrogão, concelho de Leiria, tendo sido organizada pela BrigRR, através do RA4.

A BrigInt participou na competição com equipas

representativas nos escalões I, II e III masculinos e com uma equipa feminina (escalão único), tendo obtido um honroso 3.º lugar na classificação Geral Coletiva.

**SAj Inf David Ferreira**  
Aux Sar Op/G3/BrigInt  
ferreira.dpm@mail.exercito.pt





## ORIENTAÇÃO FASE II (BRIGINT)



De acordo com os princípios conceptuais que perspetivam a atividade desportiva no Exército, expressos no Regulamento de Educação Física do Exército, as Competições Desportivas Militares (CDM), para que possam constituir uma consequência natural dessa atividade, devem desenrolar-se de acordo com um processo que, tendo origem nos campeonatos internos de cada U/E/O do Exército (Fase I), culmina no Campeonato Militar, disputado entre seleções dos Ramos das Forças Armadas e das forças de Segurança, e, para algumas modalidades, no Campeonato Mundial do Desporto Militar (CISM).



Neste sentido, e de acordo com a calendarização superiormente aprovada, foi dada a missão ao RI14 de organizar a Fase II do CDM de Orientação de 2013, que decorreu de 18 a 20 de fevereiro de 2013.

O CDM de Orientação foi conduzido em duas zonas distintas, as provas tiveram lugar nas áreas Satão, mais concretamente a zona envolvente do Santuário do Senhor dos Caminhos, no primeiro dia – distância média – e na zona da Serra do Crasto provas do 2º e terceiro dias - distância longa e estafetas, respetivamente. Esta última tem sido muito utilizada para este tipo de provas, tendo sido o palco da edição do Portugal OMeting de 2012 (prova da Federação Internacional de Orientação).

Este evento desportivo contou com a presença de 6 Unidades da BrigInt (UnAp/BrigInt, RI13, RI14, RI19, RC6 e RE3) num total de 126 atletas (93 masculinos e 33 femininos).

*Apresentamos de seguida as classificações mais significativas:*

- *I Esc Masc – 2CAB CARLO LEÃO – RI13*
- *II Esc Masc – MAJ RODRIGUES – UNAP*
- *III Esc Masc – SAJ BESSA – RI13*
- *FEM – FURR PINTO – RC6*
- *EQ I Esc Masc – RI13*
- *EQ II ESC Masc – UNAP*
- *EQ III Esc Masc – RI13*
- *EQ Fem – RC6*
- *Estafeta I Esc Masc – RI13*
- *Estafeta II Esc Masc – RI14*
- *Estafeta III Esc Masc – UNAP*
- *Estafeta Fem –RC6*



Na organização destas competições o RI14 teve a prestimosa colaboração da Federação Portuguesa de Orientação e do Clube de Orientação de Viseu, que facultaram meios técnicos e humanos para a realização das mesmas. A cooperação das Câmaras Municipais de Viseu e do Satão que autorizaram a utilização dos terrenos para a execução do CDM em apreço.

A colaboração com estas instituições evidencia a excelente relação com a comunidade onde o RI14 se insere que se revela proveitosa na projeção da imagem do Exército na sociedade.

**Alf RC Fernando Loureiro**  
**Oficial de EFM/RI14**  
*loureiro.frnl@mail.exercito.pt*





## DUATLO BTT FASE II



Em 18 e 19 ABRIL 2013, a UnAp/BrigInt organizou o Duatlo BTT Fase II no âmbito das Competições Desportivas Militares de 2013. A prova teve lugar no dia 19 de abril de 2013, com partidas e chegadas na Mata Nacional do

Choupal em Coimbra. No evento participaram militares da UnAp/BrigInt, RC6, RI13, RI14, RE3, DARH, CR Viseu, UnAp/CMDPESS, Guarda Prisional de Coimbra, PSP da Figueira da Foz, GNR Coimbra, Bombeiros Sapadores de Coimbra, Polícia Municipal e Polícia Judiciária.

Através desta prova ficam apurados os campeões individuais e coletivos da BrigInt para atribuição do Troféu de Mérito Desportivo, bem como selecionados os atletas que representam a BrigInt no CDM Duatlo BTT Fase III - Exército.

A organização da prova foi planeada e concretizada com o maior rigor possível, de modo a estar de acordo com o Regulamento Técnico de Duatlo, tendo este sido sujeito a alterações devido à presença de atletas civis, estando sempre em concordância com o Regulamento de Competições do Exército.

A CDM de Duatlo BTT Fase II - Brigada, decorreu em ambiente saudável, fazendo valer aspetos de competição e de camaradagem, não só pelas suas equipas representativas, mas também por outras unidades militares, forças de segurança e atletas individuais.



A nível individual destacaram-se os 1Sar Anibal Oliveira e Sold Cristina Pereira, ambos do RC6, e a nível coletivo o RC6 que arrecadou a

O evento contou com o apoio da Câmara Municipal de Coimbra, do Instituto de Conservação da Natureza e da Biodiversidade, da Associação de Beneficiários da Obra de Fomento Hidroagrícola do Baixo Mondego, do Inatel e da Câmara Municipal de Pedrógão Grande, que facultaram os meios para a realização da prova.

A concretização do evento só foi possível devido à excelente relação da BrigInt com a comunidade onde se insere, servindo para reforçar a projeção da imagem da BrigInt e, por consequência, do Exército junto das edilidades do Distrito.

**Maj Art Rui Rodrigues**

2Cmdt UnAp/BrigInt

[rodrigues.rab@mail.exercito.pt](mailto:rodrigues.rab@mail.exercito.pt)





## CDM TIRO



Após significativa intervenção nas infra-estruturas de tiro do Regimento de Infantaria Nº 19, este, volta a receber um dos Campeonatos Desportivos Militares (CDM) mais populares do Exército, o Tiro Desportivo. O referido campeonato decorreu em

Chaves no período de 13 a 17 de Maio e opôs em salutar confronto as seis unidades pertencentes à Brigada de Intervenção num total de 46 atiradores. A saber, RI19, RI14, RI13; RC6, RE3 e UnAp BrigInt.

Após a cerimónia de abertura do CDM de Tiro, presidido pelo Exmo Comandante do Regimento de Infantaria Nº 19, Cor Inf Artur Lima Castanha, e, depois de reunião com os delegados das equipas para rever procedimentos, as equipas puderam tomar contacto com as carreiras de tiro a fim de realizar treino para o 1º dia de competição.

Na manhã do dia 14, foi pois, hora de mostrar competências. Enquanto a sub-prova de precisão masculina na modalidade de pistola se realizava na carreira de tiro de 50m, na carreira de tiro de 100m decorria a sub-prova masculina na modalidade de espingarda, em posição deitado. Durante a tarde as sub-provas repetiam-se mas agora com as atiradoras femininas. No dia 15, para os atiradores de pistola o dia estava novamente destinado a treinos, deste feita, para a sub-prova de velocidade (duelo), já os atletas de espingarda esgrimiam novamente o seu potencial, agora, na posição de pé. No dia 16, último dia da competição os atiradores da pistola realizavam a sua prova de velocidade, ao passo que os atiradores de espingarda adoptavam a posição de joelhos.

Somadas que estavam todas as prestações,



o dia 17 foi de encerramento e entrega de prémios. Neste campo, destacou-se a título individual na pistola o já experiente SAj Carlos Santos da UnAp brigInt, não dando chances aos seus camaradas tanto na prova de precisão como na prova de velocidade. Na prova feminina, o destaque vai para a Fur do RC6 Flávia Moreira que arrecadou o 1º lugar. Na modalidade de espingarda o RI14 conseguiu sobrepor-se à concorrência ao colocar o 1º Sar Sérgio Gomes e a Sold Tania Gil em 2º lugar, resultado, que proporcionou forte impulso para que a Unidade do RI14 atingisse o 1º lugar por equipas. Na pistola quem acabou por ser mais feliz foi a Unidade do RC6, que, fruto dos bons desempenhos dos seus atiradores chegou ao 1º lugar por equipas, acabando de resto, por conquistar a taça de mérito neste CDM de tiro que premeia o melhor desempenho no somatório das duas modalidades, pistola e espingarda.

### Estágio – Fase III

De forma a aproveitar as infra-estruturas de tiro, requalificadas e inseridas dentro do espaço do Regimento de Infantaria nº 19, foi também aqui que os melhores atiradores da Brigada de Intervenção se prepararam para a fase seguinte. Assim, os melhores classificados da Fase II tiveram a oportunidade de na semana de 20 a 24 de Maio potenciar as suas virtudes junto dos seus treinadores SAj Carlos Santos – Pistola e Saj José Santos – Carabina. O objectivo da Brigada, esse, é o de sempre, atingir o lugar mais alto do pódio na Fase III em Mafra.

**Alf RC Valente Rodrigues**

*Of EFM*

*rodrigues.rmbv@mail.exercito.pt*





## VII TORNEIO DE GOLFE DO RE3



No passado dia 10 de Maio de 2013, realizou-se a VII edição do Torneio de Golfe do RE3, prova integrada no V Open da Brigada de Intervenção.

A organização do evento esteve a cargo do RE3, em colaboração com o Clube de Golfe do Exército, e contou com o apoio do Oporto Golf Club que disponibilizou não só o seu distinto campo, como as instalações para o almoço de confraternização.

O Torneio contou com setenta e dois participantes, divididos entre sócios do clube de

Golfe do Exército e convidados.

O Torneio foi disputado na modalidade “stableford” e distribuiu os seguintes Prémios:

- 3º Net Exército – António José Oliveira
- 2º Net Exército – Avelino Dantas
- 1º Net Exército – Rui Porfírio
- 1º Net Convidados – Manuel Trindade
- 1º Gross Exército – Marco Ordonho
- 1º Gross convidados – José Eduardo Lopes.

**Cap Eng Carlos Bastardo Pinto**

*Of Pess/RE3*

*pinto.capb@mail.exercito.pt*





## II TORNEIO DE GOLFE DO R119



O II Torneio de Golfe do R119 realizou-se no dia 6 de abril de 2013 no Vidago Palace Golf Course.

Tratando-se da segunda prova do calendário do Clube de Golfe do Exército para o corrente ano, este torneio tinha o aliciante adicional de integrar o V Open da BrigInt.

A perfeita conjugação de vontades entre o R119, Clube de Golfe do Exército, Vidago Palace Golf Course e diversos patrocinadores constituíram os pilares fundamentais da concretização desta prova, que se revelou um enorme sucesso.

O número de inscritos ultrapassou largamente as expectativas iniciais, porquanto a distância dos grandes centros populacionais a Vidago e Chaves não constituiu obstáculo de relevo à vinda de jogadores das mais variadas regiões do país. Com efeito, o prestígio muito justamente reconhecido ao Vidago Palace Golf Course e o atrativo programa que o R119 proporcionou, revelaram-se bastantes para atrair jogadores e famílias à região do Alto Tâmega, onde puderam desfrutar de um fim-de-semana diferente e de condições hoteleiras preferenciais.

Integrado no âmbito das comemorações do Dia da Unidade, que assinalam os 204 anos da reconquista de Chaves pelo General Francisco da Silveira, este torneio de golfe proporcionou a oportunidade ideal para um são convívio entre jogadores, ao mesmo tempo testar as qualidades desportivas de cada um dos participantes.

É justo reconhecer que São Pedro também obsequiou os participantes com condições climatéricas muito próximas do ideal para a prática de uma modalidade que se vai cimentando em todo o território nacional, mas também o relevante contributo dos patrocinadores.

Enfatizamos a prestimosa colaboração da Liberty Seguros, o principal patrocinador do torneio, que envidou todos os esforços no sentido de tornar possível a realização do evento, e deu mostras de qualidade no apoio que surpreenderam pela eficácia e foram amplamente reconhecidas pela organização.

A prova foi disputada na modalidade strableford, com saídas em shotgun pelas 13h30, e tinha em



disputa onze troféus, entre prémios gross, net, bola mais perto do buraco, drive mais longo e 1.º classificado senhoras. Como foi bonito ver a dedicação e amizade dos participantes, mesmo quando «os deuses», a sorte ou as dificuldades técnicas impostas por um campo muito bem concebido pareciam «não ajudar» os jogadores.

A prova terminou cerca das 18h30 e teve passagem obrigatória pelo almejado 19.º buraco, vulgo Clubhouse. Posteriormente jogadores e convidados deslocaram para o «19», na cidade de Chaves, onde foram brindados com uma prova cega de vinhos da região e um jantar convívio onde os produtos regionais foram réis, numa divulgação da gastronomia da região do Alto Tâmega e dos seus produtos naturais de grande qualidade.

A entrega dos prémios àqueles que haviam conseguido os melhores resultados foi efetuada após breves intervenções do Comandante da Unidade, do Presidente do Clube de Golfe do Exército e do representante do Diretor de Campo do Vidago Palace Golf Course, todos tendo avultado a qualidade da organização e o nível atingido nesta prova, exortando as entidades e patrocinadores envolvidos a continuarem com a realização deste torneio, que revela uma capacidade de atração de jogadores muito significativa.

**TCor Inf Rodrigues Leal**  
2Cmndt/R119  
leal.jlr@mail.exercito.pt





## EXERCENDO CIDADANIA



UNIDADE	PERÍODO		TIPO DE APOIO
	DE	A	
UNAP	Durante o 1º trimestre		Continuação do apoio à Fundação Portuguesa de Cardiologia com cedência de instalações, no âmbito do PIAF.
UNAP	Finalizado em 22FEV13		Apoio ao Estabelecimento Prisional de Coimbra com cedência de instalações/alojamento no âmbito do C de Formação Inicial do Corpo da Guarda Prisional 2012 (2ª fase).
UNAP	Continuação		Apoio ao Centro Social de S. João - Coimbra com cedência de material/montagem (02 Tendas 12P) no âmbito do evento "Presépio ao Vivo".
UNAP	04-Jan-13		Apoio a guardas do Estabelecimento Prisional de Coimbra com cedência da Carreira de Tiro da Gala/Figueira da Foz para realização de tiro.
UNAP	05-Jan-13		Apoio a militares da GNR - Comando Territorial de Aveiro com cedência da Carreira de Tiro da Gala/Figueira da Foz para realização de tiro.
UNAP	09-Jan-13		Cedência de instalações para ministrar palestras no âmbito do estudo de triglicerídeos.
UNAP	15-Jan-13	18-Jan-13	Apoio à Fundação Portuguesa de Cardiologia com cedência de instalações e participação de militares no âmbito do estudo de Triglicerídeos.
UNAP	15-Jan-13		Apoio à Fundação Portuguesa de Cardiologia e Escola Superior de Enfermagem com cedência de instalações para realização de palestras.
UNAP	15-Jan-13		Apoio ao Centro de Saúde Militar de Coimbra com cedência de viatura para transporte de material sanitário.
UNAP	21-Jan-13		Início do apoio ao Instituto de Emprego e Formação Profissional - CEFPCoimbra com cedência de instalações no âmbito do Curso de Cozinha.
UNAP	22-Jan-13		Apoio a militares da GNR - Comando Territorial de Aveiro com cedência da Carreira de Tiro da Gala/Figueira da Foz para realização de tiro.
UNAP	22-Jan-13		Apoio à ARS Centro com cedência de material no âmbito do projeto "Bebés, crianças e jovens em segurança".
UNAP	28-Jan-13		Início do apoio à Fundação Portuguesa de Cardiologia com cedência de instalações, no âmbito do 12º PIAF.
UNAP	28-Jan-13	29-Jan-13	Apoio a militares da GNR - comando territorial de Coimbra com cedência da carreira de tiro da Gala/Figueira da Foz para realização de tiro.
UNAP	29-Jan-13		Apoio a militares da GNR - Comando Territorial de Aveiro com cedência da Carreira de Tiro da Gala/Figueira da Foz para realização de tiro.
UNAP	29-Jan-13	30-Jan-13	Apoio ao Centro de Saúde Militar de Coimbra com cedência de viatura para transporte de material sanitário.
UNAP	30-Jan-13	10-Fev-13	Apoio à Academia Militar com cedência de ambulância TT e condutor no âmbito do Bloco de Formação 1.13.
UNAP	04-Fev-13	07-Fev-13	Apoio a militares do Regimento de Infantaria 10 com cedência da Carreira de Tiro da Gala/Figueira da Foz para realização de tiro.
UNAP	05-Fev-13		Apoio ao Centro de Saúde Militar de Coimbra com cedência de viatura para transporte de material sanitário.
UNAP	05-Fev-13	06-Fev-13	Apoio em alimentação a militares do Regimento de Infantaria 10 que se deslocaram ao CSMC.
UNAP	06-Fev-13		Apoio à ARS Centro com cedência de material no âmbito do projeto "Bebés, crianças e jovens em segurança".
UNAP	10-Fev-13		Apoio à Junta de Freguesia de Santo António dos Olivais com cedência de instalações e alimentação para 145 pessoas no âmbito do Corso Carnavalesco de Coimbra.



UNIDADE	PERÍODO		TIPO DE APOIO
	DE	A	
UNAP	11-Fev-13	13-Fev-13	Apoio a militares da GNR - Comando Territorial de Aveiro com cedência da Carreira de Tiro da Gala/Figueira da Foz para realização de tiro.
UNAP	15-Fev-13		Apoio a militares da GNR - Comando Territorial de Coimbra com cedência da Carreira de Tiro da Gala/Figueira da Foz para realização de tiro.
UNAP	18-Fev-13	20-Fev-13	Apoio a militares da GNR - comando territorial de Coimbra com cedência da carreira de tiro da gala/figueira da foz para realização de tiro.
UNAP	19-Fev-13		Apoio a militares da GNR - Comando Territorial de Aveiro com cedência da Carreira de Tiro da Gala/Figueira da Foz para realização de tiro.
UNAP	23-Fev-13	24-Fev-13	Apoio ao Ginásio Clube Figueirense com cedência de material (tendas) no âmbito do I ORI BTT SÃO MARCOS.
UNAP	25-Fev-13	27-Fev-13	Apoio a militares da GNR - Comando Territorial de Coimbra com cedência da Carreira de Tiro da Gala/Figueira da Foz para realização de tiro.
UNAP	26-Fev-13		Apoio ao Centro de Sangue e da Transplantação de Coimbra com cedência de instalações e participação de militares (30Pax) no âmbito da dádiva de sangue.
UNAP	26-Fev-13		Apoio a militares do regimento de infantaria 10 com cedência da carreira de tiro da gala/figueira da foz para realização de tiro.
UNAP	28-Fev-13		Apoio a militares da GNR - comando territorial de Aveiro com cedência da carreira de tiro da gala/figueira da foz para realização de tiro.
UNAP	01-Mar-13	03-Mar-13	Apoio à Tuna Feminina de Medicina da Universidade de Coimbra com cedência de materiais (colchões) no âmbito do Festival de Tunas Femininas III Panaceaia.
UNAP	04-Mar-13	05-Mar-13	Apoio a agentes do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras com cedência da carreira de tiro da Gala/Figueira da Foz para realização de tiro.
UNAP	06-Mar-13	08-Mar-13	Apoio a militares da GNR - comando territorial de Aveiro com cedência da carreira de tiro da Gala/Figueira da Foz para realização de tiro.
UNAP	07-Mar-13		Apoio a Agentes da Autoridade para a Segurança Alimentar e Económica com cedência da carreira de tiro da Gala/Figueira da Foz para realização de tiro.
UNAP	07-Mar-13		Apoio a agentes da Polícia Judiciária de Coimbra com cedência da Carreira de Tiro da Gala/Figueira da Foz para realização de tiro.
UNAP	08-Mar-13	11-Mar-13	Apoio à Tuna da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra com cedência de materiais (colchões) no âmbito do Festival de Tunas.
UNAP	13-Mar-13		Apoio à Companhia de Bombeiros Sapadores de Coimbra com cedência de materiais no âmbito das comemorações do seu aniversário.
UNAP	14-Mar-13		Apoio à Fundação Portuguesa de Cardiologia e Escola Superior de Enfermagem com cedência de instalações para realização de palestra.
UNAP	14-Mar-13		Apoio ao Centro de Recrutamento de Coimbra com cedência de materiais no âmbito das comemorações do seu aniversário.
UNAP	18-Mar-13	20-Mar-13	Apoio a militares da GNR - Comando Territorial de Coimbra com cedência da Carreira de Tiro da Gala/Figueira da Foz para realização de tiro
UNAP	21-Mar-13		Apoio a agentes da Autoridade para a Segurança Alimentar e Económica com cedência da Carreira de Tiro da Gala/Figueira da Foz para realização de tiro.
UNAP	21-Mar-13	22-Mar-13	Apoio ao Centro de Saúde Militar de Coimbra com cedência de instalações, material, alimentação e pessoal no âmbito das comemorações do seu aniversário.
UNAP	28-Mar-13		Apoio a agentes da Autoridade para a Segurança Alimentar e Económica com cedência da Carreira de Tiro da Gala/Figueira da Foz para realização de tiro.
UNAP	02-Abr-13		Apoio a militares da GNR - Comando Territorial de Aveiro com cedência da Carreira de Tiro da Gala/Figueira da Foz para realização de tiro.
UNAP	03-Abr-13		Apoio á Fundação Portuguesa de Cardiologia e Escola Superior de Enfermagem com cedência de instalações para realização de palestra.



UNIDADE	PERÍODO		TIPO DE APOIO
	DE	A	
UNAP	04-Abr-13		Apoio a agentes da Autoridade para a Segurança Alimentar e Económica com cedência da Carreira de Tiro da Gala/Figueira da Foz para realização de tiro.
UNAP	05-Abr-13		Apoio a militares da GNR - Comando Territorial de Coimbra com cedência da Carreira de Tiro da Gala/Figueira da Foz para realização de tiro.
UNAP	05-Abr-13	07-Abr-13	Apoio à Tuna Mista da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação com cedência de materiais no âmbito do IV "(Re)Cordas".
UNAP	06-Abr-13		Apoio à Liga de Combatentes - Núcleo de Coimbra com cedência de transporte no âmbito das comemorações do Dia do Combatente no Mosteiro da Batalha.
UNAP	06-Abr-13		Participação nas comemorações do Dia do Combatente no Mosteiro da Batalha com uma Secção de Polícia do Exército.
UNAP	08-Abr-13		Apoio a militares da GNR - Comando Territorial de Aveiro com cedência da Carreira de Tiro da Gala/Figueira da Foz para realização de tiro.
UNAP	08-Abr-13	15-Abr-13	Apoio à empresa "Black at Wite" com cedência de instalações no ex-BSS no âmbito do evento "Fashion Madness".
UNAP	15-Abr-13		Apoio a militares da GNR - Comando Territorial de Coimbra com cedência da Carreira de Tiro da Gala/Figueira da Foz para realização de tiro
UNAP	16-Abr-13	19-Abr-13	Apoio a militares da GNR - Comando Territorial de Aveiro com cedência da Carreira de Tiro da Gala/Figueira da Foz para realização de tiro.
UNAP	17-Abr-13		Apoio à Fundação Portuguesa de Cardiologia com cedência de instalações para realização de palestra.
UNAP	17-Abr-13		Apoio a militares do Regimento de Infantaria 10 com cedência da Carreira de Tiro da Gala/Figueira da Foz para realização de tiro.
UNAP	19-Abr-13	20-Abr-13	Apoio á TU NA D'ESTES da Escola Superior de Tecnologia de Coimbra com cedência de materiais no âmbito VIII Festival de Tunas Mistas.
UNAP	20-Abr-13		Apoio ao 5º Encontro Nacional de Lanceiros PE/PM com cedência de instalações para realização de visita.
UNAP	20-Abr-13		Apoio ao Holmes Place Coimbra com cedência de instalações do ex-BSS no âmbito do Holmes Place Military Training.
UNAP	20-Abr-13	21-Abr-13	Apoio ao Clube Fluvial de Coimbra com cedência de materiais no âmbito da II Fase do Campeonato Nacional de Kayak Polo.
UNAP	22-Abr-13	24-Abr-13	Apoio a militares da GNR - Comando Territorial de Coimbra com cedência da Carreira de Tiro da Gala/Figueira da Foz para realização de tiro.
UNAP	25-Abr-13		Apoio ao Regimento de Artilharia nº4 com cedência da Fanfara no Âmbito das comemorações do 25 de abril em Leiria.
UNAP	26-Abr-13	28-Abr-13	Apoio à Maternidade Bissaya Barreto com cedência de materiais no âmbito do seu 50º Aniversário.
UNAP	26-Abr-13		Apoio a militares da GNR - Comando Territorial de Aveiro com cedência da Carreira de Tiro da Gala/Figueira da Foz para realização de tiro.
UNAP	29-Abr-13		Apoio a militares da GNR - Comando Territorial de Coimbra com cedência da Carreira de Tiro da Gala/Figueira da Foz para realização de tiro.
UNAP	29-Abr-13		Apoio ao HMR2 com cedência de viatura "mb vito" e condutor no âmbito do transporte de oito militares do CSMC para o RE1.
UNAP	30-Abr-13		Apoio a militares da GNR - Comando Territorial de Aveiro com cedência da Carreira de Tiro da Gala/Figueira da Foz para realização de tiro, da parte da manhã.
UNAP	02-Mai-13		Apoio a militares da GNR - Comando Territorial de Coimbra com cedência da Carreira de Tiro da Gala/Figueira da Foz para realização de tiro.
UNAP	04-Mai-13		Apoio ao Ginásio Clube Figueirense com uma tenda.



UNIDADE	PERÍODO		TIPO DE APOIO
	DE	A	
UNAP	05-Mai-13	09-Mai-13	Apoio à Ordem de Malta com 7 tendas de 4 arcos, 120 colchões e cobertores, 1 gerador elétrico, e 1 atrelado de água no âmbito da peregrinação a Fátima 2013.
UNAP	05-Mai-13	10-Mai-13	Apoio à Delegação de Águeda da Cruz Vermelha com 01 tendas 12p, no âmbito da iniciativa "Operação Fátima".
UNAP	06-Mai-13	10-Mai-13	Apoio ao Movimento da Mensagem de Fátima com 01 tenda e 25 colchões para o posto de apoio a Peregrinos.
UNAP	06-Mai-13	08-Mai-13	Apoio à Polícia Judiciária de Coimbra com cedência da Carreira de Tiro da Gala/Figueira da Foz para realização de tiro.
UNAP	07-Mai-13		Apoio ao Holmes Place com cedência da pista de 200mts do ex-BSS para a realização do "Military Training".
UNAP	07-Mai-13		Apoio ao HMR2 com cedência de viatura "vito" para transporte de equipamento sanitário do CSMC para o CME.
UNAP	10-Mai-13		Apoio à Polícia Judiciária de Coimbra com cedência da Carreira de Tiro da Gala/Figueira da Foz para realização de tiro.
UNAP	11-Mai-13		Apoio ao Holmes Place "Military Training" com cedência da pista de 200mts do ex-BSS e 02 viaturas "Land Rover Defender".
UNAP	13-Mai-13		Apoio a militares da GNR - Comando Territorial de Aveiro com cedência da Carreira de Tiro da Gala/Figueira da Foz para realização de tiro
RI13	15DEC12		Almoço de Natal nas instalações da Unidade - Idosos Vila Real - Câmara Municipal Vila Real.
RI13	21DEC12		Organização da Prova de atletismo de São Silvestre de Vila Real - Câmara Municipal de Vila Real e Associação de Atletismo de Vila Real.
RI13	09-Jan-13		Oferta de géneros alimentares ao Banco alimentar - Câmara Municipal Vila Real.
RI13	MENSAL		Cedência das Instalações das carreiras de tiro 25 / 300 Mt - PSP, GNR e Guarda Prisional de Vila Real, GNR do Porto e GIPS de Ribeira de Pena".
RI13	11-Fev-13	12-Fev-13	Alojamento e 1ªRefeição aos atletas participantes no XIII Torneio Internacional Carnaval- Câmara Municipal Vila Real.
RI13	15-Mar-13		Montagem e Operação da Torre Multiatividades - Município Santa Marta Penaguião âmbito Dinamização do Dia Mundial da Floresta".
RI13	22-Mar-13	23-Mar-13	Alojamento a participantes em Ação de Formação - Proteção Civil de Vila Real".
RI13	19-Abr-13		Organização da IV Corrida Solidária para 300 crianças e mostra de material militar com visita ao Museu do RI13 - Agrupamento de Escolas Diogo Cão".
RI13	19-Abr-13	21-Abr-13	Cedência de Tribuna - UTAD âmbito Missa Bênção de Pastas.
RI13	17-Abr-13	24-Abr-13	Cedência de Tenda de Campanha - UTAD no âmbito da Semana Académica".
RI13	11-Mai-13		Apoio com Viatura para transporte de bicicletas Régua-Vila Real - UTAD - Departamento de Desporto Exercício e Saúde".
RI13	25-Mai-13		Cedência de Tribuna - UTAD no âmbito da 10ª Edição do MatUTAD - Departamento Matemática".
RI14	12-Jan-13		Visita de antigos militares ao RI14.
RI14	21-Jan-13	05-Fev-13	Visita do Agrupamento de Escolas da Zona Urbana de Viseu ao RI 14.
RI14	31-Jan-13		Apoio à realização do Corta Mato Distrital Escolar 2013
RI14	07-Fev-13		Visita ao ri 14 do Agrupamento de Escolas de Mundão - Viseu.
RI14	21-Fev-13		Apoio à realização do Torneio de Boccia.
RI14	07-Mar-13		Apoio à Escola Profissional Marina Seixas na realização do "V CONCURSO DE EMPREENDEDORISMO E INOVAÇÃO GPS-INOVIS 2013".



UNIDADE	PERÍODO		TIPO DE APOIO
	DE	A	
RI14	17-Mar-13		Prova Pedestre Os Viriatos; Concerto pela Infantuna de Viseu e grupo Gospel de Coimbra.
RI14	19-Mar-13		Cerimónias militares comemorativas do Dia da Unidade.
RI14	21-Mar-13		Reflorestação da Serra do Crasto, atividade inserida nas comemorações do Dia da Árvore.
RI14	22-Mar-13		Visita da Associação Portuguesa para as Perturbações de Desenvolvimento e Autismo- Viseu.
RI14	24-Mar-13		1º Passeio BTT RI14
RI14	27-Mar-13		Visita da Associação Amos de Mazelos de Viseu.
RI14	09-Abr-13		Comemorações do 95º Aniversario da Batalha de La Lys - Dia do Combatente.
RI14	13-Abr-13		Apoio aos alunos do Instituto Piaget de Viseu.
RI14	20-Abr-13	25-Abr-13	Apoio aos alunos do Instituto Piaget de Viseu.
RI14	20-Abr-13		Apoio à APPCDM-Viseu.
RI14	23-Abr-13		Visita de estudo ao RI14 por parte do Agrupamento Escolas de Castro D´Aire
RI14	23-Abr-13		Apoio à Federação Académica de Viseu, materializado na montagem de uma tribuna.
RI14	25-Abr-13		Apoio do RI14 à Câmara Municipal de Viseu "Rota do Rancho" edição 2013.
RI14	26-Abr-13	27-Abr-13	Apoio a um grupo de militares da Marinha portuguesa para um passeio de BTT.
RI14	28-Abr-13		Apoio à Associação de Ex-Combatentes Beirões - Mangualde, com a presença de 1 secção.
RI14	28-Abr-13	29ABR13	Apoio a um grupo de militares do HMR N.º1 para passeio de BTT.
RI14	01-Mai-13		Apoio à Associação de Comandos, comemorações do 33º aniversário.
RI14	04-Mai-13		Apoio às Comemorações do Aniversário da Associação dos Deficientes das Forças Armadas, Delegação de Viseu.
RI 14	07-Mai-13		Visita do Agrupamento de Escolas de Aguiar da Beira ao RI 14.
RI 14	16-Mai-13	19-Mai-13	Participação nas comemorações da " Noite dos Museus e Dia Internacional dos Museus" da cidade de Viseu.
RI19	16-Mar-13		Visita do Bat Caçadores nº 3834 as instalações do RI19.
RI19	07-Abr-13		Transporte de imagem de N.ª Senhora das Brotas desde o nicho do Brº dos Fortes até ao Forte de S. Neutel.
RI19	09-Abr-13		Cerimónia de homenagem aos mortos na comemoração do dia do combatente na batalha de La Lys



## EXERCENDO CIDADANIA



UNIDADE	PERÍODO		TIPO DE APOIO
	DE	A	
RI19	14-Abr-13		Organização do "II XCO Btt-Fronteiros de Chaves" com o apoio da Câmara Municipal de Chaves, UVP/FPC, ARCVR e Btt Clube de Chaves.
RI19	27-Abr-13		Uma secção apoiou a Liga dos Combatentes na homenagem realizada pela Associação dos Veteranos da Legião Francesa em Portugal aos Combatentes da Guerra do Ultramar.
RAAA1	05-Jan-13		Concerto em Beja pela Banda do Exército no Cine teatro "Pax Julia".
RAAA1	06-Jan-13		Apoio na realização de obras nas caves manuelinas do Museu Militar em Lisboa
RAAA1	14-Jan-13		Concerto em Elvas pela Banda do Exército no âmbito da cidade de Elvas e das linhas de Elvas.
RAAA1	31-Jan-13		Apoio ao corta Mato das Forças Armadas organizado pela GNR em Queluz, com a montagem de uma tenda insuflável de quatro arcos e uma tenda insuflável de dois arcos.
RAAA1	07-Fev-13		Participação da Banda do Exército na Guarda de honra ao CEME espanhol em Lisboa.
RAAA1	14-Mar-13		Colheita de sangue em parceria com o Instituto Português do Sangue.
RAAA1	01-Abr-13	30-Abr-13	Serviço de Guarda no Monumento dos Antigos Combatentes no Forte do Bom Sucesso em Lisboa.
RAAA1	06-Abr-13		Participação da Banda do Exército nas comemorações da Batalha dos Atoleiros em Fronteira.
RAAA1	06-Abr-13		Participação da Banda do Exército nas comemorações da Batalha de La Lys na Batalha.
RAAA1	12-Abr-13		Concerto pela Banda do Exército na cidade de Abrantes.
RAAA1	19-Abr-13		Concerto pela Banda do Exército na Embaixada da Venezuela em Lisboa
RAAA1	24-Abr-13		Participação do RAAA1 no Exercício "Tritão 13", organizado pelos SNPC de Sintra.
RE3	19-MAR-13	30-MAR-13	O RE3 emprestou 150 colchões ao Esmoriz Ginásio Clube, apoiando deste modo na realização do Torneio Internacional de Voleibol de Esmoriz – TIVE 2013.
RE3	20-ABR-13		Um grupo de 50 ex-militares do antigo G.A.C.A. N.º 3 efetuou uma visita ao Regimento. Do programa da visita fez parte uma missa na capela.
RE3	20-ABR-13		Um grupo de 50 ex-militares do antigo G.A.C.A. N.º 3 efetuou uma visita ao Regimento. Do programa da visita fez parte uma missa na capela.
RE3	05-MAI-13	09-MAI-13	Apoio à Ordem de Malta na peregrinação a Fátima, através da montagem de duas tendas 16P, colchões, cobertores e um atrelado de água.
RC6	25-Jan	29-Jan-13	Apoio a uma delegação de 5 cadetes franceses da "Ecole Militaire Inter Armes" que visitaram o Regimento.
RC6	09-Fev	10-Fev-13	Apoio ao Hóquei Clube de Braga com alojamento e alimentação para cerca de 60 pessoas.
RC6	19-Fev-13		Apoio à GNR de Braga com cedência de Parque de viaturas no âmbito exercício realizado pela equipa de inativação de engenhos explosivos do destacamento da GNR de Braga.
RC6	19-Fev-13		Apoio ao Hospital de Braga com uma ação de "Team Building"



## EXERCENDO CIDADANIA



UNIDADE	PERÍODO		TIPO DE APOIO
	DE	A	
RC6	21-Fev-13		Apoio ao Hospital de Braga em Parceria do Instituto Português do Sangue e da Transplantação no âmbito de recolha de sangue.
RC6	10-Mar-13		Apoio com uma Guarda Honra na Procissão dos Passos em Real.
RC6	13-Mar-13		Apoio à Escola secundária Carlos Amarante no VIII Open de Orientação Escolar.
RC6	15-Mar	17-Mar-13	Apoio à Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto com cedência de Instalações.
RC6	21-Mar-13		Apoio ao Banco Alimentar Contra a Fome em Braga com 01 viatura e 03 militares no âmbito de mudança de Instalações.
RC6	23-Mar-13		Presença de uma Guarda de Honra no Cortejo de Guiões em Braga.
RC6	26-Mar-13		Apoio à GNR de Braga com cedência de Parque de viaturas no âmbito exercício realizado pela equipa de inativação de engenhos explosivos da GNR Braga.
RC6	29-Mar-13		Apoio com uma Guarda de Honra na Procissão de Sexta-feira Santa em Braga.
RC6	06-Abr-13		Apoio à Sociedade de Tiro de Braga com cedência de Instalações.
RC6	06-Abr-13		Apoio à Câmara Municipal de Braga com cedência e montagem de 01 tenda em Braga, no âmbito do Dia Mundial da Atividade Física
RC6	07-Abr-13		Apoio à Associação para a Inclusão e Apoio ao Autista de Braga com cedência e montagem de 01 tenda em Braga.
RC6	09Abr-13		Apoio na Batalha de La Lys com a presença de uma força de efetivo de Secção e clarim, para prestar Honras Militares, durante a Celebração Eucarística e no Monumento aos Combatentes.
RC6	11-Abr	15-Abr-13	Apoio à Agro 2013 com cedência de 22 camas, 02 cavalos com instrutor no âmbito da 46.ª Feira Internacional de Agricultura e Alimentação.
RC6	16-Abr	17-Abr-13	Apoio ao Hospital de Braga com uma ação Team Building.
RC6	28-Abr-13		Apoio à Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão com Deficiência Mental com cedência e montagem de 01 tenda de 4 arcos em Braga.
RC6	23-Abr	25-Abr-13	Apoio ao Centro de Recrutamento de Braga e ao Município de Famalicão com cedência de 01 viatura V150, e 01 viatura Pandur para exposição na quinzena da Educação – Mostra Pedagógica e Oferta Formativa.
RC6	26-Abr	29-Abr-13	Apoio à Direção de Obtenção de Recursos Humanos com 03 viaturas blindadas (01 viatura Pandur Vigilância Campo de Batalha, 1 viatura Pandur RWS e 01 Viatura Pandur Porta Canhão), 01 Rede de Camuflagem de Viatura Blindada, 08 Redes de Camuflagem individuais e a Torre Multiactividades, no âmbito de uma atividade de divulgação na Feira Qualific@ - Fórum de Educação, Formação, Juventude e Emprego, na Exponor em Matosinhos.
RC6	28-Abr-13		Apoio à Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão com Deficiência Mental com cedência e montagem de 01 tenda em Braga.
RC6	03-Mai-13		Apoio ao Hospital de Braga com uma ação Team Building.
RC6	03-Mai-13		Apoio com uma Força de efetivo Secção (01 Sargento e 07 Praças) a fim de prestar Guarda de Honra ao Pálio, no decurso da procissão da Invenção da Santa Cruz de Barcelos.
RC6	03-Mai-13	10-Mai-13	Exercício Mercúrio13 no RI19 em Chaves.

Tsunami recomenda o Windows 8.

"Todas as grandes coisas são simples."

Sir Winston Churchill



PORTUGAL. A MINHA PRIMEIRA ESCOLHA.



© DEPT. MKT • P - Inspiring Knowledge

## Então porquê complicar?

Foi a pensar nisto que concebemos o novo Tsunami® Simple 15Z-17. Não está equipado com o último grito da tecnologia, nem é um computador ultra-poderoso, concebido a pensar nos jogos de última geração. O Tsunami Simple 15Z-17 é simplesmente um computador concebido para lidar com as tarefas mais simples do dia-a-dia de qualquer escritório, de forma fiável e segura. Equipado com o Windows 8, utilizar um processador de texto, formatar a sua folha de cálculo, consultar e-mails ou navegar na internet nunca foi tão simples. Simplifique o seu trabalho.

## Tsunami Simple 15Z-17

Windows 8 64bits Português

Intel Core™ i7-3770 (3.4GHz 8MB Cache)  
8Gb DDR3 1333 • HD 1Tb SATA3 7200rpm 6Gb/s  
nVIDIA GeForce GT640 2GB DDR3 • DVD +/- RW  
Teclado e Rato Óptico Microsoft c/ fio

799,00€ iva incluído



• Imagens do rato e teclado são meramente ilustrativas



SIGA-NOS NO FACEBOOK



WWW.TSUNAMI.PT

TSUNAMI®

# FORÇA BLINDADA DE RODAS

## Brigada Expedicionária

### FND 2006/12

Missão	FND	TO	Início	Fim	Comandante
 1ºBI/BrigInt/EUFOR		Bósnia	22-Jul-06	28-Fev-07	TCor Inf Joaquim Sabino
 CmdBrigInt/EUTM		Uganda/Somália	14-Set-11	01-Jun-12	TCor Art Mariano Alves
 2ºBI/BrigInt/KFOR		Kosovo	12-Set-07	14-Mar-08	TCor Inf João Magalhães
 AgrMIKE/BrigInt/KFOR			25-Set-08	25-Mar-09	TCor Cav Jocelino Rodrigues
 1ºBI/BrigInt/KFOR			25-Mar-09	25-Set-09	TCor Inf Fernando Teixeira
 GAM/BrigInt/KFOR			25-Set-11	25-Mar-12	TCor Cav Paulo Marques
 1ºBI/BrigInt/KFOR			25-Mar-12	25-Set-12	TCor Inf José Sá
 UNENG3/BrigInt/UNIFIL		Líbano	12-Nov-07	29-Mai-08	TCor Eng Manuel Carvalho
 UNENG4/BrigInt/UNIFIL			20-Mai-08	29-Nov-08	TCor Eng Jorge Caetano
 UNENG7/BrigInt/UNIFIL			02-Dec-09	01-Jun-10	TCor Eng João Almeida
 UNENG10/BrigInt/UNIFIL			23-Mai-11	16-Jan-12	TCor Eng Augusto Sepulveda
 2ª OMLT/BrigInt/ISAF		Afeganistão	22-Out-08	25-Abr-09	TCor Art Luís Henriques
 3ª OMLT/BrigInt/ISAF			13-Abr-09	23-Out-09	TCor Inf Paulo Santos
 4ª OMLT/BrigInt/ISAF			19-Out-09	12-Abr-10	TCor Art Luís Monsanto
 5ª OMLT/BrigInt/ISAF			12-Abr-10	17-Out-10	TCor Inf Joaquim Pereira
 6ª OMLT/BrigInt/ISAF			17-Out-10	17-Abr-11	TCor Inf João Godinho
 7ª OMLT.G/BrigInt/ISAF			17-Abr-11	19-Out-11	TCor Art António Paradelo
 8ª OMLT.G/BrigInt/ISAF			19-Out-11	21-Abr-12	TCor Art José Conceição
 3º Módulo Ap/BrigInt/ISAF			13-Abr-09	23-Out-09	TCor Cav Joaquim Conceição
 4º Módulo Ap/BrigInt/ISAF			19-Out-09	12-Abr-10	TCor Inf Arnaldo Costeira
 5º Módulo Ap/BrigInt/ISAF			12-Abr-10	17-Out-10	TCor Cav Manuel Lapa
 6º Módulo Ap/BrigInt/ISAF			17-Out-10	17-Abr-11	TCor Inf Rui Cleto
 UnAp/1ºCN/ISAF			17-Abr-11	19-Out-11	TCor Inf Luís Basto
 6ºCN/ISAF			26-Mar-13	Set-13	Cor Paulo Geada
 NTM – I			Iraque	12-Fev-06	05-Ago-06
 NTM – I		05-Ago-07		13-Fev-08	TCor Cav Carlos Sernadas

